FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 9 DE MAIO DE 1968 ANO 48.º — NÚMERO 16 303

Edição da noite

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

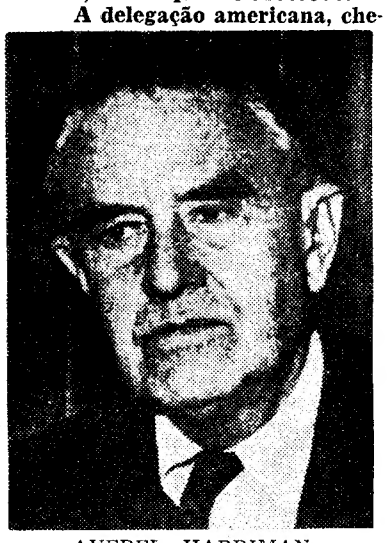
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
END. TEL. DIBOA — TELEX. 1363 RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

CHEGOU A PARIS O CHEFE DA DELEGAÇÃO NORTE-VIETNAMIANA

PARIS, 9 — (F. P.) — Xuan Thuy e os membros da delegação da República Democrática do Vietnam chegaram às 15 e 05 ao aeródromo do Bourget, procedentes de Hanói, via Pequim e Moscovo.

XUAN THUY

A delegação americana, chefiada por Averell Harriman, e a delegação norte-vietnamiana, dirigida por Xuan Thuy, encontrar-se-ão amanhã à tarde no Centro das Conferências Internacionais — indicam de fonte idónea.



AVEREL HARRIMAN

«VAMOS EXPLORAR TODAS AS POSSIBILIDADES» — DECLAROU HARRIMAN À PARTIDA

WASHINGTON, 9 — (R.) — Averell Harriman, o veterano diplomata americano, partiu hoje de avião para Paris, onde vai chefiar a delegação americana às negociações com o Vietnam do Norte, declarando à partida: «Não deixaremos por explorar qualquer via para uma paz honrosa.

«Vamos a Paris animados de boa fé e num espírito de sinceridade» — disse.

«Se da parte contrária existir o mesmo espírito alcançaremos progresso no sentido de uma solução pacífica».

O avião em que segue Harriman e os seus colaboradores partiu às 11 e 40 (t. m. G.) e deverá chegar a Paris pouco depois das 20 horas locais.

A bordo do mesmo avião seguiu o secretário da Defesa, Clark Clifford, que vai a Bruxelas tomar

(Continua na ultima página)

As mulheres tomam o poder numa cidade indiana

NOVA DELHI, 9 — (F. P.) — As mulheres tomaram as «rédeas do poder» na cidade indiana de Tadsonna, situada a 300 km a oriente de Bombaim.

Os homens resolveram deixar as mulheres formarem o conselho municipal da cidade. Nenhum elemento masculino se apresentou nas eleições municipais efectuadas na semana passada e o conselho, composto por nove membros, passou a ser inteiramente feminino.

O novo presidente declarou ter sido o exemplo da sr.ª Indira Gandhi que a levou a tomar parte activa na vida administrativa do país.

Quanto aos homens, parece que estão contentes com a nova administração...

DEFINITIVAMENTE: A TV NÃO TRANSMITE O BENFICA-JUVENTUS

Apesar da publicação de um comunicado da direcção do Sport Lisboa e Benfica, negando veracidade aos rumores que admitiam a possibilidade da transmissão pela R. T. P. do encontro desta noite, muitos entusiastas se mostravam ainda esperançados numa solução de última hora. Mas não. Segundo ás 18 h e 35 m junto dos Serviços de Relações Públicas da Radiotelevisão Portuguesa, está definitivamente assente que o jogo do Estádio da Luz não será televisionado. Assim nos garantiu peremptóriamente, um funcionário daqueles Serviços.

O DÓLAR NÃO SERÁ DESVALORIZADO – AFIRMAÇÃO DE UM BANQUEIRO SUÍÇO NO II ENCONTRO NACIONAL DE EXPORTADORES

(Ler na página central)

Os destroços calcinados do veículo lunar da N. A. S. A., de cujo desastre se salvou o astronauta Neil A. Armstrong, que se ejectou de pára-quedas. O custo do engenho era de dois milhões e meio de dólares. O acidente deu-se próximo da base aérea de Ellington e, segundo um informador, o astronauta encontrava-se num «hangar», discutindo o desastre, sem uma beliscadura, alguns minutos depois do acidente

BASTA UM PALPITE!

Será hoje conhecido (no jogo Benfica-Juventus) o minuto do 1.º golo

●

Amanhã (às 10 horas) já se sabem os nomes dos leitores que vão partir para Itália

(Ler na página 19)

BOB KENNEDY É TRÊS VEZES MAIS POPULAR ENTRE OS JOVENS DO QUE McCARTHY

WASHINGTON, 9 — (F. P.) — O senador Robert Kennedy é três vezes mais popular entre os jovens, como candidato á presidência, do que o senador Eugéne McCarthy, a julgar por uma sondagem da opinião publica efectuada por um grupo de edições escolares junto de 200 000 estudantes, dos 12 aos 18 anos.

Nestas «eleições», Kennedy obteve 168 921 votos, seguido de Richard Nixon (75 817), McCarthy (53 682), George Wallace, candidato dos segregacionistas do Sul (37 779), Lyndon Johnson (28 458), Nelson Rockefeller (9686) e Ronald Reagan (8793).

O vice-presidente Hubert Humphrey não figurou entre os «candidatos», nesta sondagem, organizada antes da sua entrada na corrida á Casa Branca.

HOJE — 32 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

UTILIZAÇÃO ILEGAL DE FUNDOS FEDERAIS NA CAMPANHA DE HUMPHREY?

FILADÉLFIA, 9 — (R.) — Está a decorrer uma investigação oficial, em Washington, para descobrir se fundos federais foram ilegalmente utilizados a fim de reunir uma multidão de pobres com o objectivo de saudarem o vice-presidente Hubert Humphrey quando chegou, a semana passada, a esta cidade.

(Continua na ultima página)

Nota do dia

O PROFESSOR EM TODA A PARTE

No elegante perfil de José Leite de Vasconcelos que traçou na inauguração da sala da Faculdade de Letras a que foi dado o seu nome, avivou o prof. Vitorino Nemésio alguns traços da personalidade do homem, do professor e do sábio que realmente foi ao longo dos seus anos de porfiado labor, em que cabe a lembrança da criação, por iniciativa de Bernardino Machado, do Museu Etnológico que hoje tem o seu nome. Chamar sábio a José Leite de Vasconcelos não é exagero, porque o foi no seu tempo e porque o seu legado é não só a obra que deixou escrita, como é também o abundante material que reuniu na sua permanente colheita e sobre o qual ainda hoje trabalham alguns grupos de especialistas. Do professor poderá dizer-se que não precisou de esperar pela sua nomeação para a Faculdade de Letras para começar a ensinar, na Biblioteca onde foi oficial ou onde quer que se encontrasse quem gostasse de o ouvir e mostrasse interesse em o entender. Como depois, catedrático em exercício ou já jubilado, nem que fosse de carro eléctrico, carregado de papéis, coberto com um guarda-pó e com um chapéu de palha furado, não se fazia estranho a quem se mostrasse solícito de o ouvir, conhecido ou desconhecido, jovem escolar que fosse a espevitar-lhe a atenção, que logo ele se desentranhava em perguntas e respostas, discreteando sem pompa, monólogo de sabedoria que ele tinha o delicado gosto de converter em simulacro de diálogo, professor em toda a parte, onde estivesse, onde houvesse quem sinais desse de querer aprender. Talvez o grande mestre não fosse especialmente versado em pedagogia, mas se o foi, nem disso precisava, porque era o docente nato, que não carecia de envergar vestes doutorais nem de subir à cátedra para exercer o seu nobre magistério. Ensinava e aprendia, ensinava sempre, estudava sempre. Nos nossos dias, em que os problemas do ensino dão para polémica diária, para debates agrestes ou até para solilóquios que ninguém ouve, o exemplo de Leite de Vasconcelos merece recordar-se: o exemplo do mestre que, para ensinar, não precisava de reformas, nem de programas, nem de horários. À maneira dos filósofos gregos, ele transmitia o seu saber a quem o quisesse ouvir.

Continuam por descobrir as causas da explosão verificada no lugar de Meogo

Ignoram-se ainda as causas da violenta explosão verificada anteontem no lugar de Meogo, Sanguedo (Vila da Feira), a qual matou instantaneamente dois rapazinhos e deixou outro ás portas da morte.

Espera-se que este, que se encontra internado, em estado muito grave, no Hospital de Santo António, consiga vir a explicar o que aconteceu, já que, de momento, só uma hipótese surgida ontem veio trazer uma sugestão que pode desvendar o mistério. Diz um doente internado na mesma enfermaria que o miudo, num breve período de lucidez, teria dito, com dificuldade, que bateram com uma pedra numa lata e que a mesma fez «pum».

Ontem, depois da autópsia aos outros dois mortos, um irmãozito do pequeno internado teria dito que eles bricavam com uma lata. Foi feita nova busca ao local e encontrou-se um filtro de motor de gasóleo, o qual, aliás, já fora visto no próprio dia, mas que não dava aspecto de ter alguma relação pelo facto de não cheirar a fumo, a pólvora, ou mostrar qualquer parte chamuscada. Apenas se encontrava rebentado dos dois lados e com desperdícios ainda embebidos de gasóleo.

eleição da **Princesa DAS "TEEN-AGERS" PORTUGUESA 1968**

DIÁRIO DE LISBOA e MAGAZINE

CUPÃO DE INSCRIÇÃO

Recorte este cupão junte duas fotos nas condições pedidas, e envie em carta

NOME .....

.....

MORADA .....

.....

LOCALIDADE .....

IDADE ..... PROFISSÃO OU ACTIVIDADE .....

.....

VAMOS ELEGER A PRINCESA DAS «TEEN-AGERS»

Aos 18 anos de idade, todos os sonhos são permitidos: para Maria Fernanda Andrade Severino, a estudante lisboeta que apresentamos aos nossos leitores, uma viagem a Chicago pode tornar-se realidade.

Às raparigas portuguesas (a quantas tenham idade compreendida entre os 16 e os 20 anos) seduziu e cativou a perspectiva aliciante de estarem presentes no desfile para eleição da «International Teen Princess», nos primeiros dias de Junho, em Chicago. Não admira portanto que sejam em número considerável as candidaturas enviadas á redacção de «Magazine» (Rua das Chagas, n.º 17, 1.º, em Lisboa) de jovens que pretendem tomar parte na final nacional, que se desenrolará, dentro de dias, nos salões de um hotel de Lisboa.

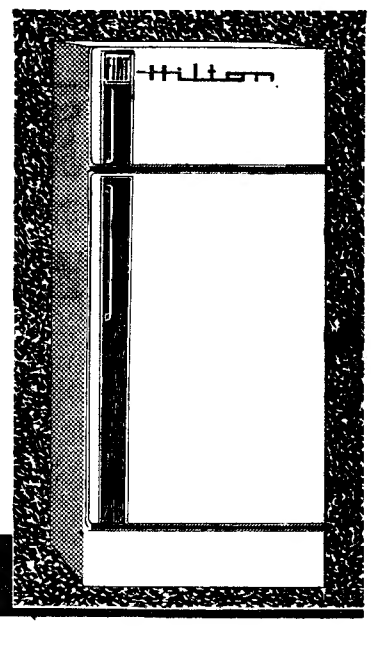
A eleição da princesa portuguesa das «Teen-Agers» é uma iniciativa de «Magazine», que «Diário de Lisboa» patrocina. Para concorrer, basta apenas preencher o cupão publicado naquela revista ou nas colunas do nosso jornal, colocando-lhe as indicações solicitadas (nome, morada, idade e profissão ou actividade da candidata) e juntar uma foto de busto e outra de corpo inteiro.

São em grande número os prémios a atribuir. Assim, á vencedora absoluta pertencerá a deslocação aos Estados Unidos da América do Norte, através dos excelentes aviões da TAP (viagem também para uma acompanhante); estadia pelo período de uma semana em excelente hotel da famosa organização Hillton; guarda-roupa completo com «toilette» de noite, vestido para desporto e fato de passeio, um fato de banho desenhado em modelo exclusivo pela Loja das Meias; dez pares de meias, para «toilette», em fantasia, como lembrança da Meia de Vidro; um secador de cabelo «Morphy Ricahrds», com estojo, oferta da Sida-Sueca; um vestido bordado de «cocktail», oferecido pela Lanalgo, e, òbviamente, um dos doze vestidos que a Bayer oferece ás raparigas que chegaram á final portuguesa.

Hoje apresentamos aos leitores do «Diário de Lisboa» mais uma jovem aspirante ao título nacional das «Teen-Agers»: Maria Fernanda Andrade Severino, estudante, de 18 anos de idade, natural de Lisboa.

Uma viagem em torno do Mundo, sem o menor dispêndio financeiro, pode pertencer a uma portuguesa. Isso, o ceptro e a coroa de um reinado que indelèvelmente permanecerá na lembrança de uma «teen-agers».

Quando o tema é o frio, muito frio, gelado, ou mesmo congelado...



Fala-se de HILTON sempre que uma conversa incide sobre bons frigoríficos. Porquê?... Porque há sempre uma faceta que coloca um frigorífico HILTON em evidência. Ou pelas suas linhas modernas e funcionais, ou pela técnica da vanguarda ou ainda pelo seu poder de refrigeração. Mas, sobretudo, pela confiança que inspira a TRADICIONAL QUALIDADE

FIAT

FRIGORÍFICOS

Hilton

a marca que recordamos quando se fala em muito frio

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL Frigel PORTO LISBOA | À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

pdi

A 1.ª BIENAL DE LEIRIA FOI ADIADA

LEIRIA, 9 — A 1.ª Bienal de Poesia da Cidade de Leiria que fora já anunciada para Junho, foi adiada para o Outono. Diversos motivos levaram a esta transferência de data para além de alguns que são de pura programação. Assim, segundo a Comissão Regional de Turismo, pretende «aproveitar-se uma estação como o Outono, particularmente sensível á sensibilidade dos poetas e abrangendo um período de aulas nos estabelecimentos de ensino da região, com maiores possibilidades de colaboração.

Integradas na 1.ª Bienal de Poesia de Leiria, estão previstas, entre outras cerimónias, uma Exposição Bibliográfica dos Poetas Simbolistas, outra Exposição de Poesia Ilustrada dos mesmos poetas e uma Feira do Livro de Poesia Portuguesa.

RECTÂNGULOS DA VIDA

MARIA JUDITE DE CARVALHO

COLECÇÕES

Ser coleccionador é um estado de espírito Não se nasce coleccionador; acontece. E num dia, num momento, a paixão toma posse de uma criatura e ela começa a juntar coisas e a guardá-las

Claro que há coleccionadores e coleccionadores. Os que têm dinheiro, e até muito dinheiro, juntam quadros de autores célebres (que às vezes fecham à chave com receio dos ladrões), imagens ou estatuetas de marfim Cristos ou Virgens de madeira. A palavra «coleccionador» surge-nos muitas vezes ligada à ideia de arte. Mas há coleccionadores de relógios vulgares, de moedas, de cinzeiros, de conchas, de selos, de chaves e até de carteiras de fósforos. Quando chegamos a este ponto verificamos que a febre da colecção só por acaso está ligada à arte e é, de facto, um simples estado de espírito. O homem rico que fecha a sete chaves os quadros que comprou por fortunas, e que quase nunca vê, e aquele que acumula as carteirinhas de fósforos que os amigos e conhecidos lhe trazem das cinco partes do mundo não estão longe um do outro a não ser pelas possibilidades económicas. A paixão é a mesma e ambos guardam ciosamente o seu tesouro (um dos quais não está ameaçado). A única diferença é que um dia, mais tarde, os herdeiros de ambos venderão os quadros com entusiasmo e varrerão com aborrecimento as carteiras.

Um coleccionador começa sempre por acaso Tem um ou dois relógios antigos, tem um ou dois quadros de valor, tem algumas moedas, tem algumas carteiras de fósforos que trouxe do estrangeiro. É um ponto de partida e então começa a comprar, a pedir, e a acumular. Claro que a colecção mais frequente é a de selos. Há muitas vezes correspondência com o exterior, amigos que ajudam, e eis o filatelista a correr mundo sedentàriamente sentado à sua secretária.

É amor o que o coleccionador sente pela sua colecção. Talvez que ela lhe dê mesmo a segurança, a tranquilidade dos seres em crescimento de quem há muito a esperar Uma colecção nada tem de comum com um objecto; é um ser misterioso porque sempre inacabado. E quando a colecção fica pronta, quando o ponto fina (que é o último objecto no tempo) aparece, é que o seu dono deixou de se preocupar com ela porque abandonou para sempre este vale de lágrimas

Ora diga-nos...

— Utiliza o «pronto-a-vestir»?

Os bons velhos tempos dos fatos feitos por medida estão a dar lugar, em muitos países, e até, em certa medida, nas nossas principais cidades, ao reinado do «pronto-a-vestir». Havendo dinheiro — ou equivalente... —basta entrar com uma ideia vaga do que se pretende, para sair, minutos mais tarde, já com a farpela nova no corpo. Eis o que pensam deste fenómeno três leitores do nosso jornal.

● —Já uma vez comprei um casaco feito — confessou-co feito — *confessou-nos o sr. Artur José da Silva, de 23 anos, actualmente a cumprir serviço militar.* — Mas continuo a preferir os fatos «por medida». Caem muito melhor.

—...mas não será muito mais prático?

— Evidentemente que sim, mas por enquanto... Está claro que, um dia, se «mandar fazer por medida» se tornar a tal ponto dispendioso que esteja acima das minhas posses, então voltar-me-ei para o «pronto-a-vestir».

● *Sob o mesmo guarda-chuva vinha a mulher do nosso primeiro entrevistado. Chama-se Maria Fernanda e tem 22 anos.*

— Eu vim há pouco para Lisboa (sou empregada de escritório). Em Santarém, de onde sou natural, apenas duas lojas vendem «pronto-a-vestir» e eu sempre me habituei a mandar fazer as minhas coisas por medida... Mas não duvido que, mais tarde, e agora que vivo em Lisboa, passe a utilizar essa modalidade. Aparecem sempre coisas muito bonitas e actuais.

● *Outra dactilógrafa, confessou-nos que opta por uma solução intermédia. Convém explicar que tem uma figura franzina, embora gentil, para compreender que...*

—... nem sempre encontro números que me sirvam. E tenho bastante pena, porquanto o «pronto-a-vestir» é mais económico e apresenta sempre as últimas novidades... Já me tem acontecido comprar um fato feito e ser obrigada a mandá-lo para a modista, porque me chega até aos pés. Por este motivo, mando quase sempre fazer os meus fatos.

ESPANHA-INGLATERRA

O ESTÁDIO DE CHAMARTIN É ILUMINADO COM PROJECTORES «INFRANOR»

Representados em Portugal por

electro reclamo LIMITADA

R. DA MÃE D'ÁGUA, 32

LISBOA-TELEF. 325383

O ALMIRANTE BRASILEIRO SÍLVIO MOUTINHO CHEGOU A LISBOA

Encontra-se em Lisboa, onde chegou esta manhã, por via aérea, o almirante Sílvio Moutinho, ministro superior do Tribunal Militar do Brasil, e que era chefe do Estado-Maior da Armada na altura em que uma esquadra brasileira visitou os portos de Angola.

O almirante Sílvio Moutinho, filho de portugueses e grande amigo de Portugal, que considera sua segunda pátria, ficará entre nós umas três semanas. Visitará suas tias, que vivem em Cucujães.

A esperá-lo, no aeroporto, estavam, entre outras personalidades, o ministro do Exército e o chefe de gabinete do ministro da Marinha.

Durante a sua estadia em Portugal, o almirante Sílvio Moutinho será hóspede do Exército e da Armada.

Foi criada a Sociedade Portuguesa de Cirurgia

A Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa aprovou a criação, dentro do seu âmbito, da Sociedade Portuguesa de Cirurgia.

A proposta, sobrescrita por numerosos cirurgiões de todo o País, foi aceite por aclamação, numa sessão presidida pelo prof. Cid dos Santos, secretariado pelo prof. dr. Artur Torres Pereira e dr. Fernando de Oliveira Pinto.

No final, o prof. Cid dos Santos congratulou-se pela instituição desta sociedade, que veio preencher uma lacuna na actividade científica portuguesa.

Conferência na Faculdade de Medicina

«A cultura organotípica de cancros animais e humanos» foi o tema hoje tratado, ao começo da tarde, na Faculdade de Medicina, pelo prof. Etienne Wolff, que se deslocou a Lisboa com o patrocínio do Instituto Francês.

A conferência, proferida no Instituto de Histologia e Embriologia, no Hospital Escolar, teve a presença de professores, assistentes, médicos e alunos, que seguiram, interessadamente, a explanação do ilustre mestre.

Amanhã, o mesmo professor falará sobre «Interacções entre os tecidos indutores e receptores na génese dos órgãos no embrião das aves».

Hospitais Civis

Realiza-se amanhã, ás 21 horas, no gabinete do enfermeiro-mor dos hospitais Civis de Lisboa, a cerimónia da posse do dr. João Maria Virgílio Sanches Inglês Esquível, no lugar de assistente de radiologia daqueles hospitais.

Setúbal volta a eleger a «Rainha do Sado»

SETÚBAL, 9 — A cidade de Setúbal vai voltar a eleger a «Rainha do Sado», concurso que, nos anos anteriores, tem entusiasmado a sua população e provocado a maior controvérsia.

A eleição da «Rainha do Sado»-1968 fica a dever-se a uma decisão da Comissão de Festas da Cidade de Setúbal e será integrada no programa da Feira de Sant'Iago deste ano. O concurso sera o ponto mais animado e discutido dos festejos — assim o considera a comissão organizadora.

O êxito invulgar alcançado nas três realizações anteriores permitem prever, justificadamente, o interesse que despertará, quer no público que esgota os recintos onde decorrem as eliminatórias, quer entre a juventude feminina.

Não há dois sem... triplex

Sem TRIPLEX?... Sim.
A máquina de lavar que é o complemento ideal dum lar feliz. Com ela não há canseiras de lavagem de roupas... trabalha por si (e para si), silenciosamente... automàticamente... sempre pronta a colaborar para a sua felicidade.

Robusta, mas elegante, de fácil manejo e resistência excepcional, traz consigo toda a experiência técnica duma das maiores fábricas da Europa.
TRIPLEX, é fama.
E, para si, fama... e proveito.

PARA AS MÁQUINAS DE LAVAR TRIPLEX RECOMENDA-SE O USO DO DETERGENTE ESPECIAL skip

MÁQUINAS DE LAVAR

TRIPLEX

complemento ideal do lar feliz.

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL:
MANUEL D'ARAÚJO SERRA
ESCRITÓRIOS CENTRAIS: R. dos Fogueteiros, 107-125 — Tel. 951388/9 S. MAMEDE DE INFESTA
EXPOSIÇÃO E VENDAS: R. da Restauração, 471 — PORTO

DISTRIBUIDORES EM LISBOA:

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO, 3 A 9 — TELEF. 53 14 87

DIVERSÕES

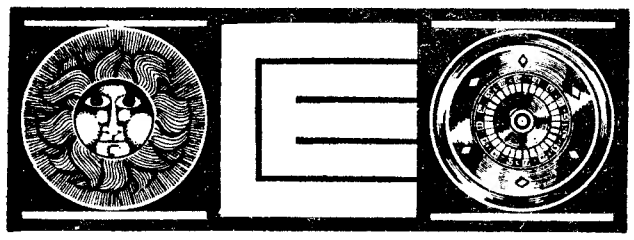
TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

● *Deve principiar ainda este mês a digressão pela província da Companhia do empresário José Miguel, com a revista «Arroz de miúdas»*

● *Aníbal Nazaré e João Nobre começaram a escrever uma revista que se destina, muito provàvelmente, ao Teatro Maria Vitória.*

● *A actriz Laura Alves deve reaparecer ao público de Lisboa, no Monumental, no desempenho da peça «Noites de Cabíria».*



NOVO CASINO ESTORIL

THE OTHER BROTHERS

VEDETAS DO CINEMA, DA TV E DO DISCO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

PALERMO AND PHILLIPS

HELENA TAVARES

THE RICHARD KENT STYLE

EDUARDO NASCIMENTO

e "OS ROCK' S"

JORGE COSTA PINTO

e sua orquestra

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

No CINEMA, às 21 e 30:

CAMARADA PRINCESA, AGENTE EM LONDRES

(M/ 17 ANOS)

DIA 16 EM ESPECTÁCULO EXTRAORDINÁRIO

JULIETTE GRECO

TEATRO VILLARET

A atracção italiana «The Modern Five» pela 1.ª vez em revista

Na magnífica revista «Pão, Pão... Queijo, Queijo», que os produtores Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam no Teatro «Maria Vitória» brilha agora a espectacular atracção italiana «The Modern Five», que, pela primeira vez, participa em espectáculos de revista.

A caminho de um ano de exibição («record» bem difícil de igualar), «Pão, Pão... Queijo, Queijo» ostenta o mais qualificado cartaz das noites lisboetas: Eugénio Salvador, José Viana, a vedeta internacional Africa Prats, a actriz Mariema, Max, Anita Guerreiro, Dora Leal, Vítor Mendes, as jovens discípulas Julia Alves, Sara Rafael e Maria Antónia, e o já famoso automóvel-voador, lindíssimas bailarinas e, também, a atracção transalpina «The Modern Five», que todas as noites (pelas 20 e 45 e 23 horas) arrebata o mais exigente espectador

Original de José Galhardo e João Nobre, com música de João Nobre e Carlos Dias, a revista «Pão, Pão... Queijo, Queijo» com montagem de Hernani e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa de António Paiva (executado sob direcção de Josefina Soares), direcção musical de Carlos Dias, coreografia de Mariaro Franco e encenação de Salvador.

A B C

«Arroz de Miúdas» — um êxito total

É sempre renovado o êxito da revista «Arroz de Miúdas», o espectáculo do ano, o mais alegre, o mais popular. «Arroz de Miúdas», uma produção do empresário José Miguel, inscreve-se no historial do teatro «A B C» como sendo a revista de maior sucesso, a que mais lotações esgotou, resumindo, no êxito máximo do popular teatro lisboeta.

São autores do texto Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e escreveram a música João Nobre e João de Vasconcelos. A coreografia foi concebida por Charles e Mário Alberto desenhou os figurinos e dirigiu a montagem. A cenografia tem a assinatura de José Manuel e o guarda-roupa foi executado nos Ateliers Paiva, sob a orientação de Josefina Soares

Do maior nível é o elenco que interpreta «Arroz de Miúdas», um elenco composto pelas vedetas do momento: Aida Baptista, Carlos Coelho, Natalina José. Oscar Acursio, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Carlos Gonçalves, Guida de Carlo, Fernanda Franco, Elizabete, Nela Duarte, os bailarinos internacionais Jacqueline, Khaty e Clarysse, os bailarinos Ribas e Orlando, um sensacional conjunto de bailarinas portuguesas e, a grande

(Continua na 6.ª página)

TEATRO VARIEDADES

★ QUATRO ÚLTIMOS DIAS

★ SÓ ATÉ DOMINGO! COM UM ESPECTÁCULO DELIRANTE

★ à noite: às 21.45 horas a grandiosa farsa

O COMISSÁRIO DE POLÍCIA

para reaparição de

★ MIRITA CASIMIRO ao lado do actor

★ MÁRIO PEREIRA e de um grande elenco!

VERDADEIRO FESTIVAL DE GARGALHADA encenado por CARLOS AVILEZ

12 ANOS

CAPITÓLIO

Telef. 320379

HOJE, às 21.45 h.

M/ 17 anos

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

AS TRÊS PERFEITAS CASADAS

de A. CASONA

Trad. de Norberto Lopes

com Mariana Rey Monteiro e um grande elenco

SÁBADO — ULTIMA TARDE A PREÇOS REDUZIDOS

mercado de Abril

ZONA DE BELÉM

Abril em Portugal

COMISSARIADO DO TURISMO

CENTRO DE VENDA DE ARTESANATO

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Exportação

FRAGATA DO TEJO

Fundeada junto á muralha com acesso pelo Centro de Artesanato

Com a colaboração da JUNTA NACIONAL DO VINHO

— das 13 ás 15 horas —

CALDEIRADA A FRAGATEIRA

— das 18 às 22 horas —

PROVA DE VINHOS DE MARCA

— A partir das 23 horas —

CEIA COM SERVIÇO DE VINHOS DE MARCA

FADOS por Ada de Castro acompanhada pelos guitarristas António Cheinho e José Maria Nóbrega

TELEFONE 61 37 12

RESTAURANTE DO MERCADO

(COM SERVIÇO DE BAR)

Para divulgação da Cozinha e dos Vinhos Portugueses

Colaboração da Junta Nacional do Vinho e outros Organismos Vinícolas bem como do comércio da especialidade

HOJE

JANTAR

EMPADINHAS DE LAMPREIA COM PRESUNTO DE CASTRO LABOREIRO

SÁVEL, DO RIO MINHO, FRITO COM SALADA VERDE

CABRITO ASSADO À VATICANO

BARRIGAS DE FREIRA

VINHOS

VINHO VERDE «BALBOA» (branco) — Soc. Com. Thetónio Pereira.

ALIANÇA — TINTO VELHO — Caves Aliança

AMANHÃ

ALMOÇO

SOPA DE COUVE-FLOR

BACALHAU À GOMES DE SÁ

LOMBO DE PORCO ASSADO À MODA DE BRAGA

MAÇÃ ASSADA COM VINHO DO PORTO

VINHOS

DOM BASÍLIO (branco) — Comp. Com. C. Vinhas

MENAGEM (tinto) — Soc. Com. Abel Pereira da Fonseca

À noite: FADOS por Mercês da Cunha Rego, Manuela Novais, José Julio de Moraes e João Braga com os guitarristas Fontes Rocha e Júlio Gomes

(para maiores de 12 anos)

Preço por refeição (tudo incluído) ..... Almoço 90$00 Jantar 100$00

Reserva de mesas pelo telefone 61 37 13 das 10 às 19 horas

Abertura: 12 horas — Encerramento: 24 horas

enciclopédia de bolso bertrand

História Mundial da Arte

Síntese da Arte de todo o mundo, da Pré-História aos nossos dias.

Em seis volumes, num conjunto metódico de texto e imagem, apresentam-se as fases essenciais do movimento que fez evoluir as artes plásticas de cada civilização — na Europa, no Oriente, na América, na África — desde a sua expressão mais primitiva às suas mais altas criações.

Acaba de sair o primeiro volume:

DA PRÉ-HISTÓRIA À GRÉCIA ANTIGA

por Everard M. Upjohn, Paul S. Wingert e Jane Gaston Mahler

Volume ilustrado de 276 páginas: 45$00

LIVRARIA BERTRAND

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

FUTEBOL EM MADRID — **...Este maravilhoso grande plano de bola parada, quieta, recortada, sulcada de nervuras, de cicatrizes, e, no entanto, ingénua, esquecida de tudo, e até com certo ar feliz de estar sendo retratada, admirada.**

.. Esta expressão tão próxima de nós, tão verdadeira, do jogador todo entregue ao esforço de perseguir uma bola que vai escapar-se pela linha lateral...

.. Este saltitar nervoso do guarda-redes, de olhos fixo num perigo não remoto, uma inquietação que se nos comunica, nos arrasta, nos faz participar de um jogo que nos não responsabiliza emocionalmente e que podemos analisar a frio, estranho a nós como é, Inglaterra ou Espanha ganhe qualquer ou, como o outro que diz (há sinceridade nisso?) «ganhe o melhor»...

Ficaria para aqui tempo incontável a contar as excelências da realização a todos os títulos notável. Caramba, como os nossos vizinhos já trabalham bem! E como tomaram isto a sério! E a quantidade de câmaras que tinham em serviço! E nem um instante só de distracção. E a exemplar isenção de que deu provas ao denunciar as picardias de um e do outro lado. E a preocupação constante de fazer jornalismo, de tratar a reportagem, de fazer a transmissão funcional, utilitária, ao serviço do telespectador.

A repetição dos golos, sistemáticamente dada, foi outro atractivo desta realização. E não nos esqueçamos de mencionar a indicação dos nomes dos marcadores dos golos logo a seguir, com a bola ainda dentro da baliza. Este pormenor, na singela aparência, demonstra uma excelência de organização a que não estamos habituados. Fazer bem o que se tem a fazer — eis o lema do realizador encarregado de um trabalho difícil como é a reportagem de um desafio de futebol.

Ah, é verdade, vocês lembram-se das primeiras imagens? A camara que parte da serra com suas grandes manchas brancas, sobrevoa os arranha-céus, paira sobre os telhados irregulares e, suavemente aterra no imponente estádio onde cem mil pessoas cantam, num coro impressionante, o «Lá, lá, lá» que venceu o festival da canção, «Lá, lá, lá» transformado em hino futil para um momento futil, deixemo-nos de fanfarronices patrióticas quando se trate de hóqueis e futebóis, o «Lá, lá, lá» é que está bem, é que vem a propósito, o resto são exageros que se tornam ridículos de tão ninharias que são.

DR. KILDARE — Depois de futebol, «Kildare». É de desesperar. A máquina de fossifutilizar dois (ou três) milhões de telespectadores funciona em todo o seu esplendor. E nada mais nos resta se não deitar as mãos á cabeça e pedir socorro em surdina, quase só para nós, para a nossa consciência atormentada de tanto perigo encoberto em tanta fantasia defraudada, mentida, socialmente demolidora.

A falsidade é denunciada logo a partir das primeiras imagens. E os telespectadores, cinco minutos depois de a fita começar, já sabem qual é o seu desfecho, já estão dentro do negócio, já sabem o que a casa gasta, ah, aquela freirinha que diz coisas tão acertadas e é tão bonita e leva cá uma destas bofetadas sem pestanejar e com uma destas atitudes resignadas e tão doces, tão próprias das almas de eleição, as capazes de dar a outra face, etc.

A tintura de verdade foi conseguida através de expressões especializadas de grande efeito — o latim que a ignorância tanto admira. Imaginem que a penicilina era dissolvida em 100 centímetros cúbicos de sal isotónico. Imaginem que havia brandura na região subcondral, o que não deixava de perturbar o sereno Gillespie, também vejam lá onde havia brandura! Isto sem falar na taquicardia do pobre doente, e do indispensável exame urográfico para nós, telespectadores, podermos avaliar, podermos ver pelos nossos olhos, se há qualquer sarilho, qualquer «trouble» no pielograma...

Só foi pena foi aquela enfermeirinha, a Glória Carrol, não ter aparecido um pouco mais na fita. Sempre animava, com suas verdades e sinceridades evidentes, o ambiente frio da clínica do patrão Gillespie.

Bom. Não se suponha que o episódio do Kildare de ontem rodou apenas com o xarope do costume. Não. Houve momentos de grande reflexão, de inquietação espiritual á base da metástase principalmente. E houve até aquela suficiente dose de incompreensível que torna as grandes obras familiares do homem. Estou a lembrar-me da formidável frase do Gillespie: «*Sou contra o pecado e contra a maternidade americana*». Não percebi nada, mas é muito bonito. É ou não é? — *M. C.*

HOJE PODE VER...

● **Às 22 e 25: Variedades**

No programa de Variedades, de hoje, que a R. T. P. apresenta, sob o título «Riso e Ritmo», intervêm os artistas Delfina Cruz, Manuela Maria, Armando Cortês Francisco Nicholson, Carlos Coelho, Artur Semedo, Orlando Fernandes, Tania Pegeva, Fernando Santos, Alfredo Ribeiro, Milá, Toloia, João Fernando e ainda o Conjunto Sem Nome, Ballet R R. Dancers e a orquestra de Jorge Costa Pinto.

Colabora também neste programa, que foi realizado por Pedro Martins e tem cenários de António Casimiro, a cantadeira Deolinda Rodrigues

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

ORGANIZAÇÃO NACIONAL MOCIDADE PORTUGUESA

CINEMA TIVOLI

SÁBADO, 11 DE MAIO, ÀS 18.30 HORAS

MÚSICA PARA ESTUDANTES

CONCERTO SINFÓNICO DE ENCERRAMENTO DO CICLO DE DIVULGAÇÃO MUSICAL DE 1967/8

pela

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

dirigida pelo MAESTRO

SILVA PEREIRA

sendo solista

O PIANISTA NORTE-AMERICANO

RUDOLF FIRKUSNY

ABERTURA EGMONT — BEETHOVEN
CONCERTO N.º 3, em DÓ MENOR — BEETHOVEN
CONCERTO N.º 1, em RÉ MENOR — BRAHMS

Os bilhetes para o concerto são distribuídos pelos Serviços Culturais da Mocidade Portuguesa — Palácio da Independência — Largo de S. Domingos

O AGENTE DIABÓLICO

("Agent for H.A.R.M.")

UMA GRANDE AVENTURA MODERNA!

UMA AVENTURA DIFERENTE E TREMENDAMENTE EXCITANTE!

COLORIDO

UM GRANDE ELENCO
MARK RICHMAN
WENDELL COREY
CARL ESMOND
BARBARA BOUCHET
RAFAEL CAMPOS
ARGUMENTO DE
BLAIR ROBERTSON
REALIZAÇÃO DE
GERD OSWALD

HOJE 12 ANOS

ESTREIA SENSACIONAL

POLITEAMA

Um filme «UNIVERSAL» SONORO FILME

TEATRO (Adultos)

MARIA VITÓRIA

HOJE À noite, 2 sessões Às 20.45 e 23 horas

A MAIS APLAUDIDA ATRACÇÃO ITALIANA

★ THE MODERN FIVE

NA APAIXONANTE REVISTA

PÃO, PÃO... QUEIJO, QUEIJO

A CAMINHO DE
● UM ANO DE EXIBIÇÃO!

UM CARTAZ DE OURO:
● SALVADOR
● VIANA
a vedeta AFRICA PRATS
a actriz MARIEMA
MAX ● ANITA
D O R A
V I C T O R
o colossal JOSÉ VIANA
o famoso AUTOMÓVEL VOADOR
e BAILARINAS INTERNACIONAIS!

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

MUITÍSSIMO ATREVIDA!

OS JOGOS DO AMOR E DA GUERRA NUM CONTO BREJEIRO DO SÉCULO XVIII!

com

JEAN MARAIS

SIDNEY CHAPLIN • MARILU TOLO

ETTORE MANNI

7 HOMENS E UMA MULHER

(7 HOMMES ET UNE GARCE)

Realização de BERNARD BORDERIE

Adultos

CINEMASCOPE TECHNICOLOR

AMANHÃ CONDES ESTREIA TREPIDANTE

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NOVA LISBOA — Avenida da Igreja, 29-B — A partir das 16 ás 0 horas.

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

atracção do espectáculo, o actor-cantor Tony de Matos, que interpreta lindas canções.

Toda a cidade fala de «Arroz de Miúdas» e compreende-se o motivo. Esta revista, plena de alegria, de graça e cor e de lindas mulheres, é um êxito em toda a linha.

«Arroz de Miúdas» representa-se, diàriamente, em duas sessões, ás 21 e 23 horas. A bilheteira do A B C abre ás 13 horas.

VARIEDADES

«O Comissário de Polícia» só até domingo

Impreterivelmente, termina no domingo a representação em Lisboa da farsa «O Comissário de Polícia», que o Companhia do Teatro Experimental de Cascais exibe no palco do Variedades. «O Comissário de Polícia» marca o reaparecimento da actriz Mirita Casimiro que, ao lado de Mário Pereira, desempenha sensacionalmente este original de Gervásio Lobato, encenado primorosamente por Carlos Avilez.

Com figurinos e cenários de Pinto de Campos e coreografia de Agueda Sena, «O Comissário de Polícia» tem ainda, no seu vasto elenco, Fernanda Coimbra, Maria do Céu Guerra, Zita Duarte, Lia Gama, João Vasco, Santos Manuel e António Marques.

Esta noite, pelas 21 e 45, «O Comissário de Polícia» é o festival de gargalhada que chama ao Teatro Variedades quantos se pretendem divertir.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «O Agente Diabólico».
Produção — Americana.
Realização — Ger Oswald.
Intérpretes — Carl Esmond, Mark Richman, Wendell Corey e Barbara Boudut.
Género — Aventura.
Distribuição — Universal.
Processo — Colorido.
Classificação — 12 anos.

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA EM: 2ª SEMANA

UM DOS MAIS NOTÁVEIS FILMES DA TEMPORADA

O PERFUME DO DINHEIRO

(The Honey Pot)

COM:

REX HARRISON
SUSAN HAYWARD
CLIF ROBERTSON * CAPUCINE
EDDIE ADAMS E MAGIE SMITH

A CRÍTICA NÃO PODIA SER MAIS ELOQUENTE:

«VERDADEIRA NOITE DE GALA A QUE SE VIVEU NO CINEMA S. JORGE. GALA CINEMATOGRÁFICA, ENTENDA-SE, POIS SE ASSISTIU À EXIBIÇÃO DE UM FILME ADMIRÁVEL QUE DESDE JÁ RECOMENDAMOS A TODOS OS LEITORES.»

LAURO ANTÓNIO — «D. LISBOA»

«...A REALIZAÇÃO ATINGE MOMENTOS DE VERDADEIRA MESTRIA... REX HARRISON PARECE EMPRESTAR À PERSONAGEM TODA A RIQUEZA SENTIMENTAL QUE BEN JOHNSON LHE DEU SÉCULOS ATRÁS.»

J. M. — «NOVIDADES»

«...ESPECTÁCULO RICO DE VALORES QUE PROPORCIONA DUAS HORAS DE ADMIRÁVEL PASSATEMPO.»

A. — «A CAPITAL»

«...O FILME VALE, ASSIM, COMO UM DIVERTIDO ESPECTÁCULO... VALORIZADO POR UM ELENCO DE ELEIÇÃO...»

A. — «SÉCULO»

«...UMA HISTÓRIA BEM URDIDA, BEM CONTADA E BEM VIVIDA

A. M. — «D. NOTÍCIAS»

Adultos — COLOR by DeLuxe®

com ADOLFO CELI — Argumento e Realização de JOSEPH L. MANKIEWICZ — Música de JOHN ADDISON — Uma produção FAMOUS ARTISTS PRODUCTIONS

RANK FILMES — UNITED ARTISTS Transamerica

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «A Beira do Pânico» («A Dandy in Aspic» — 1968). REALIZADOR — Anthony Mann. INTÉRPRETES — Laurence Harwey, Tom Courtenay, Mia Farrow.

Perante uma assistência bastante reduzida, estreou-se ontem no Império um filme que justificará o maior interesse da parte do publico. Trata-se da ultima obra de Anthony Mann, realizador de inegável mérito (como o programa bem elaborado, procura pôr em relevo). Ainda no ano passado vimos em reposição o admirável «Sangue no Deserto» da sua autoria. E assinou alguns dos melhores «westerns» da história do cinema.

Desta vez, Mann ocupa-se da espionagem. Mas nem por o assunto estar muito em voga, deixou de ser plenamente original: «Á Beira do Pânico» é um filme diferente de todos os esquemas de espionagem a que estamos habituados. Situar-se-á na linha de «O espião que saiu do frio», mas com uma história menos sólida e uma maior maturidade ideológica. De facto, «Á Beira do Pânico» é uma obra densa, insólita, fascinante, aqui ou ali quase repulsivo — e por isso mesmo merece a atenção dos que se interessam por cinema.

De um pessimismo radical, a película de Mann ocupa-se do caso de um espião duplo, que procura duplamente enganar (embora tenha feito a sua opção) e que é duplamente enganado. Com tal tema, Mann concebeu um filme estranho, imensamente desconfortável, que se vê sempre com uma interminável angustia, dificilmente definível. Não nos sentimos nunca á-vontade, algo nos confrange, algo nos prende á narrativa que as imagens vão produzindo. «Á Beira do Pânico» é, pois, uma das histórias mais surpreendentes e elípticas de que me lembro neste género de ficção. Mann gera uma atmosfera enervante e incomodativa, pela deformação sistemática do espaço, pela forma invulgar como a objectiva o percorre e revela aos nossos olhos. Deste modo, a angustia que sentimos não deriva das peripécias da história, mas do próprio processo da sua elaboração cinematográfica: é o encadeamento das cenas que nos perturba na sua imprevisibilidade sistemática, é a caracterização das personagens que nos atemoriza por uma certa viscosidade difusa que a todas alastra.

Pormenor significativo: raras vezes nos identificamos por inteiro com um protagonista (Laurence Harwey) que nunca nos transmite confiança, que duvida da sua própria identidade, e que vive numa permanente frustração em todos os domínios do seu comportamento. O espectador sente-se assim desamparado não encontrando um ponto de apoio que lhe permita equilibrar tranquilamente os elementos da história. Assim, a cada instante tudo se reinicia na sua ambiguidade opressiva. A náusea adensa-se, a violência torna-se excessiva e a desumanização evidente.

Descobrimos a pouco e pouco que o filme de Mann é mais do que uma aventura de espionagem: é uma reflexão desencantada e ácida sobre a incomunicabilidade, a solidão e o desajustamento nas relações humanas. Realizado com extrema subtileza, o filme consegue acentuar uma agressividade latente em todos os contactos entre as pessoas, agressividade que estala em certas sequências de violência pura. «Á Beira do Pânico» é um terrível exercício sobre a duplilidade de cada olhar, é a experiência cruel de uma permanente suspeita.

Utilizando uma linguagem muito sobrecarregada de elementos expressivos, Mann justifica-a pela coloração subjectiva que envolve toda a narrativa: mais do que uma história até certo ponto inteligente, o verdadeiro centro do filme é o ambiente que através dessa história se estabelece: relações de asfixia, de repulsa, de cansaço, de cinismo, de violência velada. Nesse aspecto, a qualidade da interpretação merece ser assinalada. Além de Harwey, de que já falei, há um grupo de excelentes actores, entre os quais se encontra Tom Courtenay, que têm uma função decisiva na concretização do projecto de Mann. Apenas Mia Farrow é uma figura diferente, apontando o contraste, a inocência premeditada que frágilmente o seu corpo nos diz. Nela a palavra irreverente, a infantilidade, a descontracção, a beleza heterodoxa e a classe confundem-se num só gosto e num só nome: Mia Farrow, rapariga aqui também insólita e um pouco longínqua, como todo este filme de Mann — um filme triste, inteligente e perturbante.

EDUARDO PRADO COELHO

Uma figura solitária...
Um homem superior...
Ninguém poderia imaginar que ele soubesse amar tão ardentemente como sabia odiar...

A PARAMOUNT apresenta

Charlton Heston
Joan Hackett
Donald Pleasence

(ADULTOS)

UM FILME PARAMOUNT

EM "Will Penny"

O FILME QUE SE TORNARÁ UM CLÁSSICO

PELA PRIMEIRA VEZ LEE MAJORS

Prod. FRED ENGEL e WALTER SELTZER — escrito e Real. TOM GRIES

Prod ENGEL-GRIES-SELTZER — Technicolor®

AMANHÃ GRANDE ESTREIA no EDEN

A VISITA AO «ZOO» COM AS CRIANÇAS acabou junto de Charlie no Canadá

UMA SEMANA mais tarde, ia eu calmamente a andar, quando um Ford Zodiac azul-escuro, conduzido pelo mesmo motorista que guiara o Jaguar, me levou, de novo, a ver Charlie.

Ele estava descontraído e vestia uma camisa de desporto e umas calças azuis bem cortadas.

Olhou-me sem dirigir palavra.

— Olá, Ron — disse eu hesitante. — Não houve nada de mau, pois não? Ele sorriu, levantou-se e beijou-me.

— Nada, amor. Só queria experimentar-te. Chamaste-me Ron... e não Charles. Isso é bom sinal.

Enquanto o motoristas nos arranjava umas bebidas, Ron contou pormenorizadamente os planos que tinha para reunir a família.

Queria que eu fosse para casa e descobrisse alguém que ficasse com as crianças por dois ou três dias. Depois, devia voltar para o apartamento e ficar com ele para ser totalmente instruída.

Disse-me ainda para trazer comigo todos os pormenores legais da minha mudança de nome.

Deveria também ir tirar 24 fotografias de passe.

— Arranja-as e não faças perguntas, querida — disse-me ele.

Pedi a um parente que ficasse com as miudas, dizendo que ia até ao Surrey tentar comprar uma outra casa.

abordada por uma mulher nova que não diria palavra, mas que deixaria um envelope grande quando se fosse embora. No sobrescrito viria o passaporte e algumas instruções.

Deu-me o envelope e disse-me que o deixasse em cima da mesa, enquanto estivesse a comer.

A primeira pessoa que

A HISTÓRIA DE CHARLES WILSON — 4

um dos assaltantes do comboio correio

por **PAT WILSON**

Depois, meti-me no «metro» até ao West End e tirei as fotografias na estação de Baker Street, introduzindo moeda a seguir a moeda na máquina.

Quando revi as fotos, dificilmente contive o riso. Cada fotografia que passava me mostrava mais triste. Parecia que tinha ido assistir ao meu próprio funeral.

Charlie, no entanto, não perdera aquela qualidade inestimável que consiste em saber consolar as pessoas e alegrá-las nos momentos mais difíceis. Depois de tomarmos juntos uma refeição, senti-me como nova.

Olhando para trás parece-me que foi uma coisa bastante arriscada... mas fiquei tão contente na altura que mal pensei no que podia suceder

Depois de ter passado dois dias com Charlie no apartamento, voltei para casa com instruções para esperar no bar da estação de Paddington, a uma hora pré-estabelecida, dali a quatro dias.

Ron disse-me que seria se sentou à minha mesa foi um homem. Alguns minutos depois, levantou-se e uma rapariga em quem eu já havia reparado, ergueu-se e avançou para o balcão, pediu uma chávena de chá e sentou-se à minha mesa. Colocou um grande envelope, igual ao que Ron me havia dado, ao lado do meu.

Quando se levantou para se ir embora, levou o meu envelope, deixando ficar o dela.

Não pude esperar para ver se a troca fora bem feita. Fui até aos lavabos mais próximos e fechei-me lá dentro.

O envelope continha um passaporte passado em nome de Barbara Joan Alloway, embora o meu verdadeiro nome fosse Patricia Jean Alloway. Estavam também inclui dos os nomes das três miudas — Cheryl Lesley, Tracy Patricia e Leander Michelle. Havia ainda uma nota dactilografada que dizia: «Aparece na estação de Slough na quarta-feira, ás 4 e 15 da tarde. Venham os quatro.»

Estávamos no fim de Agosto e as crianças ainda se encontravam em férias. Por isso foi relativamente fácil tratar das coisas.

Na manhã de quarta-feira levantei-me particularmente cedo e fiz o pequeno almoço para as miudas. Sabia que a minha mãe ia fazer compras de manhã e, por isso, disse-lhe que talvez fosse passar o dia com as crianças no «Zoo».

Logo que ela saiu, arrumei as ultimas coisas numa velha mala e bebi mais uma chávena de chá para me acalmar.

Depois pensei que os vizinhos achariam estranho ver-me sair com as crianças e duas malas de viagem.

Deixei tudo onde estava e enfiei algumas coisas das mais indespensáveis num pequeno saco

Apanhámos o «metro» para Paddington e, depois, o comboio para Slough.

Cheryl e Tracy não paravam de dizer que era um caminho muito longo e de perguntar quando veriam os animais.

Em Slough esperámos junto de uma paragem de autocarro, mesmo em frente da estação.

Dez minutos depois, surgiu o mesmo motorista com o Jaguar Mark 10 Ajudou-nos a entrar e lá fomos.

Comecei a preocupar-me com a reacção da minha mãe, quando descobrisse que tínhamos desaparecido. Temi que avisasse a polícia.

Até este dia, ainda não sei por que não o fez. Talvez tenha sido apenas intuição.

Andámos durante bastante tempo até que metemos por um desvio que ia dar a uma vivenda isolada e linda.

As crianças olharam para o chão atapetado de relva e para os canteiros de flores e concluíram que se encontravam, por fim, no «Zoo».

Lá dentro, fomos recebidos por uma jovem elegantemente vestida.

— Bom dia, Mrs. Alloway — disse ela. — Encantada por voltar a vê-la. Deve estar desejosa

(Cont. na pág. seguinte)

Exclusivo
DIÁRIO DE LISBOA
Copyright
«News of the world»
«Agência
Dias da Silva»

Pat Wilson em duas fotografias que ilustram fases diferentes da sua vida. Loura como o era naturalmente, à mesa de um clube com Charles, antes de todo o pesadelo de fugas e perigos, e no Canadá, já de cabelo escuro, colaborando com Charles na criação de uma segunda existência

A HISTÓRIA DE CHARLES WILSON

(Cont. da pag. anterior)

por beber uma chávena de chá. Um bem feito, desta vez.

Só então compreendi. Era a mesma rapariga que encontrara na estação de Paddigton e que me dera o envelope com o passaporte e as instruções.

Durante alguns dias as pequenas brincaram alegremente no jardim da vivenda, mas sempre que o faziam o motorista não tirava os olhos delas. Tinha-lhes sido dito que se não afastassem, mas ele não queria correr riscos desnecessários.

No ultimo dia de Agosto, a minha hospedeira chamou-me para me apresentar um homem bem parecido, de uns trinta anos, que descreveu como um «amigo».

Falando com um sotaque francês, ele explicou-me:

— Estão aqui os documentos de que necessita, Mrs Alloway. Tudo o que pedem na secção de emigração... bilhetes de avião... documentos sanitários. A unica coisa que tem de fazer é manter ocupado o espirito das crianças.

— Fale-lhes sempre, quando estiverem a passar pela alfandega e pela emigração. Faça-lhes perguntas. Não lhes dê oportunidade de serem elas a perguntar.

— Agora, vão levá-la para o aeroporto. Mas, lembre-se, quando chegar á barreira, estará só.

Comecei a tremer violentamente e perguntei:

— Mas... e Ron? Por que razão não vem ele?

— Verá Ron dentro em breve — assegurou-me ele. — Lembre-se que ele lhe disse para não se preocupar.

— Tem aí tudo o que precisa para si e para as miudas. Verá que os tamanhos estão todos certos, mas nem tudo está novo. Compreende temos de ser cautelosos.

— Tem de sair daqui dentro de uma hora.

Duas horas depois estávamos no aeroporto de Londres. O motorista acompanhou-nos até a um dos locais de verificação, apertou-me a mão com um ar grave e foi-se embora.

— Muito bem, minha senhora — disse-me a empregada. — Vejamos. A senhora e mais as três crianças.. todos para Amsterdão.

Meu Deus! Amsterdão! Como consegui não desmaiar, ainda hoje estou para saber.

Fiquei a pensar: «Como diabo é que isto me aconteceu?» Tinha tanta certeza que iamos para o Canadá, que nem sequer tinha olhado para os bilhetes.

Passámos, depois pela emigração e embarcámos. As crianças tinham estado todo o dia a perguntar-me para onde iamos e eu a responder-lhes que iamos para férias. Tracy queria saber se havia piscina no hotel.

Na verdade, Amsterdão era só um ponto de escala. Fomos aí transferidos para um voo directo a Montreal.

A ultima coisa que eu pretendia era atrair as atenções no avião para o Canadá.

Mas passados poucos minutos de descolarmos, a pequena Cheryl, que nunca foi grande viajante, começou a enjoar.

Nada podia ter acontecido de pior. As pessoas começaram a mostrar simpatia e a aproximar-se. A hospedeira apressou-se para ajudar. Uma mulher que se sentava em frente de nós quis meter conversa.

De onde éramos? De que parte de Londres? Para onde iamos? Como se chamavam as crianças?

Durante as sete horas de voo não pude descontrair-me um só minuto.

Tracy estava sentada no banco de fora, ao lado da coxia. Ao fim de duas horas de voo, começou a pintar um livro de colorir que comprara em Londres antes de partirmos.

Vi com horror que escrevera o verdadeiro nome — Tracy Wilson — na linha reservada para a assinatura, no alto da primeira página.

Tomada pelo panico, inclinei-me para ela e segredei-lhe:

— Não faças isso. Risca!

— Porquê, máezinha? Deve-se escrever o nome em cima.

Pedi-lhe para me dar o livro, mas, como faria qualquer criança ela limitou-se a afastá-lo do meu alcance. Cada vez mais atrapalhada, levantei-me do lugar, arranquei-lho das mãos e dei-lhe um que Cheryl havia largado por se sentir mal.

Tracy começou a choramingar e a mulher da frente virou-se para a consolar. Apressei-me a dar-lhe um chocolate para a acalmar.

Quando chegámos a Montreal, todos os meus receios do desconhecido se avolumaram numa densa nuvem negra.

E se não estivesse ninguém á nossa espera? E se Charlie estava lá e a Scotland Yard tinha conhecimento disso? E se os funcionários da Emigração descobrisem qualquer coisa mal nos nossos documentos e começassem a fazer perguntas?

Que poderia eu fazer? Onde passariamos a noite?

O unico dinheiro que trazia comigo eram cinco libras, em moeda inglesa.

O avião aterrou. Saímos para o sol quente e lindo do Canadá. Dirigimo-nos para o edificio do terminal. Andámos no tapete rolante, que nem eu nem as miudas tinhamos experimentado.

Tracy estava tão excitada com aquela descoberta que me pediu para voltarmos atrás.

Atravessámos a Emigração sem problemas, mas continuava sem avistar qualquer cara amiga.

Tracy descobriu um enorme carro americano e gritou:

— Olha ali!

Os meus olhos seguiram a direcção que aquele dedito apontava.

Ao lado do carro, estava um homem de barba e olhos azuis. Charlie!

— Olá, amores! — disse ele. E depois para mim: — Tinha-te dito que tudo correria bem!

Aguentei as lágrimas quando ele se inclinou para beijar Cheryl e Tracy. Depois, ele pegou em Leander e tentou beijá-la.

Se foi a barba que a fez afastar a cara, não sei, a verdade é que o fez.

— Quem é? — perguntou a pequenina — Quem é mãe?

Ron riu-se e entregou-ma. Em seguida pegou nas malas e indicou-nos o caminho para o parque de automóveis, até a um Pontiac Parisienne azul metálico.

Metemos pela auto-estrada transcanadiana para percorrermos as 26 milhas que nos separavam de Hudson Heights.

— Vais do lado contrário da estrada — advertiu Cheryl.

— Não, aqui é assim.

«— Vocês vão habituar-se a isto aqui. É um país maravilhoso, embora algumas coisas sejam diferentes da Inglaterra.»

Quando chegámos á casa mobilada que Ron alugara em Hudson Heights, mal pude acreditar nos meus olhos.

A vista e as redondezas eram de uma beleza quase irreal. Era um local isolado, totalmente rodeado por altos pinheiros.

Quando entrei em casa, descobri um «bouquet» dos meus crisantemos preferidos e duas plantas envasadas.

Um cartão cor-de-rosa no ramo de crisantemos dizia: «Benvidos a casa. Muito amor do Ron. Agora não há razão para se preocuparem!»

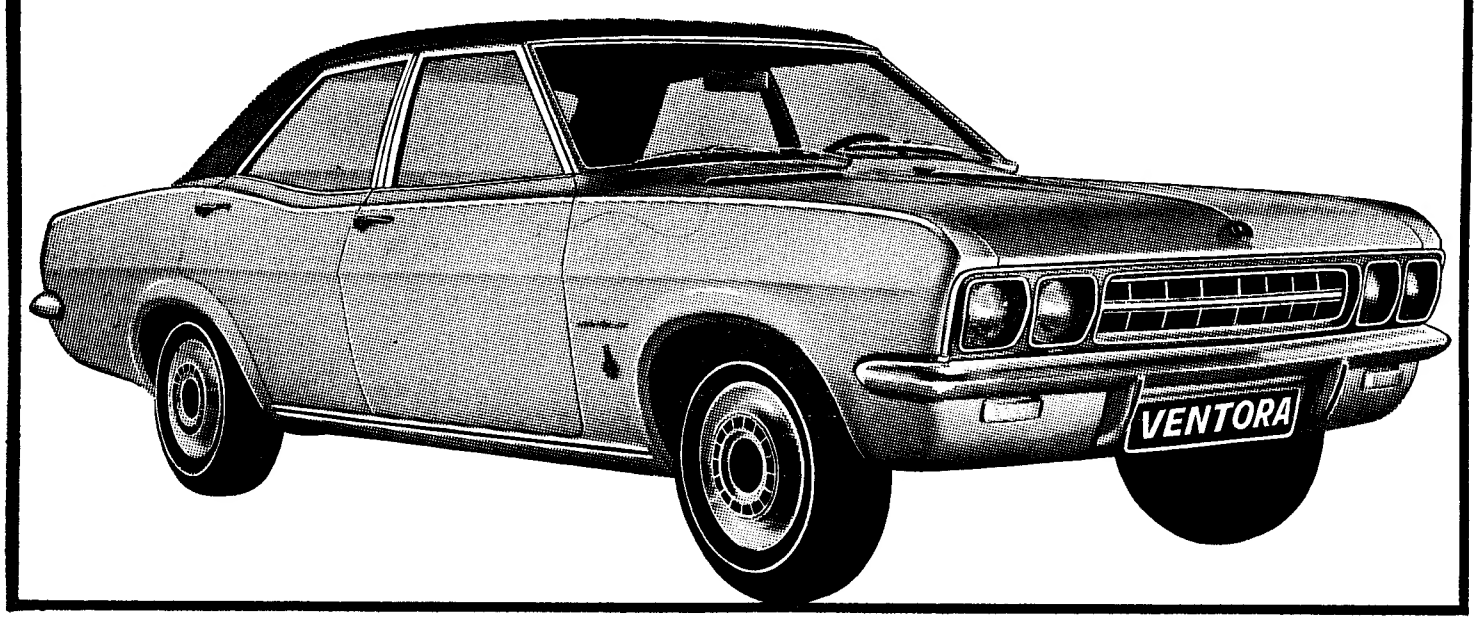
Fiz o que teria feito qualquer mulher naquela situação. Chorei.

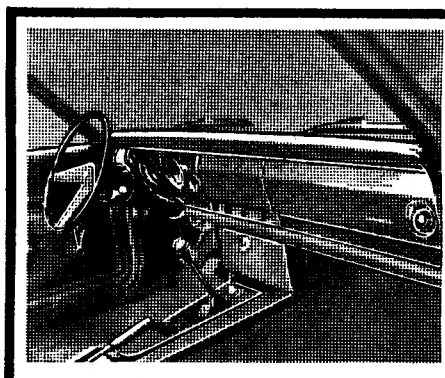
A seguir: «BOM DIA» DA SCOTLAND YARD NA NEVE, POR ENTRE AS ÁRVORES

novo ventora da Vauxhall

Pelo andar dum carro se conhece quem lá vai dentro... Um arranque potente, um deslizar suave, uma presença clássica mas, ao mesmo tempo moderna, são as características do prestígio de quem sabe, de facto, escolher. Do novo Ventora da Vauxhall com tejadilho em "vinyl" preto pouco mais há a dizer. A não ser que um robusto motor de 3294 c.c. e seis cilindros, com 142,2 H.P. de potência e válvulas à cabeça, bem como uma coluna de direcção com dispositivo de segurança, fazem dele mais do que um carro de grande classe - um carro de grande Turismo. A acrescentar segurança à sensacional performance, travões de disco às rodas da frente, assistidos por servo-freio.

217/331AJ





Cada pormenor do interior do Ventora é "especial". Repare na alavanca de velocidades e no atractivo painel de instrumentos. Apetece manejá-lo!

ventora
UM NOME NOVO!

Um produto General Motors com assistência técnica em todo o país.

GM
MARK OF EXCELLENCE

TEATRO AMADOR NA EMPRESA

«Linha Recta», de Gonçalves de Castro e «O Mestre», de Ionesco

pelo grupo da Phillips Portuguesa

O grupo de teatro da Philips Portuguesa, dirigido pelo actor Rui Mendes, preencheu a segunda sessão do III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, que está a decorrer no Teatro Villaret, numa organização do grupo da Sociedade Central de Cervejas.

A primeira peça apresentada (complementar de «O Mestre», de Ionesco, autor ao qual é dedicado o festival) foi «Linha Recta», de Mário Gonçalves de Castro. Acto único, apenas com duas personagens, a obra procura, através da análise da vida rotineira, convencional e austera de um casal, atingir valores tradicionais da estrutura familiar. De um lado, a mulher (Dina da Conceição), curvada a um marido autoritário, conservador e amante fervoroso da disciplina; do outro, o chefe desse lar que pretende ser típico (na verdade folo, para a classe a que a peça se refere, há já bastante tempo), com as suas noções herdadas de antepassados, representados simólicamente através do retrato do avô. A linha recta da vida dessa família é quebrada pela morte do filho do casal, num acidente de automóvel. O pai recebe a comunicação pelo telefone e comenta: «Foi, então, por isso que ele não esteve presente para o jantar». O que, muito naturalmente, faz nascer a indignação da mãe, a qual, no meio do desgosto exuberantemente demonstrado, tem ainda suficientes forças para se rebelar contra o seu «amo e senhor» de tantos anos, de lhe enfiar o retrato do avô pela cabeça abaixo e de manifestar (finalmente) a legítima consciência dos seus direitos (durante um ror de tempo apavada) atendendo o telefone e informando a agência funerária de que era *ela* — e não ele — que trataria de todos os problemas do funeral.

É muito difícil manter um tema destes (com a surpreendente reacção do pai ao ter conhecimento da morte do filho) num plano que não seja o da farsa. De facto, por mais austero e disciplinador que um pai seja, sempre esquecerá, em momento semelhante, o manual da ética doméstica. Apenas como caricatura, portanto, essa reacção se podia entender. Para que assim fosse, porém, toda a peça teria de ser uma farsa (e talvez desse um bom exercício de humor negro...). Da maneira como está construída, num estilo naturalista, o seu esquematismo torna-se evidente, a sua intenção pedagógica reveste apenas a forma de um lugar-comum moralizador.

Era muito difícil a Dina da Conceição e Luís Ramalho (o «Lopes», nome do marido austera) encontrar um tom que atenuasse a fragilidade e as incoerências da obra. O encenador não soube, também, levar a peça para um plano unitário, preferindo aceitar as contradições estilísticas do texto. O resultado foi, apesar da boa vontade uma vez mais demonstrada, uma realização de escasso interesse.

Antes da representação de «O Mestre», de Ionesco, o dramaturgo Luís Francisco Rebelo proferiu algumas palavras de introdução á peça e ao teatro do autor de «As Cadeiras». Relacionando o teatro de Ionesco com o de Jarry e com o seu famoso «Roi Ubu», Luís Francisco Rebelo integrou Ionesco num processo evolutivo do teatro, o que ajuda, sem duvida, a compreender o significado da sua obra. Em «O Mestre», uma das curtas peças em um acto de Eugene Ionesco (já representada em Portugal numa realização de Fernando Amado) a sátira de estilo muito peculiar do autor de «A cantora careca» procura atingir, entre outros objectivos, um alvo que será retomado em «O Rinoceronte»: a multidão, a multidão a agir irracionalmente, a aplaudir, a curvar-se, a humilhar-se perante um mestre, que é, afinal, um homem sem cabeça. O sentimento de desilusão expresso por um dos admiradores (Manuel Trindade) quando dá pela acefalia da personagem, não é ainda a feroz e ansiosa reacção de «Beranger» á animalização do mundo, em «O Rinoceronte»; mas em ambas as peças se encontra implícito o grito de medo e de protesto pela morte do indivíduo, a afirmação pungente da individualidade num universo em que ela é declarada em crise — e em perigo mortal.

É claro que o «Mestre» pode também ser o «símbolo», a «divindade» que se espera, tal como o «Godot» de Beckett. A hipótese — a problemática rica e complexa do teatro de Ionesco permite várias interpretações — não invalida, porém, o que se disse, pois o «Chefe» pode assumir a forma de projecção da ideia de divindade (assumiu-a frequentemente na história), pode ser um símbolo que arrasta multidões. O herói (que não se vê, mas existe), das peças de Ionesco é o que se sente incomodado no meio de toda essa gente que não reciocina, que espera um chefe, uma salvação qualquer: ao afirmar a sua existência individual, perante essa massa desprovida de vontade própria, ele é forçado a fazê-lo de uma maneira niilista.

Farsa das mais aplaudidas de Ionesco, «O Mestre» é uma obra que necessita de um grande ritmo de representação para ser completamente conseguida. A dificuldade da sua interpretação reside, sobretudo, neste factor. E a verdade é que os elementos do grupo de teatro da Philips não estão ainda suficientemente rodados para dar á peça toda a vivacidade que ela requer. As inflexões de voz dos dois namorados (Manuel Martins e Maria da Luz) são pouco naturais; o teatro de Ionesco antideclamatório, exige naturalidade; o anunciador (António Vargas), é o mais bem preparado de todos os intérpretes, compondo uma personagem truculenta, esfusiante de entusiasmo, o homem-quase-sem-cabeça que a peça exige; Maria de Lurdes (admiradora) e Manuel Trindade colocam-se num plano satisfatório, apesar de certa falta de á-vontade.

A encenação de Rui Mendes, talvez um pouco sóbria de mais (o que, de qualquer forma, é preferível ao contrário) revela, no entanto, compreensão da peça e se pecou no sector do ritmo do espectáculo terá sido, sobretudo, pelas dificuldades encontradas.

JOAQUIM BENITE

VASCO MORGADO e
RAUL SOLNADO apresentam
TEATRO VILLARET
HOJE, 2 SESSÕES, às 21
e às 23 h. — ADULTOS
8.ª SEMANA

Artur e Anabela
«AGARRA QUE É MILIONÁRIO»
com
Henrique Santana
Irene Isidro * Artur Semedo
Tomás de Macedo e Anabela
III CICLO DO TEATRO AMADOR NA EMPRESA
Organizado pelo G. de Teatro da S. C. de Cervejas
— DIA 10, ÀS 18.30 H. —
«O PEDIDO DE CASAMENTO»
de TCHEKOV
«A MENINA CASADOIRA»
de IONESCO
Pelo Grupo da Santa Casa da Misericórdia
(ADULTOS)

Novas instalações da Alitália

Na quarta-feira, ás 18 horas, decorrerá o acto inaugural das novas instalações da Alitália na Avenida da Liberdade, 223, após o que será servido, no Hotel Ritz, um «cocktail» a convidados e aos orgãos de informação.

VIDA MUSICAL

Recital de David Oistrach no Império

A arte de David Oistrach dispensa adjectivos. Eles ficariam quase esvaziados de sentido, pois teriam de ser empregados — a bem dizer: constantemente — no grau superlativo. E depois uma das características essenciais da personalidade artística deste violinista soviético consiste precisamente na sua universalidade. É que David Oistrach atinge as regiões mais elevadas da interpretação nos estilos e nas obras mais diversas. Quando o ouvimos em certos andamentos lentos de Bach ou de Beethoven, por exemplo, seríamos talvez levados a pensar que o seu temperamento é fundamentalmente apolíneo. Mas, logo a seguir, a versão de uma página de emoção menos recatada, mais descabeladamente romântica, ou de algum trecho de ritmo impetuoso, nos elucidará sobre a arbitrariedade das classificações estreitas e dogmáticas. Oistrach é também capaz de traduzir a expressão apaixonada e o frémito orgiástico. Como é ainda permeável ao humor e à elegância mais requintada. O que nunca perde é a noção de equilíbrio, da estrutura global da obra que nos transmite. Além de que técnica e interpretação também nunca podem dissociar-se nas suas execuções.

Ontem tudo isto esteve patente do princípio ao fim do recital no Império, ao longo de obras substanciais de Bach, Tartini, Beethoven e Prokogreff, e nas curtas peças dadas em extra (de Janecek, Bartok e Milhaud), numa demonstração — mas sem exibicionismos de mau gosto — de uma técnica verdadeiramente transcendente (e poucas vezes o termo será aplicado com tanta propriedade).

Frida Bauer, ao piano, foi uma categorizada colaboradora, participando, de verdade, na linha interpretativa proposta por Oistrach. No entanto, um tal ou qual desequilíbrio se verificou por vezes — o que não admira, em face das alturas paradigmáticas em que se mantém inalterávelmente o extraordinário violinista. — NUNO BARREIROS

MINI-SAIA EM TODO O ALGARVE

Há nas ruas estreitinhas das terras algarvias muitas mini-saias. Turistas e indígenas. Em passeio e em trabalho. A umas, fica a «matar». A outras, menos bem. Todas, no entanto, ficam gentis, porque são novas, porque voltam as costas a velhas tradições, porque se sentem livres.

As raparigas de outros países trouxeram-nos a moda, fresca, agradável, juvenil, mais que desejável no nosso clima quente. E a maioria adoptou-a. Feliz por andar à moda, por contrariar os «botas-de-elástico», porque é uma pequena forma de afirmar a sua independência.

Ao usar mini-saia, a rapariga algarvia não exibe as pernas, não mostra permanentemente o pouco tamanha da saia por «snobismo» ou provocação.

DIÁRIO DE EVA

CÓDIGOS PARA MULHERES

Conheci uma senhora muito moderna, muito emancipada; pelo menos era a opinião dela... Fumava, falava calão, sabia conduzir, etc. Para ela estes eram os principais requisitos da emancipação. Um dia, deu-me uma boleia no seu carro. Num cruzamento de ruas, em que um outro carro se apresentava pela direita, quase chocou com ele por não querer dar-lhe prioridade.

Comentou depois, irritadamente, que os homens são uns brutos, que não sabem mais ser delicados com as mulheres.

Como ela estava tão convencida da sua emancipação e independência, preferi calar-me. Mas ainda hoje me lembro desta e de outras senhoras emancipadas à sua maneira que só querem direitos e se não querem «lixar» (como ela diria e eu também, aliás) com as obrigações. Que não percebem que a maior forma de escravização está nas obsoletas chapeladas, nos «ladies first» e em todas aquelas milhentas regras de etiqueta que, parecendo elevar a mulher a primeiro plano, na realidade são os pilares da sociedade que a oprime!

E tenho pena de que aquela senhora não consiga realmente usar a independência que tem para se emancipar deveras! Para banir de vez o cretinismo agudo que faz as mulheres julgarem-se rainhas em certos campos.

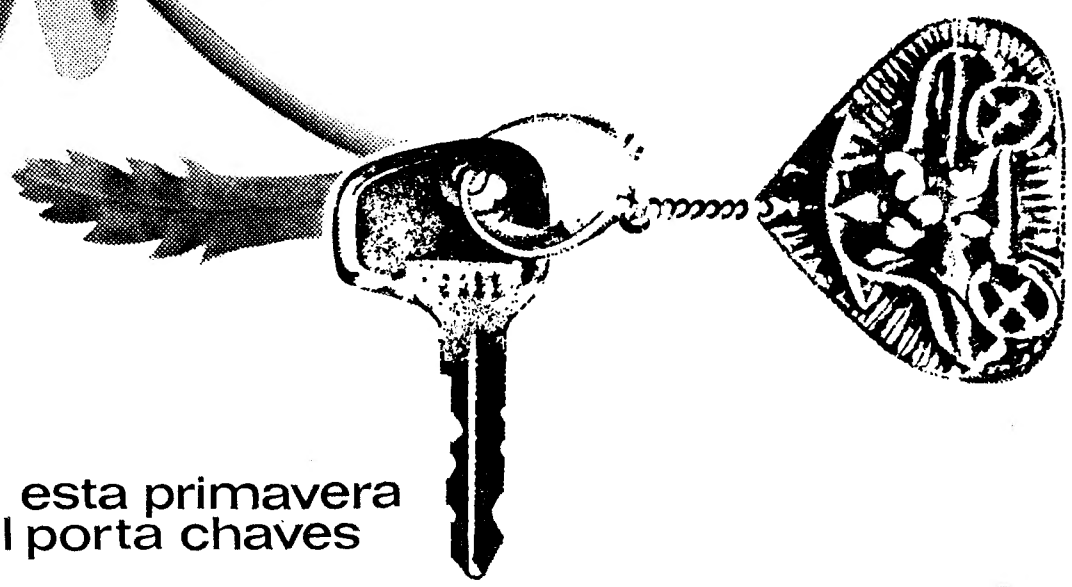
Rainhas para, assim de uma penada, sobrepor o sexo ao Código da Estrada!

HORÓSCOPO DA MODA

Estes penteados são criações do grande cabeleireiro francês Guillaume: para os realizar, o cabelo divide-se em três partes, como indicam as ilustrações. Simples e bonitos...

TEMPO

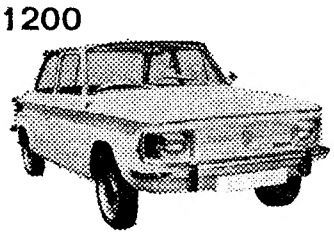
A PRIMAVERA É MELHOR COM NSU

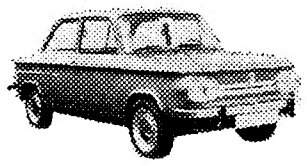


NSU

oferece-lhe esta primavera
um original porta chaves
em prata
e gasolina para os seus primeiros 1.000 quilómetros

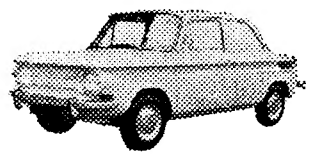
1200



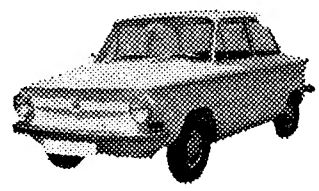


NSU TT

1000



PRINZ 4



NSU A SUA PRIMAVERA NAS ESTRADAS

visite durante a primavera os "stands" NSU em todo o país

representantes LUSOLANDA avenida antónio augusto de aguiar, 25 C

aberto até às 20 horas

NSU
CONCESSIONÁRIO
AUTO EDUARDO COSTA, LDA.
Rua de Campolide, 27 — LISBOA
Tel. Escrit. 687615 OFIC. 685080 Vendas 685081
ASSISTÊNCIA TÉCNICA EFICIENTE
COLHA INFORMAÇÕES. OS NOSSOS CLIENTES SÃO AS N/ REFERÊNCIAS

Empregados de Seguros

Companhia precisa para secção de sinistros, com prática dos ramos automóveis, acidentes de trabalho, marítimo e transportes terrestres.

Resposta com curriculum vitae, a este jornal ao n.º 331.

Em ALVALADE SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

FÁTIMA
GRANDE PEREGRINAÇÃO
Dias 12 e 13
Partida às 7.30 horas — volta completa
Partida às 14.00 horas — volta directa
MISSA AOS DOMINGOS
Informações e inscrições:
TURIJORGE
Praça de Londres, 9-B
Telef. 72 49 57
AUTOCARROS EDUARDO JORGE
Rua Jardim do Regedor, n.º 35
Telefs. 30971 e 30972

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

NA COSTA DA CAPARICA

ALOJAMENTO PARA 1800 ATLETAS PARTICIPANTES NA UNIVERSÍADA?

• Esta possibilidade foi sugerida, hoje, em conferência de Imprensa do presidente da F. I. S. U.

Na sede da Universíada, na Avenida Infante Santo, efectuou-se, esta manhã a anunciada conferência de Imprensa que o dr. Primo Nebiolo, presidente da F. I. S. U. que se encontra no nosso País concedeu aos representantes dos órgãos de Informação portugueses.

Assistu á reunião o dr. Armando Rocha, director-geral dos Desportos que agradeceu a presença dos jornalistas acentuando que sem o apoio da Imprensa não seria possível a efectivação de um empreendimento de tão grande envergadura como é a Universíada.

Interrogado pelos jornalistas, o dr. Primo Nebiolo confessou-se satisfeito com as instalações desportivas que visitou, embora propondo ligeiras alterações de carácter tecnico nas pistas do Estádio Nacional, de molde a obterem-se melhores resultados dos praticantes. Também as piscinas lhe mereceram atenção especial, achando-as pouco profundas, pelo que vai ser consultada a Federação Internacional de Na ação.

Espera-se que estejam presentes na Universíada de 1969 cerca de 1800 atletas em representação de 40 países, que o presidente da F. I. S. U gostaria de ver alojados em conjunto Foi então esclarecido pelo dr Armando Rocha estarem em curso diligências no sentido de se obter a cedência, por parte da F. N. A. T., das instalações da Costa da Caparica.

O festival de abertura da Universíada deverá efectuar-se no Restelo, devendo o encerramento ter lugar no Estádio Nacional. Dado que ao país organizador é concedido o direito de opção de uma modalidade, os dirigentes portugueses escolheram o râguebi, admitindo-se também que o judo possa fazer parte do programa da Universíada-69

PALESTRA

SOBRE «ARTE INFANTIL» NO ESTÚDIO DA R. T. P.

Amanhã, ás 21 e 30, no estúdio da R. T. P., o sr. Fernando Midões, redactor do «Telejornal», falará sobre «Arte infantil», a convite da secção de artes plásticas da Casa do Pessoal, a propósito da exposição «O que fazem os nossos país na Televisão», que esteve patente na sala de convívio.

O publico poderá admirar a exposição de pintura de Amado Freitas.

Exploração do bar da piscina dos Olivais

A concessão da exploração do bar da piscina municipal dos Olivais vai a concurso público, no próximo dia 27 do corrente, pelas dez horas, nos serviços camarários sitos á Avenida 24 de Julho, 171/C. O preço mensal base é de 3000$00.

VIDA POLÍTICA

● **Ministro da Marinha**

O ministro da Marinha recebeu hoje, em audiência os srs. dr. Braz Mimoso, administrador da Sacor, e eng.º Vasco de Melo, da Lisnave.

VIDA SOCIAL

RECEPÇÃO

O director do Instituto Arqueológico Alemão, em Madrid, prof. dr. Helmut Schulten e esposa ofereceram, no Hotel Tivoli, uma recepção a vários arqueólogos portugueses e a alguns compatriotas seus.

O prof. Schulten, amigo de Portugal, que visita todos os anos e que no sábado próximo vai visitar a igreja visigótica de S. Gião, perto da Nazaré, estava acompanhado dos drs. Herman Fried Shubert, Theodor Hans Shield e Gustav Gamer. Dos arqueologos portugueses assistiram os srs. prof. dr. Fernando de Oliveira, drs. Bairrão Oleiro, Leonel Ribeiro, Borges Garcia, dr.ª Vera Liessner, e os srs. Carl Harpsoe e Vaultier. Durante o encontro conversou-se animadamente e trocaram-se impressões sobre várias escavações e investigações arqueológicas.

O RAPTO DA MARIA MANUELA ESTÁ RELACIONADO COM O DESAPARECIMENTO DO RAPAZINHO DE SANTA COMBA?

PORTO, 9 — Nada se sabe ainda da pequenita desaparecida misteriosamente no ultimo domingo, da Rua de S. Bento da Vitória, quando ia para a missa, a cerca de vinte metros da sua residência.

A P. J. que tomou conta do caso, debruça-se sobre todas as hipóteses.

Aquela polícia inevstiga outro caso semelhante (o desaparecimento, também misterioso, no dia 6 do mês passado, de um rapazinho, em Santa Comba, Sobreira, Paredes, quando ia com uma tia por um caminho, ligeiramente distanciado daquela). Não se poderá dizer que os dois casos tenham ligação? Não se estará em presença de um tarado ou de uma quadrilha organizada?

No nosso país, felizmente, isso não é vulgar, mas, ás vezes o «impossível» acontece...

DUBROVACKI TRUBADURI

Representantes da Jugoslávia na Eurovisão

Estarão presentes amanhã, para assinarem autógrafos: na DISCOTECA DO DRUGSTORE «SOL A SOL», às 15 horas

São «Os Trovadores de Dubrovnik» — cinco alegres jugoslavos+um, agora em Lisboa

As nossas canções são inspiradas na tradição do povo jugoslavo

— dizem os alegres «Trovadores de Dubrovnik»

Cinco jovens + um. Descontraídos e amáveis. Plenos de simpatia. São «Os Trovadores de Dubrovnik», jugoslavos que tocam e cantam (ambas as coisas bem) e que agradaram deveras ao nosso público, aquando da sua apresentação em Londres, cantando «Jedan Dan» («Um dia»), com que representaram o seu país no Festival da Eurovisão. Entraram, esta manhã, alegremente, no Cinema Império, onde decorria o ensaio do espectáculo de amanhã, promovido pela E. N., e integrado no «Abril em Portugal». Eles são as vedetas internacionais do cartaz, onde brilham, também, vedetas caseiras do «music-hall».

Seus nomes. Luci Kapurso, Hamo Hajdarhodzic, Marko Breskovic, Ladislav Padjen e Djelo Jusic, chefe do grupo e seu compositor.

Todos de Dubrovnik, todos com sólida preparação cultural, alguns deles estudantes da Academia de Música local.

Djelo Jusic é o mais velho (nasceu em 26 de Janeiro de 1939), mas, claro, é um jovem. Estudou música em Belgrado, tem composto canções para crianças, música para guitarra e teatro. Pertence á Orquestra Sinfónica de Dubrovnik, e já ganhou um primeiro prémio no festival jugoslavo «Melodias de Adria-Splir», no ano passado, com a canção «Juventude endiabrada».

— *«Jedan Dan» está na linha tradicional das suas canções?*

— *Sim, nas minhas canções procuro as raízes da nossa música, da pureza do nosso folclore. E' este, parece-nos, o melhor caminho para uma música que seja nossa, verdadeiramente.*

— *E «Jedan Dan» está bem dentro dessa linha, sublinha Marko Breskovic. O público gosta dela e é grande êxito na Jugoslávia, no disco, na Rádio, na TV. E, também, noutros países, pois gravámo-la, igualmente, em francês inglês e alemão.*

O grupo é poliglota. Não só canta, como se exprime, fluentemente, em inglês, italiano e alemão. Além do jugoslavo, é claro. Mas, entre nós, procurará cantar, fundamentalmente, em jugoslavo. Não só porque é o idioma natural das suas criações, como, ainda, porque encontra certas afinidades, musicais, pelo menos, nos sons de ambas as línguas).

E há outras afinidades, também, dizem: no vinho, por exemplo. O nosso verde é muito semelhante a certo tipo do seu vinho, e gostaram dele a valer...

— *Aliás, gostamos imenso de Lisboa. Depois de Dubrovnik, é a mais bela cidade que conhecemos. Na Jugoslávia dizemos que, na Europa, Paris Dublin e Lisboa são as cidades mais bonitas. Mas a vossa capital ultrapassa tudo quanto imagináramos e o que víramos em filmes.*

No palco prossegue o ensaio. Cantaram Maria da Glória, Alice Amaro. Canta, agora, Valério Silva. Querem vê-los. E o encontro fica maestro Tavares Belo dirige a orquestra, e o realizador Luís Andrade, da R. T. P., está atento a tudo. Valério canta o «Verão», que Carlos Mendes levou a Londres. Os Trovadores fazem coro Gostam da canção:

— *É êxito na Jugoslávia. Está sempre a ouvir-se na Rádio.*

Valério canta, agora, «La, la, la». Eles entoam, também. Perguntam por Massiel e por Carlos Mendes. Querem v-los. E o encontro fica prometido, para amanhã, no espectáculo.

«Os Trovadores de Dubrovnik» são o conjunto mais famoso e com maior êxito na Jugoslávia Juntos há 6 anos, os seus discos vendem-se aos milhares. São «disco de ouro» e, da sua mais recente gravação, venderam-se 30 mil exemplares só na primeira semana. É claro que não podem ignorar também, a parte comercial. E, assim, também cantam, de vez em quando, coisas modernas. Acham que a musica moderna está em crise (a inglesa, segundo Marko).

E, como trovadores, não param. Daqui seguirão para Berlim, para Cannes, para a Holanda. Para o mundo cantando «Um dia» sempre cantando.

Massiel no Casino Estoril

A vedeta da canção espanhola, Massiel, convidada do Comissariado do Turismo, esteve hoje, cerca do meio-dia, na Embaixada de Espanha, onde apresentou cumprimentos ao representante diplomático do seu país em Lisboa.

Depois da audiência, Massiel almoçou no Restaurante Muchaxo, juntamente com sua mãe e a jornalista Juanita Biarnes. Teve a tarde completamente livre para percorrer os pontos de interesse turístico da capital e da zona dos Estoris, onde está instalada, e, á noite, irá ao Casino Estoril, onde janta.

As «rainhas» brasileiras

As «raínhas» do Carnaval e dos «brotinhos» do Brasil, Celina Amorim e Marluce Silva, jantam hoje no Restaurante Folclore e amanhã irão ao «Mercado de Abril», juntamente com as sessenta pessoas que vieram a Lisboa integradas na «Viagem da Primavera».

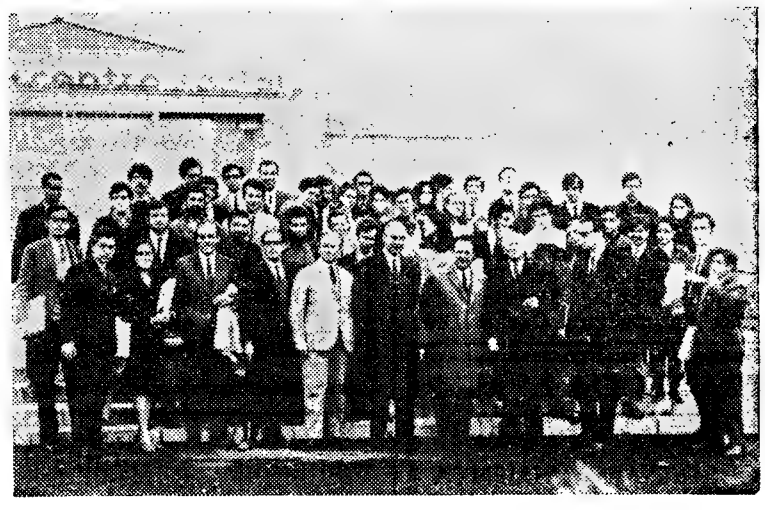
VISITA DE PROFESSORES E ALUNOS DE ARQUITECTURA À COVINA

Como em anos anteriores, foi a COVINA visitada ontem por 50 alunos do 3.º ano da cadeira de «Materiais» do curso de arquitectura da Escola Nacional de Belas-Artes, acompanhados do seu Director Escultor Joaquim Correia e Professores Arq.ª Carlos Antero Ferreira Escultor Lagoa Henriques e Arq Carlos da Silva Pinheiro.

Os visitantes percorreram demoradamente as instalações fabris da Covina em St.ª Iria da Azoia e Póvoa de St.ª Iria e das suas associadas REFRIPLÁS — Indústrias reunidas Refrigerantes e Plásticos, S. A. R. L., em St.ª Iria da Azoia, produtora de chapa de plástico reforçado com fibras de vidro e a INDALA — Indústrias Associadas de Lâmpadas, Ld.ª, na Póvoa de St.ª Iria, produtora de lâmpadas de luz fluorescente, de vapor de mercúrio e de luz mista.

Os visitantes foram recebidos pelos Directores, Engenheiros e pessoal superior das Fábricas. No final da visita, foi-lhes oferecido pelo Administrador-Delegado sr. João Ildefonso Bordallo um almoço no «self-service» instalado no Centro Social deste importante complexo industrial, que decorreu num ambiente de agradável convívio.

Os futuros arquitectos e seus professores consideraram muito interessante a troca de impressões sobre aspectos fabris e sociais da empresa.



Os professores e alunos de arquitectura na visita á Covina

A saída do Aeroporto, e após a sua chegada, o sr. Kurt Losten acompanhado pelo director-gerente da Bosch em Portugal, sr. Franz Fünfgeld

A expansão da Bosch em Portugal

- *explica a estadia no nosso país do Director-Geral de vendas para todo o Mundo, Kurt Losten*
- *23 milhões de contos anuais é o montante da facturação das 41 empresas associadas*

Chegou ontem a Lisboa, por via aérea, o sr. Kurt Losten, figura de grande relevo nos meios industriais da Alemanha, membro do Conselho de Administração e Director-Geral de Vendas do Grupo Bosch em todo o Mundo, que vem discutir assuntos relacionados com a expansão daquela empresa em Portugal. No aeroporto era aguardado por várias individualidades entre as quais os srs. Franz Fünfgeld Director-Geral da Robert Bosch (Portugal), Lda., e Jorge Romão em representação da Lufthansa.

O Grupo Bosch é composto actualmente por 41 empresas associadas, distribuídas por todo o Mundo, mantendo fábricas nos cinco continentes, com um movimento total de vendas anuais superior a 23 milhões de contos. Se incluirmos os fornecimentos de primeiro equipamento para veículos destinados á exportação, só o movimento ligado ao estrangeiro ultrapassa metade da produção total das fábricas. É ainda de salientar que, mesmo durante o crítico período de recessão assinalado na Alemanha em 1966 e princípios de 1967, o Grupo Bosch registou uma grande subida do seu poder de liquidez. Provou-se assim ser inteiramente certa a política do grupo tendente a uma maior diversificação de produtos para os diversos ramos da industria e contribuindo portanto, poderosamente, para o seu alargamento e expansão nos mais variados sectores de actividade.

De referir, ainda, que actualmente o Grupo Bosch constitui uma fundação, de acordo com a disposição testamentária do fundador Robert Bosch. Deste modo, os lucros das actividades comerciais do Grupo são investidos em obras de interesse publico, nomeadamente nos domínios da saude publica, educação, ciências médicas, valorização profissional, pesquisas científicas, arte e cultura e na promoção de um melhor entendimento entre os povos.

O PREÇO DO AÇÚCAR

A INDÚSTRIA E O PÚBLICO

Desde o dia 1 do corrente, por portaria do Ministério da Economia, entrou em vigor nova tabela de preços do açúcar, cujo objectivo fundamental é o de «atenuar os inconvenientes do elevado preço do açúcar fornecido à indústria».

Nesse diploma, a que nos referimos oportunamente, afirmava-se estarem muitas indústrias (que utilizam o açúcar como matéria-prima essencial) ameaçadas mortalmente pela concorrência de indústrias congéneres estrangeiras, abastecidas de açúcar ao preço internacional, ou seja um terço do que se praticava entre nós.

Assim, o preço do açúcar para certas indústrias baixou de 8$20 para 7$20 e, quando estas exportem para o estrangeiro ou províncias ultramarinas, o preço do açúcar baixará ainda mais, isto é, para cerca de 3$00 o quilo.

A indústria de confeitaria, chocolates e conservas de frutas são as grandes beneficiadas com os novos preços, que constituem, assim, um poderoso estímulo ao seu desenvolvimento. Segundo algumas informações que obtivemos nos dois grémios em causa (Grémio Nacional dos Industriais de Confeitaria e Grémio Nacional dos Industriais de Massas Alimenticias, Bolachas e Chocolates), o presente diploma corresponde, pelo menos em parte, a diligências feitas e vem minorar alguns inconvenientes da desenfreada concorrência estrangeira.

Mas levanta, por outro lado, dificuldades na sua aplicação, dado que estabelece, para cada unidade, mais do que um preço do açúcar, conforme o fabrico se destine ou não à exportação. Além disso, há produtos abrangidos pelo açúcar a preços mais baixos, e outros que o não são, o que pode dar motivo a fraudes e abusos, se não houver uma estrutura especial de fiscalização.

Que quantidade de açúcar gasta a indústria portuguesa?

Segundo números que nos foram fornecidos pelo Grémio dos Armazenistas de Mercearia (a indústria não conseguiu, ainda, como pretende, fornecer-se directamente das refinarias), a indústria de confeitaria e conservas de frutas, que é pràticamente a única consumidora do açúcar granulado, gastou em 1966, um total de 29 585 t. e 32 676 t em 1967.

Entretanto, e ainda segundo a portaria a que nos estamos referindo, a compensação da diminuição do preço do açúcar para a indústria é feita «com um leve aumento do preço do açúcar amarelo».

Este tipo de açúcar, também chamado «areado corrente», é o mais barato que se encontra à venda ao público e é, necessàriamente, adquirido pelas classes mais modestas. Ora esse aumento foi de 10 por cento, pois custava 6$00 e passou a custar 6$60. Manteve-se, entretanto, o preço do açúcar «areado branco», que continua a custar 7$20 por quilo.

Entretanto, em 1966, consumiram-se 67 827 t de açúcar amarelo. Em 1967, o consumo foi um pouco menor: 64 031 t.

Quanto ao açúcar areado branco (de 7$20 o quilo), o consumo foi: em 1966, 82 258 t; em 1967, de 90 910 t.

Estes números dão uma ideia do mercado interno do açúcar. De qualquer modo, pode estranhar-se um pouco que a compensação dos benefícios concedidos a certas indústrias seja obtida — pelo menos por agora — à custa precisamente de um aumento do preço do açúcar gasto pelas classes menos favorecidas.

O dr. Alfredo Hartmann, discursando

Exportadores iniciaram ho para estudo

Cerca de duzentos exportadores portugueses começaram hoje, no Teatro Monumental, um encontro de dois dias organizado pelo Banco Português do Atlântico.

Conforme salientou o dr. Vasco Vieira de Almeida, director-geral daquela instituição bancária, no discurso de abertura, trata-se da segunda reunião deste tipo no espaço de pouco mais de quatro meses. A primeira ocupou-se do problema específico da exportação para a Alemanha e, logo após a sua conclusão foi compreendido que havia que voltar um pouco atrás e realizar um estudo generalizado sobre a exportação e as suas técnicas, explicou o orador.

O dr. Vasco Vieira de Almeida referiu-se á tarefa de esclarecimento que está a ser levada a efeito pelo banco que dirige, salientando que os problemas comuns têm que ser estudados em comum, para encontrar uma solução comum.

—*Estamos num ponto em que é preciso trabalhar bem e depressa.*

NOVOS PREÇOS DE GASOLINA E LUBRIFICANTES NA ALEMANHA FEDERAL

Na Alemanha Federal registam-se agora novos preços de gasolina e óleo, em consequência de algumas alterações recentemente verificadas.

Pelas novas tabelas, o litro de gasolina normal custa, em escudos, 4$50, e o de «super» 4$80. Um litro de gasóleo «Diesel» custa 4$20 e outro tanto de óleo lubrificante fica por 30$60.

O aumento registado nos preços dos três primeiros produtos é de $20 (4,65 por cento), enquanto no óleo lubrificante o aumento foi de $60, em litro (2 por cento).

Dora Leal e José Viana feridos (ligeiramente) num desastre de automóvel

Esta madrugada, cerca das 4 horas, na Rua das Portas de Santo Antão, um automóvel conduzido pela conhecida artista Dora Leal, despistou-se e foi bater na montra de um restaurante. Seguiam no carro, o popular José Viana que é o marido daquela artista e a sr.ª D. Ester Assunção Santos Morais Dias, esposa do maestro Carlos Dias

Todos receberam tratamento a pequenos ferimentos no Hospital de S. José, tendo, em seguida, recolhido a casa.

VISITE A CASA da menina pescadinha

UM PRÉMIO PARA CADA VISITANTE

NO RESTAURANTE:
OS JÁ FAMOSOS JANTARES DE PEIXE E MARISCO
EMENTA

HOJE	AMANHÃ
Sopa à «Gel-Mar»	Sopa de pescado
Caril de Lagosta	Maionese de Gambas
Corvina à Cardeal	Pescadinhas ao Desespero
Charlote de Chocolate	Pudim Vitória
Laranjas de Setúbal em surpresa	Salada de Frutas com Morangos
Pão e vinho	Pão e vinho

PREÇO 50$00

Marcações pelo telefone 610494 das 10 às 19 horas

OFERTA DA MENINA PESCADINHA:
Uma senha numerada para o Grande Sorteio de Fim do Ano

VISITE O ESPELHO DE ÁGUA
*JUNTO AO MERCADO DE ABRIL
TODOS OS DIAS
DAS 16 ÀS 24 HORAS

PRATAS EM 2.ª MÃO
GRANDE VARIEDADE
BONS PREÇOS
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 32 45 64

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

Ourivesar
UM NOME NA O
FUNDADA EM 1879

durante a primeira sessão do II Encontro de Exportadores Portugueses

e banqueiros portugueses je em Lisboa um encontro los problemas comuns

para participar no esquema de realizações do III Plano de Fomento com o reequipamento de muitas industrias e face aberta á desmobilização alfandegária da EFTA — declarou

Na mesa da presidência além do director-geral do B. P. A., que ocupava o centro, viam-se o dr. Cruz Vidal, presidente da Associação Comercial Portuguesa; dr. Silva Rebelo, presidente da Corporação da Industria; dr. Fausto de Figueiredo, presidente da Corporação de Crédito e Seguros; dr. Batalha Reis, presidente do Fundo de Fomento de Exportação, e o primeiro conferencista, dr. Alfred Hartmann, director-geral da União dos Bancos Suíços, apresentado como uma das maiores autoridades da matéria, que seguidamente versou «O Sistema de pagamentos internacionais e o problema das alterações cambiais».

Discursando em francês, o dr. Hartmann começou por traçar a evolução da situação monetária desde Novembro de 1967, referindo, mais pormenorizadamente, as consequências da desvalorização da libra, «deficit» das balanças de pagamento da Grã-Bretanha e, em particular, dos Estados Unidos

— *Depois da desvalorização da libra, o dólar ficou por consequência como a unica moeda-chave e a unica moeda de reserva. A sua desvalorização teria um efeito desastroso e é improvável que continuasse a desempenhar um papel vital de moeda-chave e de moeda de reserva aos olhos das outras nações* · disse. — *Perguntar-me-eis certamente* — prosseguiu — *quais as moedas que, hoje, se encontram em risco de desvalorização, e quais são os sinais avisadores de uma desvalorização de moeda. Uma desvalorização pode ter diversos motivos e destina-se a corrigir o «deficit» crónico das balanças de pagamento. Se um país, como a Grã-Bretanha, por exemplo, não consegue remediar a tempo, com medidas apropriadas, uma tal situação, as reservas monetárias fundem-se como a neve ao sol e é necessário recorrer á desvalorização.*

E prosseguiu:

— *Como já afirmei, considero, por diversas razões, uma desvalo-*

(Continua na 16.ª página)

O IMAVE homenageou os órgãos de Informação

Estavam ali, à vista de todos, os numeros que falavam da actividade (de uma pequena parte da actividade) do IMAVE, uma sigla que já se popularizou e que significa Instituto dos Meios Audio-Visuais de Ensino

Ali estavam alguns numeros com referência apenas a 1967 — 487 programas radiofónicos, 1493 programas escolares na Televisão, 180 filmes didácticos e experimentais... Estavam ali os numeros para quem os quisesse ver. Por acaso. Porque o objectivo não fora esse. Não era «reunião de negócios» Tratava-se, pura e simplesmente, de uma homenagem promovida pelo IMAVE aos órgãos de Informação pelo muito que deles o IMAVE recebera ao longo dos seus três anos fecundos de existência. O dr. António Leónidas, numa alocução exemplarmente breve, falou de quanto o Instituto de Meios Audio-Visuais de Ensino deve aos órgãos de Informação — e frisou que sem tal preciosa e desinteressada ajuda a acção do IMAVE teria sido, necessàriamente, muito mais limitada.

A atitude do prestigioso IMAVE ganha assim um significado educativo que aos nossos ouvidos *soa* como uma belíssima intenção — para empregarmos uma expressão incluída na actividade do Instituto. E que justifica também da parte dos órgãos de Informação uma palavra de agradecimento.

«AOS COSTUMES DISSE NADA»

FÉRIAS À FORÇA PARA O SR. RODRIGUES

E o senhor Alberto Rodrigues contou:

— Parei na Praça do Comércio a fim de voltar á Rua da Alfândega, pelo que abri o sinal do lado direito Um automóvel, já depois disso, já depois de saber que eu ia voltar á direita veio colocar-se mesmo a meu lado. Quando o orientador do trânsito deu sinal, inevitàvelmente eu tinha de lhe bater.

Foi o que aconteceu. Eu ia ao volante de um monstro de vinte toneladas, daqueles de dez rodas.

Pronto. O senhor Alberto Rodrigues disse tudo o que interessava para a questão do momento. Tem contra si duas testemunhas. Viram. Viram o choque. Viram que quem bateu foi o «Scânia». Além disso, ao longo de mais de vinte anos de condução de longo curso, o cadastro fala de uma dezena de acidentes pequenos, pequenos choques, aqui e acolá, Loures, Vila do Conde... «Nunca por minha culpa» — *acrescenta o senhor Alberto.*

Fora as multas, a sentença impõe a impossibilidade de conduzir durante 30 dias. Assim termina mais um episódio banal de vida banal de Lisboa. Assim termina oficialmente. Porque o sr. Alberto Rodrigues, enquanto desce o passeio tocado pelo doente sol de Maio, vai dizendo com os seus botões:

«Aborrecida, esta história de não poder conduzir. Já agora, que estou quase no fim da carreira, gostava de me sair com limpeza. Paciência. Só não acontece a quem não anda nisto. E se formos a ver, até foi capaz de ser um bem. Há mais de vinte e cinco anos, nunca tirei umas fériazinhas. E não vou morrer sem ganhar um mês. Cá me hei-de governar, ora essa! Um homem não é uma máquina».

A multidão do meio-dia engrossava e o sr. Rodrigues dissolvia-se nela.

A NOBREZA MUNDIAL DO SANGUE E DO DINHEIRO VEM A PORTUGAL EM SETEMBRO

É já tradicional dizer-se que a mais bela estação portuguesa é o Outono, tão cantada pelos poetas. Isso justifica, certamente, a preferência que foi dada ao mês de Setembro para aqui se realizarem duas das mais brilhantes festas, daquelas em que frequentemente se envolvem os membros da aristocracia, do sangue ou do dinheiro.

Uma dessas, de que já se falou aos leitores, é a que vai dar o «rei do estanho», o milionário Patino, há muito residente entre nós. Há muitas centenas de convidados, dos mais célebres no mundo da finança, do espectáculo e da aristocracia. E parece até, que vai haver uma espécie de disputa, para ver quem apresentará o mais famoso «bouquet» de convidados. E diz-se, por outro lado, que haverá, então, uma permuta, pois as individualidades que se deslocam a Portugal para assistir à festa de Patino assistirão à festa com a qual outro milionário — Pierre Schlumberger — assinalará a inauguração da sua nova residência.

Oitocentos convidados vão distribuir-se pela bela quinta da Várzea de Colares (Vinagre), que pertenceu á condessa de Mafra, D. Maria. Com efeito, esta aristocrata vendeu aquela sua propriedade a Pierre Schlumberger, que a tem estado a aiindar e mobilar. Pensou-se que a grande festa de Colares seria feita em Maio, mas acabou-se por transferi-la para Setembro.

Os duques de Windsor durante uma das suas frequentes saídas e participação em acontecimentos mundanos

Por isso, hoje, os jornais andaram alarmados, pois entre as figuras muito conhecidas a chegar a Portugal contavam-se os duques de Windsor. O célebre casal, que, como se sabe, está quase sempre na sua casa de Paris, virá a Portugal em Setembro, ficando alojado no hotel de Seteais, onde se encontram reservados três aposentos para eles, entre os dias 2 e 8. Esta reserva está ainda sujeita a confirmação, dependendo, provàvelmente, da data definitiva das duas festas.

Para Lisboa vai ser uma festa recordar o agora velho duque, lembrar-se, em especial, do rapaz elegante que fez furor no Estoril e em Cascais quando Principe de Gales.

Depois veio a subida ao Trono e o amor que levou Eduardo VIII a abdicar, para não renunciar ao amor da senhora Simpson. A elegante viúva tornou-se duquesa e tem sido a desvelada companheira de seu marido. Passaram quase vinte anos e, hoje, a duquesa é já um membro da familia real britânica. Com lágrimas nos olhos o povo inglês reviu-os há pouco, numa cerimónia de homenagem a Jorge VI, e daqui a pouco quase ninguém se lembrará já do mais belo romance de amor que incendiou a imaginação europeia e americana. Em Lisboa, como em Paris e Londres, iremos cumprimentar um sóbrio e simpático casal de sexagenários, a quem a fama e a glória não conseguiram roubar o tom de humanidade que têm sabido conferir à sua vida.

Regressou à Metrópole um contingente militar que prestou serviço no Ultramar

Regressou hoje à Metropole um contingente militar que, durante dois anos, permaneceu no Ultramar em missão de soberania. Os militares viajaram a bordo do paquete «Quanza», o qual atracou ás 7 horas no cais da Gare Marítima de Alcantara.

Como de costume, no arruamento anexo ao cais, decorreu depois uma cerimónia de boas-vindas que foi presidida, em representação do Ministro do Exército, pelo inspector da Direcção da Arma de Infantaria, coronel Gouveia Pessanha.

TABELA ÚNICA PARA ABONOS DE FAMÍLIA —a partir de 1 de Julho

A partir de 1 de Julho próximo, as instituições de previdência com abono de família integrado e pelas caixas de abono de família passam a pagar os referidos abonos por um unico escalão, fixando-se em 100$00 e 60$00 mensais, respectivamente, o quantitativo atribuido por descendente ou equiparado, ou por ascendente ou equiparado — anuncia um despacho ministerial hoje publicado no «Diário do Governo».

Mantêm-se, no entanto, os abonos superiores que estejam a ser pagos nos termos do despacho de 1 de Maio de 1955.

ia da
JUIA
JRIVESARIA PORTUGUESA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático — Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.º) — Sr. VIRGÍNIO A. DIAS DE SOUSA — PORTO
2.º) — Sr. ANDRÉ DE JESUS GARCIA — GAIA
3.º) — D. MARIA DA CONCEIÇÃO COUTO — PORTO
4.º) — D. MARIA MARGARIDA MACEDO — GAIA
5.º) — Sr. MANUEL ROCHA FRANCISCO — PORTO
6.º) — Sr. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES.

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

LUTA-SE POR UMA PONTE A CINCO QUILÓMETROS DO CENTRO DE SAIGÃO

SAIGÃO, 9 — (R.) — Três batalhões de infantaria americana e «rangers» sul-vietnamianos, totalizando cerca de 2400 homens, atacaram hoje uma importante força «vietcong», a menos de cinco quilómetros do centro de Saigão.

O violento recontro, com cerca de 450 a 900 «vietcongs», foi principalmente travado a ocidente de uma ponte em forma de Y, que é uma das ligações do principal canal do delta do Mekong.

A ponte atravessa uma ilha do rio Saigão e alguns guerrilheiros conseguiram passar outra ponte que dá para a mesma ilha — anunciaram círculos militares.

Atiradores «vietcongs», escondidos em telhados e na vegetação junto ao rio, mantinham os americanos e os sul-vietnamianos que guardavam a ponte constantemente debaixo de fogo.

A ponte tornou-se o foco do segundo ataque do Vietcong a Saigão, que já vai no segundo dia consecutivo.

Observadores afirmam que, se os marinheiros aguentarem a posição, terão possibilidades de atacar com morteiros objectivos centrais.

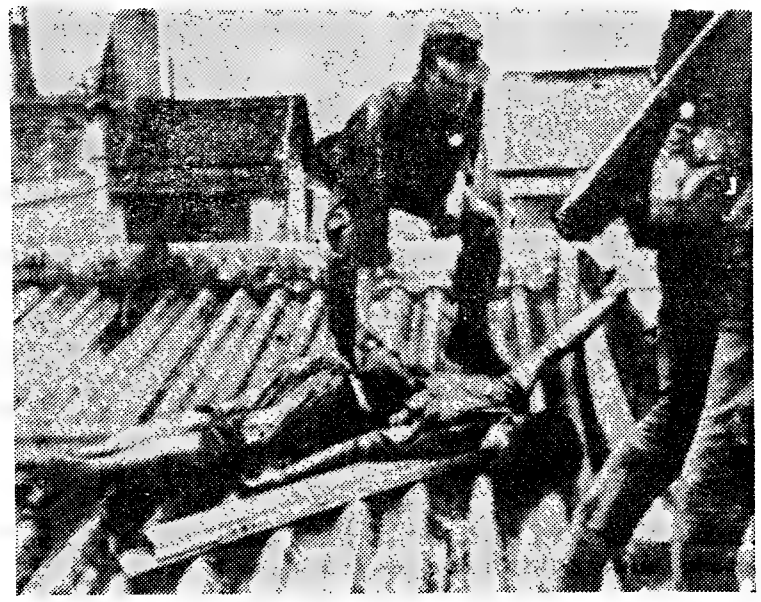
TEMPERATURA: 32 GRAUS CENTÍGRADOS

As tropas governamentais foram apoiadas por fogo de barragem de helicópteros armados, que circundavam a área, tentando desalojar os «vietcongs».

Transportes de tropas blindados foram levados para a ponte a fim de reforçar a defesa.

Refugiados arrastando os seus haveres arriscavam-se a atravessar o fogo, para alcançar a segurança na margem norte. Alguns andavam calmamente. Outros seguiam a toda a velocidade, de motocicleta, aos zigue-zagues. Uma família atravessou a ponte num enorme carro onde tinha empilhado as suas coisas.

As tropas americanas e sul-vietnamianas com alguns soldados em tronco nu, por causa do intenso calor (32 graus centígrados), acocoravam-se por trás das guardas da ponte, para ripostar ao fogo «vietcong». Um americano foi morto a tiro e um outro gravemente ferido jazia no chão, aguardando que o levassem, gemendo em voz baixa: «Depressa, por favor, depressa»



«Vietcong» abatido num telhado de Saigão durante a luta que se está a travar pela posse da capital do Vietnam do Sul

RECUO AMERICANO

SAIGÃO, 9 — (F. P.) — «Duzentos vietcongs conseguiram infiltrar-se no bairro de Khan Toi» — anuncia-se de fonte americana. Na margem norte do canal de derivação, no sector do porto, três batalhões de fuzileiros navais sul-vietnamianos contêm os adversários.

As forças americanas tiveram de recuar, quando do ataque vietcong nos arrozais, em frente do bairro de Khanh Hoi. Pediram o apoio da artilharia.

Determinação da F. N. L.

HONG-KONG, 9 — (R.) — A chefia do Vietcong manifestou a sua determinação de combater enquanto continuar a «agressão» americana no Vietnam do Sul — afirmou a noite passada a agência noticiosa norte-vietnamiana.

Numa mensagem dirigida ao povo do Vietnam do Sul, a comissão central da Frente Nacional de Libertação, a secção política do Vietcong, afirmou que a posição das forças comunistas quanto a este ponto permanece inabalável.

Na sua mensagem, datada de 6 de Maio, a comissão acrescentava: «Recusamo-nos terminantemente a sermos escravizados e a perder de novo a nossa pátria».

Cyrus Eaton em Cuba?

HAVANA, 9 — (F. P.) — Segundo rumores não confirmados, o homem de negócios norte-americano Cyrus Eaton, encontrar-se-ia actualmente em Cuba.

Cyrus Eaton, conhecido pelas suas simpatias pelas esquerdas e que efectuou numerosas viagens á União Soviética e a outros países socialistas, estudaria as possibilidades de normalização das relações entre os Estados Unidos e Cuba. Seria hóspede de Fidel Castro.

o dia indicado
à hora indicada
no segundo exacto

POLEROUTER DATE

O relógio POLEROUTER DATE, último descendência da série "POLEROUTER" responde a esta exigência. Movido pelo célebre movimento MICROTOR, está equipado de um calendário automático de grande visibilidade.
Existe em ouro, plaqué ouro 300 microns e aço.

- calendário automático
- movimento automático, o mais achatado do mundo
- até 2 dias de reserva de marcha
- 28 rubis
- impermeável
- antimagnético

UNIVERSAL GENÈVE

Fornecedores oficiais da S A S.

Os tumultos em Paris já causaram um milhar de feridos

PARIS, 9. — (A. N. I.). — A Polícia parisiense receia que os tumultos estudantis, que já causaram 1000 feridos, entre estudantes e guardas, venham a reacender-se hoje, apesar da possibilidade da Sorbonne reabrir esta tarde.

Apesar da chuva torrencial, que caía sobre Paris, cerca das 23 horas de ontem, entre 15 mil a 20 mil estudantes universitários continuavam a percorrer, em marcha, as ruas da cidade, agitando bandeiras vermelhas e gritando: «Libertem os nossos camaradas», «A Sorbonne para os estudantes», «Abaixo a repressão» e «Solidariedade trabalhadores-estudantes»

Até essa hora, não se haviam registado actos de violência

MANIFESTAÇÃO SEM INCIDENTES

PARIS, 9. — (F. P.) — Ontem assistiu-se, ao princípio da «contra-escalada» da violência entre os estudantes e a Polícia.

A manifestação de quarta-feira desfilou sem incidentes na periferia do Bairro Latino. Começando com uns 6000 manifestantes, o cortejo acabou por reunir uns 20 000 ou talvez 25 000. Ás 22 horas tudo terminara.

Doze participantes nas manifestações anteriores, presos por sevícias contra agentes ou por serem portadores de armas, foram entregues ao tribunal. Entre eles, contavam-se três estrangeiros: um norte-americano, um alemão e um suíço.

Ontem, terceiro dia de mobilização nas Universidades da província, 3000 estudantes desfilaram em Marselha, 2000 em Grenoble e em Ruan, 1500 em Lille. As manifestações decorreram calmamente, ás vezes com a colaboração de elementos dos sinlicatos operários ou dos partidos políticos da esquerda

Para hoje, estão marcadas várias manifestações em Dijon e em Clermont Ferrand, com a participação dos sindicatos operários.

Duas tendências na massa universitária brasileira

RIO DE JANEIRO, 9 — (F. P.) — Definem-se duas tendências gerais na massa universitária do Brasil, depois das manifestações sangrentas de Março-Abril, que se saldaram por alguns mortos, numerosos feridos e detenções maciças, muitas das quais foram mantidas.

1 — Uma maioria favorável á não-violência, e que entende limitar a acção académica a reivindicações de natureza estritamente universitária.

2 — Uma maioria de cabecilhas, geralmente aparentados com as duas facções extremistas da esquerda (tendências castrista e pró-chinesa), favoráveis á acção terrorista imediata, á guerra e á luta de guerrilhas, ou á «acção popular».

SEGUNDO ENXERTO CARDÍACO EM FRANÇA

MONTPELLIER, 9 — (F. P.). O prof. Benezech, director da Faculdade de Medicina local, anunciou que a equipa cirurgica do prof. Negre, realizou uma transplantação cardíaca, a segunda em França. O receptor conta 65 anos.

Vinte e quatro horas após a intervenção, o estado do doente é satisfatório, mas o prognóstico continua muito reservado.

ADVERTÊNCIA DE RALPH ABERNATHY

ATLANTA, 9 — (F. P.). — Enquanto de todos os pontos dos Estados Unidos milhares de negros convergem, em autocarro e a pé para Washington, a fim de tomarem parte na «marcha dos pobres», o reverendo Ralph Abernathy, sucessor de Luther King, lançou ontem, em Atlanta, um novo e ultimo aviso.

«A factura para as gerações da despreocupação, da opressão e da negligência está a pagamento» — disse. «A factura vai ser cobrada, ou a bem ou a mal, de modo decente e humano, com afeição, ou com medo e ódio, nas chamas da destruição.

«A «campanha dos pobres» — concluiu — para pôr termo á opressão do racismo e da pobreza vai criar algumas perturbações mas é para a América uma ocasião de coisas piores».

ALCOBAÇA

✝

RAUL FERREIRA DA BERNARDA

FALECEU

Mariana Coelho da Bernarda, Maria Amélia da Bernarda de Carvalho, Joaquim Augusto Ferreira da Bernarda, Manuel João Coelho da Bernarda, José da Silva Carvalho, Maria da Conceição Soveral Ferreira da Bernarda, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso marido, pai, sogro e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 10, ás 9 horas, em Alcobaça, para o cemitério local

ALCOBAÇA

✝

RAUL FERREIRA DA BERNARDA

FALECEU

ARLINDO & RODRIGUES cumprem o doloroso dever de participar aos seus Ex.mos clientes e amigos o falecimento do seu querido patrão e amigo cujo funeral se realiza amanhã, dia 10, pelas 9 horas, em Alcobaça, para o cemitério local.

ALCOBAÇA

✝

RAUL FERREIRA DA BERNARDA

FALECEU

RAUL DA BERNARDA & FILHOS, LDA. — ALCOBAÇA, pessoal de escritório e operários têm o doloro dever de participarem o falecimento do seu sócio fundador, cujo funeral se realiza amanhã dia 10, pelas 9 horas, em Alcobaça para o cemitério local.

«O RELÓGIO»

BOITE

ESTÁ A APRESENTAR TODAS AS NOITES

«OS CHINCHILAS»

CONSUMO NORMAL — R. do Olival, 1 (à Lapa)

Marcações pelo tel. 665661 — Maiores 17 anos

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Severas medidas de segurança tomadas em Paris para proteger os negociadores

PARIS, 9 — (R.) — A França está a tomar as mais severas precauções de segurança para proteger os negociadores americanos e norte-vietnamianos que chegam hoje a esta capital, para participarem nas há muito aguardadas conversações preliminares de paz.

O centro de conferências internacionais, de Pedra Cinzenta, perto do Arco do Triunfo, no centro da cidade — utilizado pela Gestapo durante a ocupação de Paris pelos nazis na Segunda Guerra Mundial — foi aceite por ambos os lados como o local para a sua primeira conferência.

A Polícia isolou já o edifício com barreiras. Uma guarda permanente foi colocada junto dele e detectives estão agora a estudar planos detalhados da área. O ministro das Informações, Georges Gorse, pediu, também, aos parisienses para se comportarem com a maior calma durante as conversações.

Esperava-se que as conversações se iniciassem rápidamente amanhã, após os dois lados trocarem cortesias durante uma sessão inaugural formal, que, no entanto, será imediatamente seguida por um adiamento no fim-de-semana.

O negociador principal de Hanói, o poeta-diplomata Xuan Thuy, de 56 anos, um acérrimo revolucionário desde a juventude, será o primeiro a chegar hoje, num avião procedente de Moscovo.

Será seguido, cerca de oito horas depois, por Averell Harriman, de 76 anos, um diplomata milionário-veterano, que tem tratado de vários problemas delicados para quatro presidentes dos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial.

OS AMERICANOS RECEIAM O MALOGRO DAS CONVERSAÇÕES PRELIMINARES EM PARIS

PARIS, 9 — (A. N. I.) — As autoridades norte-americanas em Paris reconhecem que um malogro nas conversações com Hanói significaria o recomeço dos bombardeamentos em plena escala do Vietname do Norte e uma luta mais dura no Sul com os consequentes riscos de um envolvimento no conflito da União Soviética e da China Continental.

Embora os primeiros elementos das delegações de Hanói e de Washington chegados á capital francesa se tenham mostrado optimistas, diplomatas experimentados julgam que a questão da suspensão total dos bombardeamentos vai levantar problemas, que podem levar as conversações a um beco sem saída ou mesmo ao malogro.

Hanoi não se tem cansado de repetir que os Estados Unidos devem acabar incondicionalmente com todos os bombardeamentos ao Vietname do Norte antes de começarem as conversações de paz.

Averell Harriman, representante dos Estados Unidos, deve, durante estes trabalhos preliminares, insistir com os comunistas para que façam algumas concessões em troca — talvez a promessa de cortar a infiltração de tropas norte-vitnamianas e de abastecimentos ou mesmo da retirada de alguns soldados norte-vietnamianos do Sul.

O aumento de combatentes e munições comunistas no Vietnam do Sul e a recente ofensiva contra Saigão e outras cidades sul-vietnamianas são interpretadas pelas autoridades norte-americanas, como um sinal de que os comunistas estão a procurar iniciar as conversações numa «posição de força».

A ofensiva é considerada também um sinal ameaçador para o êxito das discussões.

O ex-primeiro-ministro Paul Boeynants, a quem o rei Balduino pediu que formasse novo Governo.

O VESTIDO MAIS CARO

PARIS, 9 — (F. P.) — Françoise Hardy apresentará o modelo de vestido mais caro do Mundo — avaliado em 15 milhões de francos (uns 82 500 contos) na Primeira Exposição Mundial dos Diamantes, a começar no próximo dia 15, numa joalharia da Praça da Ópera.

Este modelo, criado por Paco Rabanne, consta de chapas maleáveis de ouro maciço, tendo, a guarnecer o decote, 22 brilhantes e, na cintura, um só brilhante de 40 carates.

O Sumo Pontífice chega a Bogotá em 25 de Agosto

BOGOTÁ, 9 — (A. N. I.) — A notícia de que o Sumo Pontífice visitará a Colômbia por ocasião do Congresso Eucarístico de Bogotá, de 18 a 25 de Agosto foi recebida com viva alegria no país.

Julga saber-se que Paulo VI chega a Bogotá no dia 25 para o encerramento do Congresso, passa a noite na capital, e inaugura no dia seguinte a II Conferência do Episcopado Latino-Americano.

Esta transfere-se depois para Medellin, ainda na Colômbia, para as deliberações finais e não se põe de parte a hipótese de o Santo Padre se deslocar também áquela cidade, regressando no mesmo dia a Bogotá de onde parte para Roma.

Acrescenta-se que a maioria das deslocações do Papa em Bogotá será feita de helicóptero, servindo de heliporto um recinto desportivo em construção para 75 mil pessoas e com uma área de 320 mil quilómetros quadrados.

PROJECTO PARA ACABAR COM AS FAVELAS EM DOIS ESTADOS

RIO DE JANEIRO, 9 — (F. P.) — A substituição das favelas (construções miseráveis) dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro, por habitações confortáveis em zonas urbanizadas, vai ser empreendida próximamente pelo Governo do marechal Costa e Silva.

O ministro do Interior, general Afonso de Albuquerque e Lima, elaborou um programa para acabar com esses casebres de construção precária levantados nas colinas dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro e que constituem um dos maiores problemas sociais destes dois Estados brasileiros. No Estado da Guanabara, de acordo com os dados oficiais, existem 306 favelas que albergam 1 200 000 pessoas. Durante as trágicas inundações de Janeiro de 1966, centenas dessas construções miseráveis, de madeira e lata, foram destruídas provocando a morte de cerca de duzentas pessoas.

O ministro do Interior solicitou ao presidente da Republica a expropriação dos terrenos em que serão construídos os futuros monoblocos, que substituirão, num futuro próximo, as favelas cariocas e fluminenses.

Os astronautas norte-americanos David Scott, James McDivitt e Russell Schweickart, que foram nomeados para constituir a tripulação da segunda nave espacial «Apolo». Um voo de ensaio realizar-se-á, provávelmente, em Outubro.

Sabotadores árabes actuam na Península do Sinai

JERUSALÉM, 9 — (A. N. I.) — Sabotadores árabes fizeram ontem explodir uma bomba na península do Sinai. Foi o primeiro ataque de que há conhecimento naquela área, desde a guerra de Junho — anunciaram em Jerusalém informadores militares israelitas.

Também ontem, o ministro israelita da Defesa, general Moshe Dayan, afirmou no Parlamento que mais de uma centena de sabotadores árabes foram abatidos desde o fim da guerra de Junho até 22 de Abril, tendo sido feridos 42 e detidos 1640.

Acrescentou que o equipamento militar apreendido incluí quinhentas armas, sessenta mil balas e uma tonelada de explosivos.

Outros acontecimentos de ontem no Médio Oriente:

— O enviado especial das Nações Unidas, Gunnar Jarring, esteve novamente em Jerusalém onde conferenciou com os dirigentes israelitas.

— O presidente Nuredino Atassi da Síria regressou ao seu país depois de ter conferenciado no Cairo com o presidente Nasser, ao que se supõe, para conseguir o apoio egípcio para o seu Governo socialista.

— O primeiro-ministro da Jordânia, Bahjat Talhouni, chegou a Beirute e entregou ao presidente Charles Helu uma mensagem do rei Hussein.

ISRAEL LIBERTOU 43 PRISIONEIROS JORDANOS

AMMAN, 9 — (F. P.) — A Comissão Internacional da Cruz Vermelha anunciou que as autoridades israelitas entregaram ás autoridades jordanas 43 prisioneiros, que tinham sido capturados durante o ultimo ataque israelita contra a Jordânia.

Ainda há 126 jordanos presos em Israel.

O MINISTRO DA DEFESA EM BRUXELAS

BRUXELAS, 9 — (A. N. I.) — O ministro português da Defesa, general Gomes de Araújo, chegou a Bruxelas, onde participará na conferência dos ministros da Defesa dos países da O. T. A. N., que se realiza amanhã.

Ex-tenente-coronel do Exército brasileiro pede asilo político numa embaixada

RIO DE JANEIRO, 9 — (A. N. I.) — Pediu e obteve asilo na Embaixada do México o antigo tenente-coronel do Exército brasileiro Jefferson Cardim de Alencar Osório — segundo informa o Ministério das Relações Exteriores

O comando da quinta região militar, com sede em Curitiba, informara ontem á tarde da fuga de Jefferson, no domingo passado, de uma unidade do Exército.

Cumpria o fugitivo a pena de dez anos de reclusão imposta por um tribunal militar da quinta região militar, em virtude de ter comandado um movimento de guerrilheiros no Sul do Brasil em 1965, em cuja prisão, no território do Estado do Paraná, morreu o sargento do Exército Argemiro Camargo.

Jefferson, que tinha seus direitos políticos cessados pela revolução de 1964, tentou uma outra revolução em 26 de Março de 1965, porém três dias depois ele e os seus poucos comandados foram presos na fronteira brasileira, perto do Paraguai e da Argentina, onde o cerco das forças governamentais impediu a fuga para o estrangeiro.

PRÉMIO PARA BARNARD

MILÃO, 9 — (F. P.) — O prémio internacional Dag Hammarsjoeld de mérito científico foi atribuído ao prof. Christian Barnard — anunciou ontem, em Milão, Dino di Stefano, fundador do prémio.

O prémio será entregue ao cirurgião no próximo dia 25 de Maio, em Palma de Maiorca, na sede permanente do comité de atribuição do prémio.

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE

Av.ª da República, n.º 29

LISBOA

COLÓNIA BALNEAR INFANTIL

AVISO

Avisam-se todos os sócios deste Organismo, que a inscrição para os seus filhos, dos 7 aos 12 anos, frequentarem gratuitamente a respectiva Colónia Balnear Infantil, se encontra aberta até ao dia 31 do corrente mês de Maio, data em que a mesma encerra impreterivelmente ás 22 horas, na Secretaria.

A DIRECÇÃO

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA

Cursos: BASICO, NORMAL, ACELERADO

Cursos de VERÃO com início em Maio e Junho

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES

Rua Marques da Silva, 99-2.º — Telef. 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS

R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel. 536380

CURSOS INTENSIVOS — AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — PROFESSORES ESPECIALIZADOS — LIVROS PRÓPRIOS

A IMPORTÂNCIA DO LIVRO TÉCNICO E DA MECANOGRAFIA

SALIENTADA POR CUPERTINO DE MIRANDA NO ENCONTRO DE EXPORTADORES

(Continuação na página central)

rização do dólar e nova desvalorização da libra esterlina como fora de causa — concluiu.

A sessão da manhã terminou com um animado debate.

De tarde D. Fernando Aranda, professor do Instituto de Estudos Superiores da Empresa de Barcelona, proferiu uma lição sobre «A Organização da Empresa para a Exportação», com as seguintes rubricas: objectivo; problemas específicos; o escalão das técnicas; estratégia: suas variáveis e o ponto de vista internacional; a organização interna para a exportação; posições executivas e níveis de direcção; integração — relações com as demais áreas; o critério internacional na empresa; grau de utilização nas organizações externas à empresa e requisitos humanos para a acção exterior. Seguiu-se um animado debate.

Ao fim da tarde, abre ao publico, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, uma exposição de bibliografia técnica e aparelhagem mecanográfica, que será visitada pelos ministros das Corporações e das Finanças e por outras altas individualidades.

No discurso preparado para esta ocasião, o sr. Artur Cupertino de Miranda presidente do conselho de administração do Banco Português do Atlântico, salientou a importância do livro-instrumento técnico de trabalho ou livro funcional «eminentemente ligado ás actividades técnicas, consigna sobretudo as preocupações dominantes das economias em vias de expansão e reflecte o estado, ou pelo menos a tendência evolutiva dos diferentes campos em que se insere».

— Referindo-se a uma data para a qual temos elementos das duas nações de fala lusíada, em 1963, 81 % das traduções publicadas em Portugal eram de obras de literatura e apenas 19 % eram versões de obras técnicas, de ciências sociais e de ciências puras e aplicadas. Nesse mesmo ano, no Brasil, as percentagens eram, respectivamente, de 44 % e 6 %. Daí que tantos volumes editados no Brasil figurem nesta exposição — declarou.

E, sobre o outro aspecto da exposição, diz.

— Temos, perante nós, o equipamento mecanográfico ao serviço da empresa. Arrastadas pelo progresso técnico e influenciadas por pressões internas e exteras, as empresas tedem a abandonar, cada vez mais aceleradamente, a fase artesana dos seus processos administrativos, orientando-se no sentido da automatização dos seus serviços com a aplicação das novas técnicas que a mecanografia coloca á sua disposição. É, aliás, na reconversão dos processos clássicos noutros mais evoluidos técnica e económicamente, que a empresa há-de procurar a necessária redução de custos e, consequentemente, o aumento de produtividade por forma a exercer a sua actividade em condições concorrenciais. A empresa, será, no futuro, aquilo que o determina a sua organização interna, ou seja, o seu grau de automação. Tratamento automático da informação a velocidades notáveis, extrema rapidez dos cálculos facilidade de resolução dos novos problemas: tais são, em síntese, as superioridades que possuem as técnicas mecanográficas modernas e que explicam as vantagens consideráveis do seu emprego em matéria científica e económica.

O II Encontro de Exportadores Portugueses encerra-se amanhã.

Causou emoção o acidente sofrido pelo treinador do Olhanense

OLHÃO, 9. — Correu célere a notícia do acidente de viação ocorrido ontem, conforme noticiámos, á saída de Aljustrel, quando o automóvel do ex-jogador sportinguista Veríssimo, colidiu com um outro veículo que seguia á sua frente e cujo condutor virou repentinamente.

O treinador do Olhanense sofreu fractura de algumas costelas, encontrando-se internado no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, para onde foi transportado numa ambulancia.

Os olhanenses, que, no próximo domingo, defrontam o Portimonense, num encontro em que terão de sair vencedores para não baixarem á 3.ª Divisão, ficaram profundamente emocionados com o acidente que podia ter roubado a vida áquele desportista.

Cruzeiros a favor da Cruz Vermelha

A favor da Cruz Vermelha Portuguesa, realizam-se, este ano, dois cruzeiros no paquete «Principe Perfeito», da Companhia Nacional de Navegação. O primeiro é ao Báltico, com partida de Lisboa, em 2 de Agosto, para Antuérpia e visita a Bruxelas, de onde o navio largará para Copenhague e daqui para Helsinquia, com excursões a Leninegrado e a Moscovo, por via aérea. De Helsínquia, o «Príncipe Perfeito» rumará para Estocolmo, onde estará dois dias, após o que seguirá para Southampton, com excursão a Londres, em comboio especial, chegando a Lisboa no dia 16.

O segundo cruzeiro é ao Mediterraneo, com partida de Lisboa no dia 19 de Agôsto, por Gibraltar, Palma de Maiorca, Atenas, Istambul, Izmir, Siracusa e regresso a Lisboa no dia 1 de Setembro.

Quando o público esquece a idade dos toureiros

• Manuel Conde e Luís Miguel da Veiga frente a frente (domingo) no Campo Pequeno

Manuel Conde e Luís Miguel da Veiga são os dois cavaleiros que, no domingo, vamos ver em sensacional competição. Duas gerações frente a frente. Dois estilos. Um valor reconhecido por vinte anos de alternativa; um valor a afirmar-se de corrida para corrida, de ano para ano.

Vila Franca de Xira testemunhou no passado domingo o triunfo rotundo dos dois ginetes. E, caso curioso, os touros que conquistaram os troféus da bravura e do trapio foram lidados por eles. Em «faenas» empolgantes, ao som de musica, com o publico em rebuliço.

Frente a frente com o repórter, Conde e Veiga.

— Como vêem a competição?

Conde: Como um bem necessário. Sem se competir, não se progride. A festa precisa de paixão, de luta, mas luta leal, só na praça e frente ao touro.

Luís Miguel: O estímulo que nos acicata. O desejo legítimo de suplantarmos o colega e de nos superarmos a nós próprios. As grandes épocas do toureio celebrizaram-se pelas grandes competições.

— A diferença de idades será desvantajosa?

Conde: Apenas num sentido: na popularidade junto das meninas. Tauromáquicamente, não. O que eu posso levar da experiência traz o Luís Miguel de juventude, de irreverência. Deste contraste, um maior interesse.

Luís Miguel: Quando se toureia (a sério, bem entendido), o publico esquece a idade que temos. Quer um exemplo? Domingo, em Vila Franca. O publico aplaudiu, com idêntico entusiasmo, o Manuel Conde e a mim.

Pois oxalá as coisas resultem no domingo no Campo Pequeno tão bem como se verificou há uma semana em Vila Franca.

Na lide apeada, teremos Antonio Chenel «Antoñete», triunfador da temporada portuguesa de 1967, em três corridas que ficaram memoráveis, no «ruedo» da capital, e Amadeu dos Anjos que reaparece em Lisboa, depois de um ano de ausência em corridas formais. As pegas são confiadas aos briosos Forcados-Amadores de Évora, comandados por João Nunes Patinhas, e os touros — um bonito e escolhido curro — foram apartados na conceituada ganadaria vila-franquense do sr. Tomás da Costa.

UMA GARAGEM DE 10 KM 2 VAI SER CONSTRUÍDA EM CABO RUIVO

A General Motors, através das suas concessionárias, tem vindo a efectuar ultimamente reuniões periódicas com os seus clientes, a fim de os ouvir sobre o produto que fabrica e fornece.

Nova troca de impressões se efectuou agora, tendo os clientes, desta vez, visitado a linha de montagem da General Motors, em Azambuja: cerca de cento e cinquenta operários ultimam, por dia, trinta e três veículos.

Mais tarde, no decurso de uma reunião que se prolongou por cerca de três horas, os clientes apontaram os defeitos e virtudes daquela empresa americana em Portugal. Todas as suas sugestões e reclamações foram levadas em conta.

Por último, foi dito aos presentes que será construída em Cabo Ruivo, num período de dezoito meses, uma garagem de grandes proporções (10 mil metros quadrados úteis), empreendimento orçamentado em setenta mil contos.

— Os clientes da cidade — disse o sr. Mexia de Almeida, funcionário superior da empresa — terão, a partir desse momento, assistência assegurada e contínua.

LEILÃO
ANTIGUIDADES
COLECÇÃO ARTHUR DE SANDÃO

Dias 15; 16 e 17 das 21 às 24 horas

Dia 18 das 15 às 19 e das 21 às 24 horas

SENTIMO-NOS HONRADOS AO PODER ANUNCIAR A VENDA DESTA NOTÁVEL E SELECCIONADÍSSIMA COLECÇÃO PREDOMINANTE NAS SUAS RARÍSSIMAS PEÇAS DE CERÂMICA PORTUGUESA DOS SÉCS. XVII/XVIII E DO SUMPTUOSO MOBILIÁRIO PORTUGUÊS DOS SÉCS. XVII/XVIII

EXPOSIÇÃO de 9 a 14 das 15 às 19 horas
e no dia 15 das 10 às 13 horas

RESERVA DE LUGARES NOS DIAS E HORAS ACIMA INDICADOS

Catálogo em distribuição

DINASTIA

ANTIQUÁRIOS, LEILOEIROS E GALERIA D'ARTE, LDA.

T. 668973 — R. Escola Politécnica, 183 — LISBOA

MARIA LEAL MARTINS PEREIRA

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Carlos Leal Martins Pereira, sua mulher e netos, Maria Luísa Martins Pereira da Conceição Rocha, seu marido, filhos e netos cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença, no passado dia 3, sua muita querida Mãe, Sogra, Avó e Bisavó.

Amanhã, sexta-feira, dia 10, serão rezadas missas de sufrágio na Igreja dos Mártires, às 19,30 h.; Igreja de N.ª Sr.ª do Populo, em Caldas da Rainha, às 12 horas e na Igreja Paroquial de Reguengos de Monsaraz, às 18 horas.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO, Telef. 534167

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 9 de Maio de 1938 publicava:

«NEW YORK, 9 — O «New York Times», em telegrama de Filadélfia, diz que o navio de carga alemão «Frankenwald» partiu para Bremen, com um carregamento de 20 000 bombas de aviação fabricadas por uma firma de Wilmington (Delaware). As bombas devem ser reexpedidas de Bremen com destino desconhecido, e não se menciona o comprador. O mesmo jornal informa de que é a quarta expedição da mesma quantidade de bombas com destino á Alemanha, tendo sido as precedentes efectuadas, desde Janeiro, pelos navios de carga «Crefeld», «Kellerwald» e «Bochum».»

CURIOSIDADES

● Efeitos do tabaco no cérebro

Investigações feitas no Spulveda Veterans Hospital em Los Angeles demonstraram que as vibrações eléctricas do cérebro dos não-fumadores diferem das daqueles que fumam.

A dr.ª Bárbara Brown, chefe do Departamento de Psiquiatria Experimental, fez experiências com pessoas que fumavam, desde meio a cinco maços de cigarros por dia, e com não-fumadores. Na maioria destes foram observadas fortes vibrações eléctricas do cérebro, enquanto que em 84 por cento dos fumadores inveterados não se registaram tais vibrações no electrorencefalogramo.

● Comunicações internacionais

A nova central telefónica de Madrid, chamada Central de Builrago (que passou de 22 para 100 circuitos) entrará em serviço ainda este ano.

Permitirá a ligação telefónica directa com a América e, por meio de onda curta, prevêem-se, igualmente para este ano, comunicações, também directas, com a Venezuela, o Equador e a Bolívia. E de qualquer ponto da Espanha poder-se-á estabelecer ligações com Paris, Londres, Copenhague, Francfort, Bruxelas, Milão e Genebra.

ANEDOTAS

No restaurante:

— Oiça, esta perna é de coelho ou de lebre?

— Não distingue pelo gosto?

— Confesso que não.

— Bem, então que diferença lhe faz?...

— É verdade que você achou uma carteira com vinte contos? — perguntou o juiz.

— Não o nego, senhor doutor juiz.

— E é verdade também que a guardou em vez de a entregar na esquadra?

— Sim, senhor juiz.

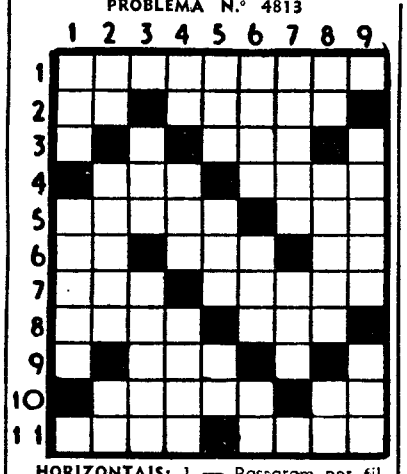
— Então, diga-me: qual foi o mau instinto que lhe disse para guardar essa carteira?

— O instinto da conservação, senhor doutor juiz.

— Se eu não me tivesse matriculado na escola de arte dramática, jamais aprenderia a apresentar-me tão bem...

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO)
PROBLEMA N.º 4813



HORIZONTAIS: 1 — Passaram por filtro. 2 — Preposição e artigo definido. Astúcia 3 — Figura que simboliza o povo americano. Tempo do verbo ser. 4 — Ponta aguda. Numeral. 5 — Cidade do Egipto. Três mil em romano. 6 — O mais. Olé. Deus dos pastores. 7 — Botequim. Freguesia do concelho de Portimão. 8 — De zinco. Prefixo que designa ar. 9 — Ninho. 10 — Veículo de rodas para transporte de coisas ou pessoas. Pata. 11 — Cabelo. Ecoar.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Esposende. Perceber. 2 — Satélite de Jupiter. Descassar. Cério (s. q.). 3 — Pronome relativo. Relativo aos rins. 4 — Talio (s. q.) Espaço de doze meses. Metal precioso de cor amarela. 5 — Freguesia do concelho de Penafiel. Pronome pessoal Sufixo que designa estado. 6 — Faldas Renque Artigo definido 7 — Versejem. Caminhem para cá. Artigo definido. 8 — Em partes iguais. Infligir. Deus dos pastores. 9 — Calcular a olho. Possuir.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

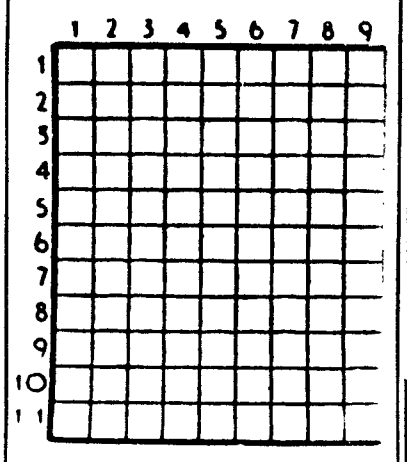
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4812

HORIZONTAIS: 1 — Mois Atem. 2 — PÃO. MOLE. 3 — Troaras. 4 — Área. Irra. 5 — Res. As. 6 — Tá. Cio. Se. 7 — Albarda. 8 — Or. Ri. 9 — BREVE. Mó 10 — Selai. Fel. 11 — Elar. Case.

VERTICAIS: 1 — Cartão. SE. 2 — Op. Real. Bel. 3 — Iates. Borla. 4 — Sora. Corear. 5 — Sir. Vi. 6 — Amai. Odre. 7 — Torra. Aí. Fa. 8 — Elaras. Mês. 9 — Mesa. ENGOLE.

Provérbio: PÃO MOLE BREVE SE ENGOLE.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8657



HORIZONTAIS: 1 — Acaba. 2 — Artigo definido. Foram para fora. 3 — Pátria Senhores. 4 — Irmãos dos pais. Preposição e artigo definido. 5 — Guarnecer de arames. Pata. 6 — Campeão. Basta. 7 — Pertences. Arpoara. 8 — Senhor. Ave de rapina. 9 — Ecoam. Olé. 10 — Península montanhosa da Europa Oriental que forma a extremidade meridional da grande península dos Balcãs. Amónio (s. q.). 11 — Surpreende

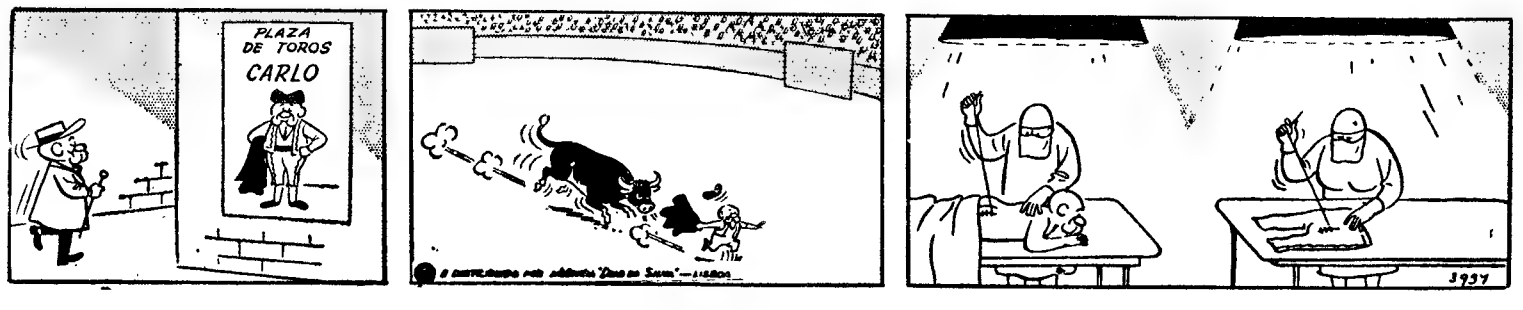
VERTICAIS: 1 — Está ausente. Preposição. Gálio (s. q.). 2 — Foras para fora Senhores. 3 — Rates. Ecoes. 4 — Pertences. Samário (s. q.). Ave da América. 5 — Chefe etíope. Prefixo que designa ar. Um milhar. 6 — Olhar atentamente. Deus dos pastores. Átomo (abrev). 7 — A Pérsia. Bucha. 8 — Em as. Palavreado. 9 — Antes do meio-dia. Lê. Guarneço de arames

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8656

HORIZONTAIS: 1 — Concordar. 2 — Aarão. 3 — Rs. Lãs. Pã. 4 — Das. Mot. 5 — Atiá. Sela 6 — Ar Sm. 7 — Ao. Ami. És. 8 — Traça. 9 — Adia Arre. 10 — Miar. Ruir. 11 — Ao. Aba. Má

VERTICAIS: 1 — Conda. Açama. 2 — Satão. Dia. 3 — Na. Sir. Tia. 4 — Cal. Arara. 5 — Oral. Imã. 6 — Rãs. Içara. 7 — Dó. Mês. Aru. 8 — Polme. Rim. 9 — Ruara. Soera.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 164 REFERENTE A MAIO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais Bem-Estar e Alegria de Viver.

Director e Proprietário: DR. INDIVERI COLLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:
— PARA ONDE IREMOS POR ESSE CAMINHO?
— OS MENSAGEIROS DA VERDADE
— O ABSURDO DE CERTAS PESQUISAS
— UMA QUESTÃO DE ALTO INTERESSE EDUCATIVO E NACIONAL
— A ARTERIOSCLEROSE
— A CURA DOS INCURÁVEIS
— COMO NOS LIBERTARMOS DOS VÍCIOS
— AS CRIANÇAS E A AZEITONA
— A CURA PELA ÁGUA DESTILADA
— A MULHER NATURISTA EXPOENTE MÁXIMO DE REGENERAÇÃO INDIVIDUAL E SOCIAL

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta administração:

Rua Antero do Quental, 35, 1.º, Dt.º (ao Intendente), telefone 556498

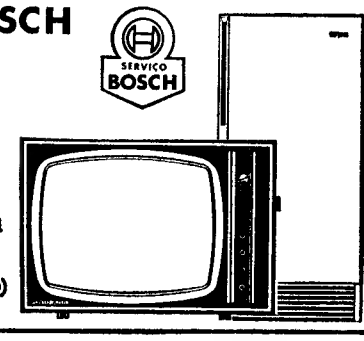
Assinatura Anual, 60$00; Semestral, 30$00. Estrangeiro e Ultramar, 75$00. Número avulso, 6$00.

SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TÍTULO DE EXPERIÊNCIA FICARÁ LOGO NOSSO ASSINANTE

LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

Electrodomésticos BOSCH e PONTO AZUL

JOMA Blaupunkt SERVIÇO BOSCH



Venda e Assistência Tecnica

Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)
Tel·633061/2·633031

VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

PRECISA-SE PADEIRO COMPETENTE: De preferência com cartas de condução. Indicar ordenado pretendido, idade. Escrever para Estevão Tomaz — ALTO CATUMBELA — ANGOLA.

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.

SONIPAL
R CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248·556580

✝

DOUTOR

LUÍS DE SOUSA ADÃO

MISSA DO 30.º DIA

Sua viuva, filhos, genro, nora, irmão, cunhada, netos e mais família, participam que amanhã será celebrada, pelas 12 e 45 horas, na Igreja de São João de Deus, Missa de sufrágio Agradecem, reconhecidos, a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534197

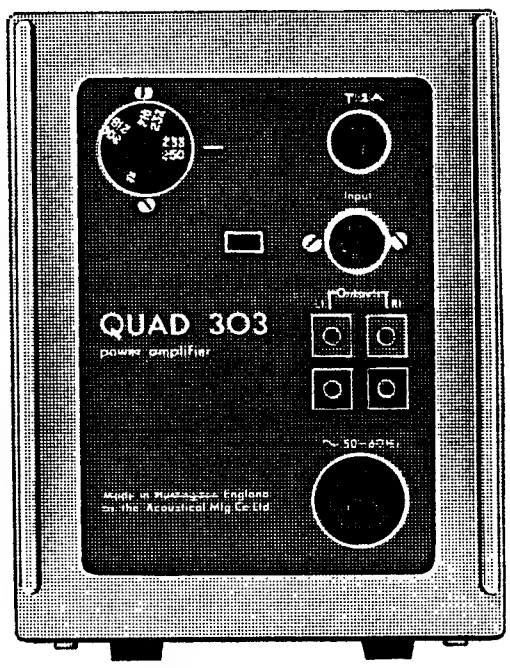
ACOUSTICAL

QUAD for the closest approach to the original sound

✻NOVO!

CONJUNTO ESTEREOFÓNICO TOTALMENTE TRANSISTORIZADO

33-Unidade de controle / 303-Unidade de potência

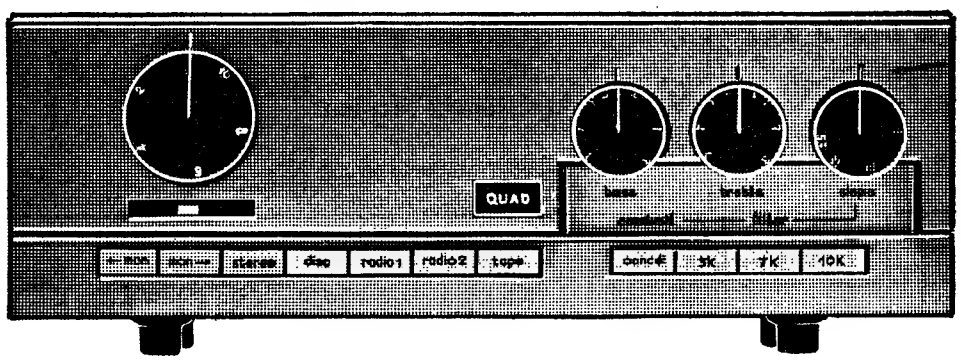


Os fabricantes do melhor amplificador do mundo para fins profissionais e cadeias de alta-fidelidade apresentam a nova versão

QUAD

2x45 watts (em 8 ohms)

Distorsão a nível máximo: 0,03%!



Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.

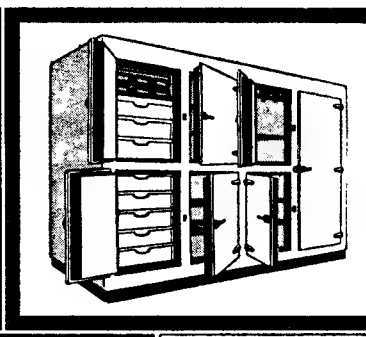
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 97 - LISBOA

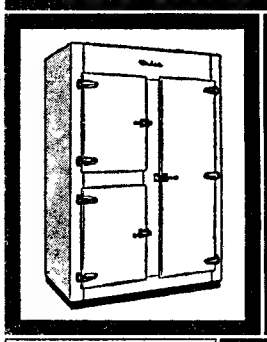
No norte: VADECA — R. de S.to António, 210 — PORTO

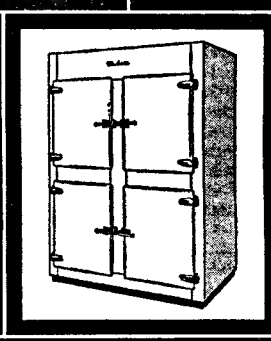
Refrigeração

POLAR

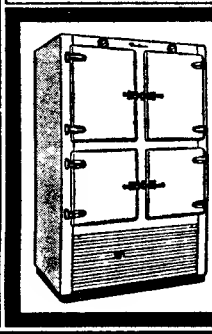
APRESENTA ALGUNS MODELOS DE FRIGORÍFICOS COMERCIAIS PARA TODOS OS FINS



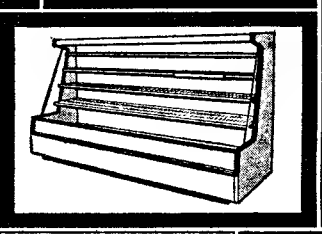


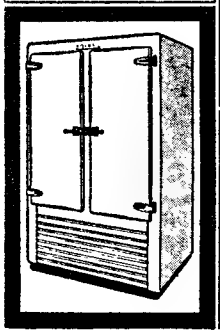


ESTRUTURAS TOTALMENTE METÁLICAS COM ACABAMENTO EXTERIOR EM AÇO INOXIDÁVEL OU PINTURA A ESMALTE DE ESTUFA

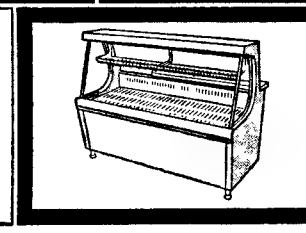


INDÚSTRIA HOTELEIRA • HOSPITAIS • LABORATÓRIOS • PASTELARIAS • CAFÉS • SUPERMERCADOS • MERCEARIAS • TALHOS





CÂMARAS FRIGORÍFICAS PARA CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS • CÂMARAS DE CONGELAÇÃO • CÂMARAS DE CONSERVAÇÃO DE PRODUTOS CONGELADOS.



• AV. ALM. REIS, 94-C-TEL. 53 37 55 - LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

Policlínica do Rossio

L. D João da Câmara, 19, 2.º Esq. Telef 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª 5.ª e sáb. — 18 h
Dr. Cordeiro Lobato — Gar. Nar e Ouv. — 14 h
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., intest. Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª 4.ª e 6.ª — 19 h
Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h
Dr. Luis Abecasis — Coração Electrocardiografia — 3.ª 5.ª e sábados — 14 h
Dr. Luis Leite — Senhoras — Partos 17 h
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental—3.ª e 5.ª—18.30 h
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X
Dr. Reis Valle — Análises clínicas

J. PIMENTA, LDA.

ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

TEM 150 CONTOS?...

Aplique as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8 % na compra de apartamentos mobilados.

ESCRITORIOS

EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43
EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

COMBOIOS ESPECIAIS

Entre Lisboa e Porto às 6.ªs-feiras, sábados e domingos para militares em viagens de fim-de-semana a preços reduzidos

A fim de facilitar a deslocação de militares dos três ramos das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) de Lisboa ao Porto, e inversamente, a C. P. realiza todas as 6.ªs feiras, sábados e domingos circulações especiais com o seguinte horário:

6.ª feiras	Sábados	Domingos	Estações	6.ª feiras	Sábados	Domingos
17.40	14.17	23.40	p Lisboa (St. Apolónia) c.	23.05	18.30	4.45
22.30	19.18	4.45	c Porto (Campanhã) p	17.52	13.35	23.40

A estes comboios são dadas paragens nas estações intermédias mais importantes da linha do Norte para embarque e desembarque de passageiros sendo possíveis também ligações de e para as principais linhas afluentes
INFORME-SE NAS ESTAÇÕES OU NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

✻

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 72 49 75

LISBOA

DESPORTO

HOJE, ÀS 21.45 HORAS, NO ESTÁDIO DA LUZ, O GRANDE ENCONTRO

BENFICA (EM VALE DE LOBOS): MANHÃ EM REPOUSO
JUVENTUS (EM VALE DE GATOS): ESPINAFRES E TREINO

Está tudo a postos para o início do «grande espectáculo». A poucas horas do embate que o Benfica vai travar com a equipa do Juventus, para ganhar o direito a estar em Wembley na final da Taça dos Campeões Europeus, vive-se um clima de impaciência que irão certamente manter-se até ao momento em que, com o Estádio da Luz, completamente cheio ,se dê o primeiro pontapé no esférico. Porque a partir daí, a impaciência, dará lugar ao nervosismo, á inquietação, ao sofrimento.

Renovar-se-á portanto o «ambiente das grandes noites», será como o regresso ás épocas de ouro, em que os «encarnados» esmagaram ocs antagonistas que lhe contrariavam os intentos, envolvendo-se numa aureola de prestigio e lenda, neste cantinho da Europa, onde mora um «grande senhor» do futebol mundial.

Mas ao visitante também não escasseiam pergaminhos. A equipa do Juventus, de Turim, a mais querida das gentes transalpinas, tem para além do seu passado, as legítimas aspirações de uma equipa que sabe o que quer e o que vale. E as páginas doiradas do seu historial, são aval seguro de que o grupo de Heriberto Herrera estará na Luz com as ambições permitidas pela sua inequívoca capacidade.

● Juventus: espinafres como arma secreta...

Para o Juventus, a manhã bateu cedo á porta. O despertar foi marcado para as nove horas: Heriberto Herrera quis que todos os jogadores estivessem na sala para um pequeno almoço rápido, sem permitir o acesso á dependência do Hotel do Muxito a quem quer que fosse estranho á comitiva italiana.

Os futebolistas comeram espinafres. Aliás, na ementa do almoço, os espinafres voltaram a ocupar lugar de honra, entre a canja de galinha e o entrecosto com osso, o bife e o frango cozido, as cenouras, a fruta e o doce.

Será que «signor» Heriberto confia nos espinafres para manter a força física dos seus subordinados? Ou tratar-se-á de uma arma secreta a vitaminizar os homens da «Juve»?

A noite passada todos os jogadores italianos assistiram á transmissão-TV do encontro Espanha-Inglaterra. Heriberto comentou a partida, salientando os esquemas e as tácticas. Esta manhã, os comentários sobre o jogo faziam desviar o pensamento do outro despique: o desta noite, no Estádio da Luz. E ninguém parecia encontrar-se obcecado pela partida com o Benfica.

Heriberto Herrera trouxe os seus jogadores até Lisboa, para o bate-bola costumado. Ele é o «patrão» absoluto da turma: ninguém está autorizado a atender telefonemas ou a efectuar chamas, excepto os dirigentes do Juventus.

Na sala, á hora do almoço (13 horas) ninguém mais além da embaixada italiana: foi com essa condição que o Juventus se hospedou em Vale de Gatos.

Ao princípio da tarde, Herrera-número-dois encaminhará os seus dirigidos por breve deambulação entre os pinhais: sombra e ar fresco é tudo quanto pretende. O jantar está marcado para as 18 horas, depois, a meta é o Estádio da Luz.

Ao sol de Vale de Gatos, os homens do Juventus em passeio, antes do difícil jogo desta noite

● Arma contra arma: Jaime Graça será o trunfo do Benfica?

Por seu lado, os jogadores do Benfica estiveram na cama até ás onze horas. Em Vale de Lobos, os «cracks» mergulharam em vale-de-lençois após um fim-de-dia calmo, vivido entre o treino e o repouso, com paragem de duas horas ante a televisão, onde o Espanha-Inglaterra foi aliciante e íman a cativar todas as atenções.

Dúvida, dúvida mesmo, só a que envolve o provável aproveitamento de Jaime Graça, o único futebolista do Benfica que Heriberto Herrera não viu ainda actuar. Segundo nos garantiu Cabrita, *«o problema da sua utilização será encarado sòmente ás 18 e 30, quando da prelecção aos jogadores que vão alinhar no Estádio da Luz»*. Portanto, só alguns minutos antes da partida de Vale de Lobos, em direcção ao reduto benfiquista (viagem marcada para as 19 e 30 horas) se conhecerá, exactamente, qual a formação que defenderá as aspirações portuguesas nesta primeira «mão» das meias-finais que qualificam para Wembley.

● A razão da «Juve» treinar em Pina Manique

A propósito da proibição dos homens do Juventus treinarem na Luz, podemos esclarecer que esta medida não partiu de qualquer iniciativa benfiquista: é, afinal, o resultado lógico de, em devido tempo, a direcção da «Juve» ter informado o Sport Lisboa e Benfica de que era impossível, em Turim, facultar, para treinos dos portugueses, o relvado ao serviço do Juventus.

E, como amor com amor se paga, a «Juve», em Lisboa, teve de utilizar o relvado de Pina Manique (no Parque de Monsanto), cedido pelo Casa Pia.

● Benfica: «não» à TV

Por último, uma informação emanada em comunicado pela direcção do Sport Lisboa e Benfica: não haverá transmissão-TV. Textualmente, o comunicado menciona: *«Tendo chegado ao conhecimento desta direcção que circula com certa insistência a notícia de que o encontro Benfica-Juventus será transmitido pela televisão, vimos comunicar que a mesma é destituída de fundamento.»*

Segue-se a assinatura do presidente do Benfica, comendador Vieira de Brito, decerto ratificando o pensamento de toda a direcção do clube.

BASTA UM PALPITE!

CINCO LEITORES PREMIADOS:

SERÃO CONHECIDOS AMANHÃ
PARTEM PARA ITÁLIA NA SEGUNDA-FEIRA

Com a realização do jogo Benfica-Juventus, esta noite, no Estádio da Luz, poderão ser conhecidos os cinco leitores com bom palpite (e, talvez, um poucochinho de sorte...) a quem o «Diário de Lisboa» vai oferecer viagens a Turim, por ocasião do novo encontro entre os dois clubes, naquela cidade italiana.

Como se sabe, o jogo Juventus-Benfica realiza-se na próxima quarta-feira, dia 15, estando a partida dos leitores premiados prevista já para a próxima segunda-feira. Torna-se indispensável, por isso, que todos estejam preparados para a hipótese de a sorte lhes tocar pela porta, nomeadamente no que respeita a documentação. Aliás, são já de há muito conhecidas as datas dos jogos.

Amanhã, às 10 horas, na presença da autoridade e dos membros do júri, será aberto o volume de cupões respeitante ao minuto em que vier a ser marcado o primeiro golo do jogo desta noite.

Eventualmente, no caso de serem mais de cinco os vaticínios exactos, proceder-se-á, imediatamente, a sorteio. Recomendamos, assim, aos nossos leitores que acertarem no minuto exacto (e, salienta-se, a única cronometragem válida é a dos representantes do nosso jornal) que é do maior interesse comunicarem com o «Diário de Lisboa», para saberem se se encontram entre os premiados. Esta recomendação dirige-se especialmente aos leitores da Província, onde o nosso jornal chega mais tarde, nomeadamente áqueles que não tenham indicado número de telefone com que possamos contactar. A partida para Itália é já na segunda-feira...

cruzeiro ao MAR NEGRO

de 13 de Setembro a 1 de Outubro
(20 DIAS)

Classe única a bordo

A BORDO DO MODERNO TRANSATLÂNTICO «EUGÉNIO C»

Visitando: GÉNOVA, NÁPOLES, ISTAMBUL, ODESSA, IALTA, SOCHI e PIREU

Inscrições até 21 de Agosto de 1968

PARA SE INSCREVER, PEDIR BOLETIM NA SUA AGÊNCIA OU NA

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA LDA
Praça Duque de Terceira, 4
Tel. 32271/2/3 e 36936

Agentes no Porto:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE LDA
R. Infante D. Henrique, 83-1º
Tel. 20773 - 28606 - 33050

SENSAÇÃO NO BELENENSES!

OLIVEIRA SUBSTITUÍDO
POR PERES BANDEIRA E CARLOS SILVA

Apesar de nos ter garantido ontem não existirem divergências entre si e o Belenenses, Manuel Oliveira, despede-se esta tarde dos jogadores do clube do Restelo, por ter deixado de exercer as funções de treinador dos «azuis».

Por isso a direcção das equipas do Belenenses foi confiada, ainda que transitóriamente, aos técnicos Peres Bandeira e Carlos Silva, que já hoje dirigirão a preparação dos futebolistas belenenses, missão que aqueles dois treinadores aceitaram depois de uma reunião efectuada ontem á noite com a Junta Directiva do Belenenses.

FUTEBOL INTERNACIONAL NO ESTÁDIO DO BENFICA

TAÇA DOS CLUBES CAMPEÕES EUROPEUS

S. L. BENFICA - F. C. JUVENTUS

HOJE, ÀS 21.45 HORAS

BILHETES À VENDA

Na Secretaria (1.º andar):
Das 10 às 18 horas,
e nas Agências habituais.

PREÇO DOS BILHETES

Sócios	20$00
Geral	40$00
Superior Sul	50$00
Superior Central	60$00
Bancada Lateral	100$00
Tribuna Lateral	130$00
Bancada Central	150$00
Tribuna Central	170$00
Tribuna Central (Sect. CS-29 e 30)	200$00

(Espectáculo para maiores de 12 anos)

DESPORTO

LUTA GRECO-ROMANA
O SPORTING VENCEU EM RUNA

Conquanto o Grupo Desportivo de Runa tenha já assegurado o título de campeão nacional por equipas, a prova só terminará no próximo sábado. Ontem, o Sporting que tem, também, já garantido o segundo lugar, foi a Runa vencer a equipa «A» do clube local, por 5-1, obtendo os seguintes resultados parciais:

«Mínimos» — Leonel Duarte (Spt.), derrotou por assentamento Carlos Domingues (Runa).

«Levíssimos» — Luís Grilo (Spt.) venceu aos pontos Domingos Carvalho (Runa).

«Meios-leves» — Joaquim Vieira (Spt.), venceu aos pontos João Margaça (Runa).

«Leves» — Henrique Reis (Spt.), derrotou Norberto Reis (Runa), por assentamento.

«Meios-médios» — Luís Aragão (Spt.), bateu Joaquim Oliveira (Runa), por assentamento de espáduas

«Médios» — Augusto Costa (Runa), derrotou por assentamento, Manuel Barbosa (Spt.).

Noutro encontro, Runa «B», que é a equipa mais forte da colectividade venceu a Física «A» por 5-0.

«TAÇA TEJO»:
Meias-finais no Restelo

Em reunião de delegados dos clubes intervenientes nas meias-finais da «Taça Tejo», foi acordado que as mesmas fossem feitas em campo neutro, para que todas as massas associativas contribuissem de igual para igual. A A. F. L., em face de tal acordo, marcou os jogos para o Estádio do Restelo, considerado, para tal efeito, como campo neutro.

JORGE VIEIRA
indeciso (?) entre o SPORTING o BELENENSES o F. C. PORTO e a C. U. F.!

RIO DE JANEIRO, 9 — (A. N. I.) — O técnico de futebol Jorge Vieira. falando á Imprensa no aeroporto do Galeão, pouco antes de regressar á cidade do Salvador, onde dirige a equipa do Galícia, disse que tem várias propostas para ir dirigir equipas portuguesas de futebol.

Jorge Vieira disse que gosta muito de Portugal, para onde tenciona transferir-se em Agosto próximo, mas ainda não decidiu entre as propostas que recebeu, do Sporting, do Belenenses — seu antigo clube — da C. U. F. e ainda do F C do Porto, aquela que aceitará

Universíada de Lisboa:
Colaboração e confiança do presidente da F. I. S. U.

A recepção de que ontem foi alvo, na tribuna de honra do Estádio Nacional, o dr. Primo Nebiolo, presidente da Federação Internacional do Desporto Universitário, constitui inulidível testemunho de que a organização da Universiada-69 está em boas mãos.

Figuras grandas do desporto nacional, todas ou quase todas componentes da comissão organizadora do importante certame, estiveram presentes, a dar-nos a certeza de que as animam os melhores propósitos de servir o desporto e o nome de Portugal, através de uma organização que a todos deixe satisfeitos.

O dr. Armando Rocha, director-geral dos Desportos, disse da sua satisfação pela presença do presidente da FISU, a quem dirigiu saudações e afirmou a necessidade de se trabalhar com tempo, que já não é demasiado, e da sua confiança no êxito da organização.

O presidente da F. I. S. U. analisa uma planta do Estádio Nacional, em que se assinalam as modificações que vão ser feitas naquele recinto

Respondeu-lhe o dr. Primo Nebiolo, que confessou a sua amizade por Portugal e a satisfação com que toda a direcção da FISU acolheu a proposta, apresentada por Portugal, de organização da Universiada de 1969. O orador referiu-se ao certame do Japão, esperando que o de Lisboa, no próximo ano, nada fique a dever áquele, até porque não lhe faltará o calor humano dos latinos.

GINASTAS DO ATENEU EXIBEM-SE EM MADRID

Seguiram para Madrid, onde vão tomar parte no quinto Festival Ginástico Internacional, duas classes de ginástica do Ateneu Comercial de Lisboa, convidadas pela Delegação Nacional de Educación Fisisa y Deportes, de Espanha. As classes são constituídas por 16 senhorinhas, a cargo do prof. Reis Pinto, e 15 ginastas da classe especial — homens, sob direcção do prof. Moura e Sá. A caravana do Ateneu Comercial de Lisboa deve regressar a Portugal no dia 14 do corrente.

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIAS GERAIS — Do Odivelas F. C., na sua sede, ás 21 horas.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional de juniores: D. F. Holanda-F. C. Porto e V. Guimarães-C. D. U. P., ás 21.30 e 22.30.

— Campeonato Nacional Feminino: Spt. Braga-Leixões e D. F. Holanda-C. D. Póvoa, ás 22 horas.

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — 12.º Campeonato Nacional de Andebol de Sete: B. L. & Açores-Sacor (1.ª cat.), Europeia-Farmacêutica e B. Serafina-P. Lisboa, no campo sul, do parque de Alvalade, a partir das 19 h.; C. Carris-B. N. Ultramarino, Casa Pinheiros-C. S. Metrópole e Ant. Portubuesa Lisgás, no campo norte, do parque de Alvalade, a partir das 19 horas.

— 27.º Campeonato Nacional de ténis de mesa, «poule» final da 2.ª categoria: Rádio Marconi-Celcat, na mesa da F. N. A. T., ás 19 horas; Sorefame-Eng. Civil, Comp. Carris-Fer. de Lisboa e B. Encarnação-S. P. Seguros nas mesas dos primeiros, ás 21 e 15.

— 22.º Campeonato Nacional de Voleibol (2.ª categoria): Celcat-B. T. Aliança, F. C. Regina-B. Encarnação e F. C. Tejo-B. N. Ultramarino, na Escola «Francisco Arruda», a partir das 19 e 30.

Ténis de mesa
O SPORTING campeão de Lisboa em «infantis»

Está apurado o vencedor de um dos campeonatos da Associação de Ténis de Mesa de Lisboa — o de infantis

Para atribuição do título, defrontaram-se na mesa do C. D. Operário as equipas da Académica da Amadora e do Sporting, que tinham ganho, merecidamente, as «poules» da 2.ª fase da prova.

No encontro decisivo, os «leões» levaram a melhor e de modo indiscutível — com um expressivo 5-0.

FERREIRINHA (DO TIRSENSE) SUSPENSO POR QUATRO JOGOS

Pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol foram aplicadas as seguintes sanções:

Quatro jogos de suspensão a Fernando Ferreira (Ferreirinha), do Tirsense; dois jogos a António Manuel C. Amaral, do Desportivo de Gouveia; e um jogo a João Carlos da Costa, do Atlético. José Manuel Azevedo, do Sporting de Braga, sofreu uma repreensão por escrito.

(Maiores de 6 anos)

SALVATERRA DE MAGOS

Domingo 12 de Maio, pelas 16.45

Grandiosa Corrida da Feira Anual e das Festas do Folclore
8 BONITOS E BRAVOS TOIROS 8
das ganadarias dos Ex.mos Srs. Eng.º Rafael Calado e João da Costa Ramalho

CAVALEIROS
David Ribeiro Teles e **Alfredo Conde**

ESPADAS
Fernando Santos e **Raul Sanches**

Valoroso e destemido Espada Português que reaparece em grande forma.

Fino diestro de Madrid, grande triunfador da ultima corrida nesta Praça.

FORCADOS AMADORES DE LISBOA, comandados por
Nuno Salvação Barreto

Pelas 10.30, emocionante largada de Toiros
Preços: Sombra desde 70$00 — Sol desde 25$00
Bilhetes à venda: ABEP — P. dos Restauradores — Tel. 328823
Salvaterra — Café Ribatejano — Tel 14

DESPORTO

PUGILISMO

Vítor Pereira (Benfica) e Lino Mário (Sporting) campeões de iniciados

As competições em curso, organizadas pela Federação Portuguesa de Boxe, estão a atingir o seu termo Assim, no «Torneio Iniciação», já estão apurados os vencedores nas categorias de «Plumas» e de «Médios ligeiros». São eles, Vítor Pereira (Benfica) e Lino Mário (Sporting). Os dois pugilistas conquanto legalmente inscritos como «Iniciados», tinham já bastante experiência. Daí resultou o desvirtuamento da verdade desportiva desta competição, mas o clubismo não se compadece com os princípios da ética desportiva...

Enfim, o Benfica e o Sporting têm já um campeão cada um.

Na sessão de ontem os resultados foram os seguintes: «Galos» — Fernando Tavares (Sporting) venceu por abandono, ao segundo assalto, Agostinho da Luz (Combatentes). «Ligeiros» — Albino Major (Sporting) derrotou por abandono, ao 1.º assalto, António de Sousa (Combatentes). «Médios-ligeiros» — Américo Rosa e José Clérigo, ambos do Benfica, foram desclassificados por falta de combatividade.

Na mesma categoria, Lino Mário (Sporting) ganhou aos pontos ao seu companheiro de clube Manuel Monteiro.

O sportinguista António Alves não apareceu para defrontar o seu colega de equipa Rosa da Silva, que marcou pontos por falta de comparência.

Vítor Pereira (Benfica) vencedor do «Torneio Iniciação», em «Plumas», defrontou o 2.º série Jaime Duarte (Combatentes) e conseguiu que os juízes o indicassem como vencedor. Quanto a nós, a decisão não foi certa.

Em «Médios-ligeiros» Fernando Marques (Individual), também em combate-extra, defrontou Jorge Brandão (Combatentes), um dos melhores iniciados do seu peso. Mais experiente, Marques venceu por abandono ao segundo assalto, mas demonstrou excelentes qualidades.

Os combates foram dirigidos pelos árbitros srs. Mariano Pedro, Carlos Matos, Raul Reis e Pedro Silva, que também actuaram como juízes.

O União de Tomar venceu o Beira-Mar (2-0)

No encontro ontem disputado no Estádio Municipal de Tomar, a contar para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, o União, daquela cidade, venceu por 2-0 a equipa do Beira-Mar, de Aveiro.

Os golos dos nabantinos foram marcados por Djunga aos 36 minutos e por Cláudio logo um minuto após o recomeço.

Desilusão em Madrid:

Os futebolistas espanhóis não imitaram... Massiel

• ESPANHA, 1—INGLATERRA, 2

MADRID, 9 — (Especial para «Diário de Lisboa») — Ambiente febril rodeou a partida desenrolada no Estádio de Santiago Barnabeu, entre os campeões europeus (a Espanha) e os titulares mundiais (a Inglaterra): a derrota tangencial (0-1) que a Espanha trouxera de Wembley, concedia todas as hipóteses para solução da eliminatória.

Afinal, a Espanha voltou a conhecer a derrota. Sem apelo nem agravo, acrescente-se. Perante uma formação de mentalidade adulta, de ouvidos frios para o vozear da multidão em face de uma Inglaterra técnica e tácticamente segura do que lhe competia para derrotar uma formação espanhola em que o individualismo relegou o «association» para um plano secundário.

• A «revanche» da Eurovisão

O encontro iniciou-se em toada cautelosa. Os ingleses abdicavam do ataque para fortalecerem o meio-campo, polvilhado de pedras, em xadrez, que obstruia todas as rectas para a baliza de Bonetti. Do lado de fora, o publico cantarolava o «Lá-lá-lá» com que Massiel pregou uma rasteira aos ingleses, nas barbas de toda a Europa Porém, desta feita, os jogadores britânicos estavam precavidos: e a mesma Eurovisão, que os vira sair derrotados do «Albert Hall», foi obrigada a divulgar o poderio do seu futebol sem artifícios

Toda a primeira parte obedeceu ao desordenado ataque de Espanha (com Amâncio complicativo) ou Velasquez que desmentiu a generalidade onomástica do apelido. Pirri (o melhor jogador espanhol) era um autêntico motor, em propulsão contínua Porém, usavam e abusavam os espanhóis do endosso alto, o tipo de jogo que os ingleses mais fácilmente podiam neutralizar

Em contrapartida os visitantes trouxeram para o relvado madrileno um tipo de futebol rasteiro, a beijar o solo, que tornava ineficaz o denodo dos defensores quando, em jeito de rompante, saiam a varrer a sua área

Amâncio muito castigado pelos opositores, nem por isso deixava de ser amplamente solicitado: até porque, na face oposta do seu ataque, Gento pesado e sem mobilidade, não ganhara a mais simples jogada

Quarenta e cinco minutos desenrolados em confuso panorama esquemático Murta dureza, fruto de nervos, S. fora teste para defesa de predicados, haveria que reprovar o discernimento dos espanhóis e contemporizar com a serenidade inglesa

• Golo de Amâncio: sol de pouca dura

A lesão de Gallego influenciou, ainda mais, o fraco padrão técnico do encontro A segunda metade do jogo provou isso mesmo: o golo de Amâncio (aos 48 m.) dava o empate na eliminatória Mas, seria sol de pouca dura. Porque (aos 55 e aos 82 minutos, respectivamente) Peter e Hunt restituiam ao marcador a sua verdade

Um jogo não se ganha com nomes: Gento, ao ter lugar no grupo, acarretou somente um passado E, sobretudo, não se concebe a facilidade com que a defesa espanhola deixava a bola cruzar-se ante a sua meta: inclusive, um golo que veio de pontapé de canto justifica censuras na apreciação

Figuras que se destacaram sobre a relva do Real Madrid: Sadurni, Pirri e (vamos lá) Amâncio; Moore, Ball, Hurts e Peters. Agora, a Inglaterra viajará até Florença, onde (a 5 de Junho próximo) enfrenta a Jugoslávia para as meias-finais da «Taça Henri Delaunal», que corresponde ao Campeonato da Europa de Futebol

Não desperdiça, assim, os seus pergaminhos de campeão mundial. Exactamete o reverso de Espanha: que perdeu (por displicência) uma «chance» de continuar entre os maiorais europeus do futebol.

O Nacional de Natação vai ter nova casa!

Após a sessão dirigida pelo dr. José Maria Antunes, presidente da assembleia geral do Clube Nacional de Natação, os inumeros associados que acorreram á sede do G. D. e R. da Imprensa Nacional de Lisboa, ficaram elucidados acerca do melindroso momento de vida que o clube atravessa.

O dr. José Maria Antunes historiou os passos dados pelos responsáveis do clube, desde o momento em que, a 4 de Abril passado, receberam uma carta do senhorio dizendo que ia executar a ordem de despejo, até á resposta da Camara Municipal de Lisboa a uma carta enviada pelo Clube Nacional de Natação, em 8 de Abril na qual se definia a aflitiva situação do clube.

A C. M. L. colocou-se incondicionalmente ao lado do Nacional de Natação e ofereceu-lhe instalações para a sede social provisória, na Rua de Campolide, 372, e pôs á disposição do clube todas as piscinas municipais e a dos bombeiros. Prometeu, ainda, a cedência de terrenos camarários no Alvito junto aos «courts» de ténis de Monsanto, para que o Nacional ali erga o seu parque desportivo com piscinas, campos de basquete e sede social. Este parque, será, além disso, erguido a expensas da C. M. L.

Dadas as vantajosas condições oferecidas o Nacional aceitou a proposta da Camara que lhe garante a sobrevivência e, até, uma maior projecção futura — P. A.

os shampoos lavam... o tónico stilbépan alimenta

... Sim, é verdade que os melhores shampoos lavam perfeitamente. Essa é a sua função: os shampoos devem lavar. Contudo, o cabelo para ser forte e saudável precisa também de um alimento próprio, de um tónico, de um alimento complementar. Ora, Stilbépan é o único composto biológico que contém vitamina B pantoténica. Por isso Stilbépan age mais eficazmente sobre os processos responsáveis pela saúde e crescimento do cabelo. Assim como V. exige o melhor shampoo exija também o melhor tónico. Stilbépan responde a toda a sua exigência. A exigência de qualidade que caracteriza o homem autêntico. Você.

DAGRA PORTUGUESA, LDA
LISBOA

STILBÉPAN — mais do que uma loção... um tónico!

CIESA-NCK

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05 Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir; 17: Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 35: Do Choupal até a Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 0: Rádio Universidade; 19 e 50: Música só Musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas Ligeiros; 20 e 39: 3.º episódio do folhetim «Leonardo da Vinci»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A Orquestra de Cyril Stapleton; 21 e 40: Taça dos Campeões Europeus de Futebol — 2.ª mão das meias-finais — relato do desafio Benfica-Juventus», por Fernando Correia No intervalo: cerca das 22 e 30: Noticiário — Boletim Meteorológico; 23 e 40: Evocação de Coimbra, por Luís Góis 24: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 6 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Lakmé» (Delibes); 17 e 53: Nocturno n.º 11 em sol menor op 37 n.º 1 (Chopin), pelo pianista Artur Rubinstein 18: Música do século XX — Obras de Gottfried Von Einem, Gherard Wilbenberg e Charles Koschlin; 19: Horizonte semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Música da Beira Alta da região de Vouzela; 19 e 45: Música de Piano — Obras de Ledrut; 20: Diário Sonoro — Boletim Meteorológico; 20 e 20: Duas aberturas de Mozart; 20 e 30: Concurso Internacional de Agrupamentos Corais — «Let The Peoples Sing 1968 6.º programa — Coros mistos; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara, sob a direcção do maestro Silva Pereira — Obras de Albinoni e John Barbirolli; 21 e 22: Festas Galantes (Debussy); 22 e 30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 22 e 50: Recital pela pianista Maria Teresa Paiva; 22 e 11: Danças populares romenas (Bela Bartok); 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 23 e 5; Fecho

3.º Programa — (Cultural em MF) — 94,3 mc/s — Às 23: Música de piano; 23 e 30: Música francesa; 23 e 57: Abertura e suite para 2 oboés, cordas e baixo contínuo (Telemann) — Conjunto de Câmara «Concentus Musicus»; 0 e 33; Canções de Richard Strauss pelo soprano Evelyn Lear; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 034 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18: Ela e o seu mundo, 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções Ibéricas; 21 e 03: Variedades; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2 FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 9 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac 19 e 45: Melodias para si; 20 e 03: Rádio Placard; 20 e 17: Norte dia a dia; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 08: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Música de Espanha; 18 e 20: boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página Um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Carrilhão Tríduo preparatório para a peregrinação a Fátima; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música seleccionada; 23: A 23.ª hora, 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1 169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Crítica de livros recebidos; 19 e 10: Música seleccionada; 19 e 25; Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página Um, 20 e 55: Meditando; 21: Tríduo preparatório para a perigrinação a Fátima; 22: A música é boa companhia; 23 hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 1088 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 2 ás 4 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa:** Das 10 ás 2 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal:** Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça: Das 14 e 30 ás 19 e 30.**

PROGRAMA DA TV

Às 19: Curso de Formação e Actualização do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Nós as mulheres; 20 e 15: «Carrossel Mágico»; 20 e 30: Vamos jogar no Totobola; 20 e 45: Sangue na Estrada; 21: Em Foco — «As Eleições Americanas e a Candidatura de Rockfeller»; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: «Roso e Ritmo», 23 e 20: Casei com uma Feiticeira; 23 e 50: Telejornal e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 14 e 40, Telescola; 19, Curso para professores; 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: TV Educativa; 20 e 20: «Carrossel Mágico»; 20 e 30: Programa da Agência Geral do Ultramar; 20 e 45: Concerto; 21 e 10: Cartaz TV; 21 e 30: Telejorna e Boletim Meteorológico; 21 e 55: TV Clube, o Grupo Vocal Feminino Harmonia; 22 e 20: Série Policial — «O Chefe Ironside»; 23 e 20: Cinema sem Estrelas; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

PROGRAMAS estereofónicos da E. N.

Os ouvintes da Emissora Nacional do centro do País servidos pelo emissor da Lousã (programa 1) podem ouvir, desde ontem, os programas estereofónicos, ás quartas, sextas e domingos, das 21 ás 23 horas, desde que os receptores que possuam estejam preparados para tal tipo de recepção. Esta possibilidade será muito em breve extensiva aos ouvintes do Norte.

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços especializados da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, n.º 64, 2.º, Dir. — Telef. 59288.

Orçamentos grátis

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% 1 C	545$00	542$00	545$00
Consolidado 3% 1.º C ...	—	—	560$00
Consolidado 3 1/2% 1 C	—	650$00	660$00
Centenários 4% 940 ...	1.535$00	1.530$00	1.535$00
Obgs Tes 4 1/2% 944	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 943	—	—	—
Obgs Tes 4 1/2 % 944	—	—	—
Externo sério	—	—	900$00
Externo 1.ª série car	—	—	900$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série car	—	—	—
Externo 3.ª série	—	900$00	—
Externo 3.ª série car.	—	925$00	—
Caut de 3 série s/juro	—	210$00	250$00
OBRIGAÇÕES			
Aguas de Lisboa 5 % ...	—	480$00	490$00
C P 4 1/2 %	—	890$00	895$00
Gás e Electricid 3 3/4 %	—	846$00	—
Gás e Electricidade 4 % ...	—	830$00	—
Gás e Electricid 4 1/2 %	—	860$00	—
Gás e Electricid 5 %	875$00	870$00	—
H E Douro	—	850$00	860$00
H E Norte de Portugal...	—	870$00	880$00
H E S Estrela	—	810$00	—
Metropolitano	930$00	925$00	930$00
Petroquímica	—	—	900$00
Sonefe	897$00	895$00	800$00
T A P	—	920$00	—
Termoeléctrica Portuguesa	—	840$00	850$00
U Eléctrica Port 3 3/4%	—	—	83$00
U Eléctrica Port 4% 945	—	85$00	—
U Eléctrica Port 4% 948	—	85$00	—
U Eléctrica Port 4 1/2%	—	90$00	—
U Eléctrica Port. 5% 951	83$50	83$00	84$00
U Eléctrica Port 5% 952	83$50	83$00	84$00
AC ÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	940$00	945$00
Alentejo	622$00	621$00	624$00
Angola	—	1.470$00	1.500$00
Burnay	—	2.650$00	2.750$00
Crédito Predial	1.880$00	1.875$00	1.900$00
Espírito Santo	—	13.200$00	—
Lisboa & Açores	4.000$00	4.000$00	4.050$00
Portugal	2.450$00	2.440$00	2.460$00
Português do Atlântico ...	—	5.000$00	5.200$00
Totta-Aliança	4.400$00	4.350$00	4.450$00
Ultramarino	1.500$00	1.498$00	1.500$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280$00	282$00
Sagres	—	—	—
Soberano	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	660$00	680$00
Ag Cassequel	542$00	538$00	542$00
Ag Colonial	—	—	—
Ag das Neves	—	—	—
Boror	—	—	—
Cabinda	90$00	89$00	92$00
C A D A	—	1.160$00	—
Cot do Buzi	—	58$00	—
Diamantes	1.238$00	1.230$00	1.240$00
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomati	—	915$00	950$00
Lobito	—	410$00	420$00
Moçambique	—	—	39$00
Sonefe	246$00	245$00	247$00
Zambézia	42$50	42$00	43$00

C.as Diversas			
Cimentos Leiria	—	—	1.900$00
Cimentos Tejo	—	2.400$00	2.480$00
Co Navegação	—	570$00	590$00
C U F	1.035$00	1.025$00	1.050$00
Industria Aliança	—	—	650$00
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Portugal e Colónias	—	1.230$00	1.240$00
Port de Celulose	—	3.100$00	3.200$00
Port de Pesca	—	650$00	740$00
Port de Tabacos	396$00	395$00	397$00
Sacor	—	4.850$00	5.000$00
Siderurgia Nacional	—	—	—
Soce	2.150$00	2.130$00	2.150$00
Tabacos de Portugal	760$00	740$00	770$00
U F Azoto	—	685$00	690$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas de Lisboa 934 ...	—	415$00	430$00
Aguas de Lisboa 936 ...	—	421$00	430$00
Electrica das Beiras	—	1.510$00	—
Gás e Electricidade	380$00	379$00	380$00
H E Alto Alentejo	159$00	159$00	160$00
H E Cávado	1.230$00	1.225$00	1.235$00
H E Douro	1.270$00	1.265$00	1.275$00
H E Portuguesa	—	108$00	—
H E S Estrela	—	—	1.750$00
H E Zêzere	1.465$00	1.460$00	1.469$00
Nacional de Electricidade	1.310$00	1.310$00	1.315$00
Termoeléctrica Portuguesa..	—	1.445$00	1.470$00
União Eléctrica Portuguesa	214$00	213$00	216$00
F DE INVESTIMENTOS			
F I Atlântico	—	153$70	158$30
F I D E S	—	105$30	108$50

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	2/5/68	8/5/68	9/5/68
GERAL	105,1	105,0	**104,8**
METROPOLITANAS .	103,8	103,8	**103,5**
ULTRAMARINAS	114,5	114,1	**114,0**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand ...	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$25	28$65
Dollar de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$07	7$27
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo ...	6$50	9$50
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	68$00	10$00
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$56,5	$58,5
França — Franco	5$70	5$90
Suíça — Franco	6$52	6$72
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	312$00	327$00
Inglaterra — 1/2 Libra ...	230$00	250$00
Ouro Fino — Barra	35$50	38$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papeis de crédito
Tel. 321273

Serviços urgentes

Teletones

BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✲ Voluntarios, 538524

POLICIA E G N R — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Maritima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G N R. (área rural), 36865

SAUDE — Cruz Vermelha 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigenio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456.

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno H

(Ver pelos bairros das imediações e telefone entre parênteses)

AJUDA — Lopes Ribeiro, R do Cruzeiro, 111 (633288) ✲ Boa Hora, R dos Quartéis, 25-27 (637777)

ALVALADE — Alvalade, Av do Igreja, 18-A (712070) ✲ Gasparinho, R Dr. Gama Barros, 54-A (7 0465) ✲ Ideal, Av Almirante Gag Coutinho, 49-A (712803)

ALCÂNTARA — Lisbonense, R Leão de Oliveira, 2-B (637020).

ANJOS — Colonial, R Forno do Tijolo, 40 (841122) ✲ São José, R dos Anjos, 41 (50730)

ALTO DO PINA — Nobel, R Actor Vale, 53 (842152).

AREEIRO — Vera Cruz, Pr Afrânio Peixoto, 2-B (72494) ✲ Onilda, Av João XXI 13-A (726848)

ARROIOS — Oriental de Lisboa, R de Arroios, 215 (45079)

AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (710776) ✲ Cosmos, Av João Crisóstomo, 44-C (40592) ✲ Sagres, Av Luís Bivar, 69-71 (472 3) ✲ Cardeira, Av Duque de Ávila, 32-C (43495).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso R 27, 4 (31 216).

BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, Rua B, à Rua Marquês de Olhão, 7 (383800)

BAIXA — Centro Farmacêutico, R dos Portas de St Antão 88 (32 2) ✲ Unita, R da Vitória, 2 (323793)

BELEM — Ocidental, R D Jerónimo Osório, JPM, 3 (60256)

BENFICA — Benfica, Est de Benfica, 678-E (102534) ✲ Sousa, Est de Benfica, 429-43 (780027)

CAMPO GRANDE — Neoterapia Campo Grande, 38 (714682)

CAMPO DE OURIQUE — Portirio, R. Francisco Metrass, 59 (663349) ✲ Ivone, Lda., R Silva Carvalho 32-C (650160)

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 1 (680304)

CARNIDE — Leal de Matos, R Neves Costa, 33-35 (780181)

CONDE DE REDONDO — Salutar, R Conde de Redondo, 9-A (533411)

ESTEFANIA — Universal, R Actor Taborda, 5-7 (44 58)

ESTRELA E LAPA — Palvas & Parente, R de St António à Estrela, 96-98 (665 96) ✲ S. A. E. Silva, Filhos, R de S João da Mata, 14 (66 00).

GRAÇA — Arnaii, R das Escolas Gerais, 88-A (863940)

LUMIAR — Alameda, A. dos Linhos de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704)

MARVILA — Marvila, R Direita de Marvila, 25 (381612)

MOURARIA — Tavares, R do Palma, 194 (863350)

OLIVAIS (Sul) — Antunes Rosas, R C. I., lote 99 (313610)

PENHA DE FRANÇA — Zional, R Morais Soares, 56-C (847708)

PICHELEIRA — Mariuz, Calç do Pichelaria, 40-B-C (720703-728395)

REGO — Prates & Mota, R do Beneficência, 9 (773128)

S. BENTO — Silva Santos, R da Escola Politécnica, 82-A (660280) ✲ São Bento, R dos Poiais de S Bento 73 (679673)

DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R D Domingos Jardo, 28-A (843439) ✲ Martins, Lda., R Fernão de Magalhães, 33 (849448)

MOSCAVIDE — Império, R de Olivença, 48-A (251234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Nito — Av Comb G Guerra, 64 (Tel 212070)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 86 (Tel 2420034)

OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis 98 (Te 2430090)

PAREDE — Brandão — Av da República, 77-C (Tel 2471054)

ESTORIL — Lopes — R Haugar 3 (Tel. 2600081)

CASCAIS — Misericórdia — R Regimento 19, 41 (Tel 280141); Cascais — R Conde de Redondo, 9-A (533411)

ESTEFANIA — Universal, R Actor Taborda, 5-7 (44 58)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av Marquês de Pombal, lote 9 (Tel 934589); Campos — R Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clabel — R. António Sardinha, lote 5 loja B (Tel. 938551); S. Jorge — R. Pedro del Negro, loja 5. Reboleira (Tel. 938703)

DAMAIA — Confiança — Est Militar, lote D (Tel. 971023)

QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 51 (Tel 950043), Queluz — Av Miguel Bombarda, lote 4 (Tel 951844).

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Marrazes — L Rainha D Amélia, 20 (Tel 980155).

COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS — Gusmão — R Cândido dos Reis, 30 (Tel 224020)

ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 74 (Te 224302)

BARREIRO — Pimenta — R. Const Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 2273012).

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso P 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — Silva Rocha — P da República, 16 (Tel 239029)

MONTIJO — Higiene — R José Joaquim Marques, 142 (Tel 230370)

SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)

SETÚBAL — Rosado Pinto — P do Bocage (Tel 22484); Nova — R General Gomes Freire (Tel 22052).

SEIXAL — Godinho — L da Igreja, 51, (Tel. 2 21 85 80)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. P P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.º

Telef. 43738

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE

O AGENTE DIABÓLICO — no POLITEAMA

POLITEAMA — Tel. 32 63 05
HOJE, À NOITE, ÀS 21.30 EM ESTREIA
Um filme de rara acção temerária
A HISTÓRIA DE UMA AVENTURA INFERNAL
O AGENTE DIABÓLICO
com Wendell Corey e Bárbara Bouchet (Col.) (Maiores 12 anos)
HOJE, ÀS 18.30—SESSÃO CLÁSSICA (Maiores 12 anos)

TIVOLI — Tel. 6 05 95
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
UMA AVENTURA FASCINANTE!
O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO
(«PLANET OF THE APES»)
com Charlton Heston

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30
Anthony Quinn, Rosanna Schiaffino e Rita Hayworth na excepcional realização de TERENSE YOUNG
O MARINHEIRO
Eastmancolor — Adultos
(THE ROVER)

ALVALADE — Tel 76 30 80
As 15.45 e 21.45
Technicolor (Adultos)
OS DEVASSOS
Anthony Quinn, Faye Dunaway e Robert Walker

IMPÉRIO — Tel. 55 51 34
Às 15.15 e 21.30 (Adultos)
Um filme de alto nível
A BEIRA DO PÂNICO
c/ Laurence Harvey — Mia Farrow (ex Sinatra) — Tom Courtenay — TECHNICOLOR —

estúdio — Tel. 55 51 34
As 15 30 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA (Adultos)
Um filme de Serge Korber com Jean Lefebvre, Dany Carrel e Bernard Blier
UM IDIOTA EM PARIS

SÃO LUIZ — Tel. 32 71 72
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme ousado (Adultos)
Technicolor
OS DEVASSOS
Anthony Quinn, Faye Dunaway e Robert Walker

EDEN — Tel 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Robert Stack (o célebre Elliot Ness da série «Os Intocáveis» da TV)
OS CORRUPTOS
com Elke Sommer, Christian Marquand e Nancy Kwan
TECHNICOLOR — TECHNISCOPE

estúdio 444 — Tel. 77 90 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
9.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
A PRINCESA
Realização de Ake Falck, com Crymet Molvig e Lars Passgard

RESTELO — Tel. 61 03 75
Às 21.30 (M. 12 anos)
O mais divertido filme de ambiente policial
— em Technicolor e Techniscope —
QUE NOITE RAPAZES
(WHAT A NIGHT)
com Philippe Leroy, Marisa Mell e Franco Fabrizi

EUROPA — Tel. 66 10 18
Às 15.15 e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
O filme que relata a época mais bárbara da história da América
O MASSACRE DE CHICAGO
com Jason Robards — Georg Segal
PANAVISION

SÃO JORGE — Tel. 54153-54154
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M 17 anos)
2.ª SEMANA
Um dos melhores filmes do ano
O PERFUME DO DINHEIRO
com Rex Harrison, Susan Hayward, Cliff Robertson e Capucine

MONUMENTAL — Tel 55 51 31
Às 15.15 e 21.30 (12 anos)
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
com Spencer Tracy — Sidney Poitier — Katharine Hepburn
TECHNICOLOR

QUINZENA DO NOVO CINEMA AMERICANO
Amanhã — 18.30 h.
O MILAGRE DE ANA SULIVAN, um filme de Arthur Penn, com Anne Brancroft, Patty Duke, etc.
(Adultos)

ODEON — Tel 32 62 83
As 15.45, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
3.ª SEMANA DE ÊXITO TOTAL DO FILME PORTUGUÊS
O AMOR DESCEU EM PARA-QUEDAS
com António Calvário e Paula Ribas
Uma comédia que é o retrato de uma juventude estouvada e libertina...
Canções de João Nobre (M 12 anos)

AVIS
Às 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
CATHERINA CASELLI, NINO TARANTO, LAURA EFRIKIAN e DOLORES PALUMBO numa comédia musical plena de juventude e de ritmos «yé-yé»!...
PERDÃO
Emoção e gargalhada de minuto a minuto!

ROMA — Balcão 72 91 92 Plateia 72 77 78
Às 15.30 e 21.45 (Adultos)
Anthony Quinn, Rosana Schiafinno e Rita Hayworth no espectacular filme colorido de TERENCE YOUNG
O MARINHEIRO
A história de um homem para quem o mar era a vida e as mulheres um suave refugio..

MUNDIAL
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Um filme importante e oportuno!
O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
Panavision-Colorido
Rod Taylor e Yvette Mimmieux

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29
Às 17 horas e 21.30 (M 17 anos)
CAMARADA PRINCESA, AGENTE EM LONDRES
(THE SPY WITH A COLD NOSE)
com: Laurence Harvey, Daliah Lavi, Lionel Jeffries, Eric Sykes e Eric Portman
COLORIDO

TERRASSE — Tel. 32 09 17
As 15 (M 6 anos) e às 21 (M. 17 anos)
DUELO EM DIABLO
COMO MATAR SUA MULHER

IMPERIAL — Tel 6 59 33
As 15 e 21 horas (M 17 anos)
SANGUE NO DESERTO
A VIDA AMOROSA DE MOLL FLANDERS

CINEMA IDEAL — Telef 32 61 94
As 21 horas (M. 12 anos)
BOEING-BOEING
O PODER E A GLÓRIA

CINE-TEATRO **LIDO** — Tel. 93 75 93 AMADORA
Às 21.30 h. (M. 12 anos)
Uma noiva para quatro maridos!?!
AS 4 BODAS DE MARISOL
com Marisol e Jean Claude Pascal

BOITE **« PRÍNCIPE »** RESTAURANTE
JANTARES E CEIAS
(M. 21 anos)
Alegria e boa disposição com música constante desde as 18 horas até às 5 da madrugada
Salões próprios para banquetes e lanches de casamento
Ambiente seleccionado — Ar condicionado
Rua da Madalena, 107 — Tel. 33814

NOVOS CURSOS DE FRANCÊS
NO DIA 13 DE MAIO
CENTRO ÁUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS
PRAÇA LUIS DE CAMÕES, 36, 3.º — LISBOA — TEL. 3 49 88

AMANHÃ — 10 — ÀS 21 HORAS E 30

FESTIVAL INTEGRADO NAS COMEMORAÇÕES DO 64.º ANIVERSÁRIO DO SPORT LISBOA E BENFICA
(M. de 12 anos)

NO COLISEU DOS RECREIOS

Uma produção dos «Parodiantes de Lisboa» — realização de José Andrade e Rui Andrade. Colaboração de Alice Teles, Alice Cruz, Calaty Santos «Arnestinho», Daniel Garcia, Eduardo Andrade, João Capela «Compadre Alentejano» e Virgílio de Barros. Montagem e sonorização: Fernando de Almeida e Vasco Fernandes. Técnico operador: Jorge Mendes
Com a gentil colaboração: **Locução:** Carlos Cruz, Fialho Gouveia e Jorge Alves. **«Momento do Fado»**, com **AMÁLIA RODRIGUES, Fernanda Maria**, Manuel de Almeida e Manuel Fernandes. **«Momento da Canção»**, com **ANGELA MARIA**, Antónia Tonicha, João Maria Tudela, Tony de Matos e **Trio Odemira.** «Momento Típico» «Folclore» e «Canto», apresentação **João Viegas.** Acordeonista, Filipe de Brito. Rancho da Casa do Povo de Almeirim, Banda de Alcochete, Orfeão do S. L. B. «Momento Hilariante: Orquestra «Hi-Kdoy», privativa dos «Parodiantes de Lisboa», «Momento de Teatro», alguns numeros da revista «Arroz de Miudas», grande êxito do Teatro ABC, com Ivone Silva, Carlos Coelho, Oscar Acurcio, **Orlando Fernandes, Carlos Gonçalves,** Delfina Cruz, Guida de Carlo, **Fernanda Franco, Elisabeth** e **Nela Duarte.** Orquesrta dirigida pelo maestro José Mesquita

• • OUTROS ESPECTÁCULOS • •

TEATROS
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pão, pão... queijo, queijo!» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «As três perfeitas casadas» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Agarra que é milionário» (17 anos).
ABC — Às 20 e 45 e ás 28: «Arroz de miudas» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Os dias felizes» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Comissário de Polícia» (12 anos).

CINEMAS
ARCO ÍRIS — Às 21: «Os 7 invencíveis» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19. «No ponta da pistola» (12 anos)
IMPERIAL—Às 21: «Sangue no deserto» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Vício de matar» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Matt Helm — Agente muito secreto» (17 anos
PARIS — Às 21: «Enigma alucinante» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Gringo não perdoa» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Caminho para dois» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «América país de Deus» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Oiro sangrento» (17 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «Discípulos do diabo» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Bikinis de oro» (17 anos).
BOMBEIROS V. LOURES — Às 21 e 30: «A revolta dos apaches» (12 anos).

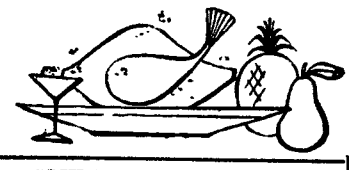
● **Linha de Cascais**
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Senhor da guerra» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O Charlatão» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O tapete do terror» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «Camarada Princesa agente em Londres» (17 anos)
CASCAIS — S JOSÉ — As 21 e 30: «O Vale das bonecas» (17 anos).

● **Linha de Sintra**
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «A grande paródia» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Elas são mais perigosas» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: Servidão humana» e «O gigante de maratona» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE CHABY — Às 21 e 30: «O rebelde aventureiro» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Os voluntários» (17 anos)
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «O direito de nascer» (17 anos)

● **Outra Banda**
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Roma era assim» (17 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Sua Excelência» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «Mosqueteiros do Oeste» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Dois toureiros» (12 anos).

LIS — Tel. 4 85 60
Às 14.45 e 21 h. (M. 12 anos)
UM MORDOMO NO FAR-WEST A ULTIMA ESPERANÇA

DAVID OISTRAKH
O MAIOR VIOLINISTA DA ACTUALIDADE
GRAVA PARA MARCAS REPRESENTADAS POR
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.
UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA MÚSICA

bom apetite


Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

ILHOTA
RESTAURANTE
R ILHA DO PICO, 19-2.º
Telef 49063 (Junto á Estefânia)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
Pranchas de Cherne Dobrada à moda do Porto

RESTAURANTE-BAR
BAIUCA BAR BISTRO
(antiga casa Júlio de Sousa)
R do Barroca, 86 — T. 34700
SERVIÇO DE BAR E CEIAS, ATÉ DE MADRUGADA

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 53 52 08
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes Lanches de Casamento

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas S. Antão, 83
Telf. 323059

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

Parreirinha do Rato
Restaurante snack-bar cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 1
(entrada pelo arco) Tel 685908
Parque para automóveis

COZINHA ALENTEJANA
RESTAURANTE
Av do Aeroporto, 162 — Tel. 72 70 71
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO E BANQUETES
Aos almoços e jantares
PERDIZ À MODA DE BEJA
e PÉS DE PORCO DE COENTRADA À MODA DE ÉVORA
Classificado de utilidade turística — Aquecimento

Manuel Oliveira, no momento em que se despedia dos jogadores belenenses

Os novos treinadores do Belenenses assumiram hoje as suas funções

• Manuel Oliveira despediu-se dos jogadores

Procedeu-se, esta tarde, nas instalações do Estádio do Restelo, à «passagem de testemunho» dos «comandos» técnicos do futebol do Belenenses, agora confiados aos treinadores Peres Bandeira e Carlos Silva, depois da rescisão do contrato com o anterior responsável.

Nos vestiários, Manuel Oliveira, numa cerimónia breve, despediu-se dos jogadores que orientou, terminando por abraçar Quaresma, como símbolo do amplexo colectivo em que queria envolver a equipa.

Depois, todos os jogadores titulares e reservas «azuis» dirigiram-se a outra dependência do estádio, onde Acácio Rosa, acompanhado dos dirigentes do futebol belenense, coronel Pons Dias, Luís Gaspar, Agostinho Carolas e dr. Jaime Monteiro, bem como do dirigente dr. Sacramento Moteiro, falou aos jogadores informando-os da decisão tomada, em confiar a Peres Bandeira e a Carlos Silva a orientação técnica das equipas belenenses e exortando-os a trabalhar com afinco pois — disse — é nos piores momentos que se torna necessário demonstrar a nossa valia. E, secundado com entusiasmo por alguns simpatizantes belenenses presentes ao acto, terminou a sua alocução com um entusiástico «Viva o Belenenses».

Os jogadores seguiram depois para o relvado do Restelo, onde os novos técnicos já dirigiram a sessão de treino.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

REBATEU O VIGÉSIMO QUE ESTAVA «BRANCO»

PORTO, 9 — No 1.º Juízo Criminal desta cidade, sob a presidência do corregedor dr. Fernando Pinto Gomes, foi julgado António Maia Pereira Avidos, de 31 anos, casado, agente de jornais, do lugar do Pinheiro, em Paços de Ferreira. Era arguido do crime de abuso de confiança, pelo facto de, no dia 29 de Julho do ano transacto, ao ver se um décimo da lotaria nacional, pertencente ao sr. Manuel Cardoso Leal, industrial, residente na Feira de Có, daquele concelho, estava premiado, quando se encontrava num café da Rua do Bonjardim, ter dito ao queixoso que aquela fracção — com o n. 38484 — estava Branca, simulando rasgar a mesma. Dias depois rebateu-a numa casa de lotarias, dado que o décimo estava premiado em trinta mil escudos.

O sr. Manuel Leal, porém, soube pelo cauteleiro, António Barradas, que lhe havia vendido a lotaria, de que havia sido contemplado. Daí aquele senhor ter pedido a intervenção policial para a resolução do assunto.

O réu que confessou o seu acto delituoso, embora o justificasse pela amizade que o ligava ao queixoso, afirmando que o fizera com a idéia de que o mesmo pagasse um almoço a um grupo de amigos, foi condenado em 15 meses de prisão, substituídos a trinta escudos diários, seis dias de multi prisão, substituídos a trinta escudos de imposto de justiça e ainda 20 mil escudos de indemnização ao ofendido dado que já lhe havia entregue dez mil escudos.

DESPENHOU-SE UM F. 111-A

BASE AÉREA NELLIS (Nevada), 9 — (R.) — Um avião de asa móvel do tipo «F-111-A» despenhou-se, no deserto de Nevada, ao norte de Las Vegas.

Este é o quarto avião deste tipo que cai desde que entrou ao serviço este ano. Os outros três caíram no Sudoeste asiático, em missões de combate.

Os dois tripulantes saltaram em pára-quedas e nada sofreram.

MATEMÁTICO FRANCÊS PROÍBIDO DE ENTRAR NOS E. U. A.

BERKELEY (Califórnia), 9 — (R.) — A Secretaria de Estado americana recusou-se a dar visto de entrada ao professor Laurent Schwartz, um dos maiores matemáticos franceses, que tencionava proferir conferências na Universidade da Califórnia — revelou hoje um membro da Faculdade.

O professor Schwartz, da Sorbonne de Paris, tinha sido convidado para fazer uma conferência sobre matemáticas no próximo dia 24 e tencionava fazer outra conferência, mais tarde, sobre a posição da Europa em relação à guerra do Vietnam.

A Secretaria de Estado não revelou o motivo da sua recusa mas, segundo fontes bem informadas, ela parece relacionar-se com o facto do professor Schwartz ter tomado parte no Tribunal Bertrand Russel que condenou os Estados Unidos por crimes de guerra no Vietnam.

Terminaram as provas para professor agregado de Cirurgia

Dr. Teixeira Dinis

O sr. dr. Luís Manuel de Freitas Teixeira Dinis, que desde 12 de Abril tem estado a prestar provas de habilitação para professor agregado de Cirurgia da Faculdade de Medicina de Lisboa, prosseguiu-as esta manhã, com o exame de um doente dos serviços escolares, sobre o qual elaborou um relatório.

À tarde, este relatório foi lido perante o juri, constituído pelos srs. profs. José Sarmento (reitor da Universidade Clássica) Bártolo do Vale Pereira e Fernando Alberto Serra de Oliveira (Coimbra), António de Sousa Pereira, Fernando Domingues Magano Junior, Álvaro António Pinheiro Rodrigues e José Monteiro Bastos (Porto), e, ainda, pelos catedráticos, em exercício, da Faculdade de Medicina da capital.

Seguidamente, o mesmo relatório foi discutido por um arguente durante uma hora.

O juri reuniu-se depois para deliberar, tendo decidido aprovar o candidato.

HARRIMAN E XUAN THUY EM PARIS

(Continuação da 1.ª página)

porto numa conferência da N. A. T. O.

Harriman disse que o objectivo dos Estados Unidos no Vietnam, tal como o presidente já tem afirmado por diversas vezes, é o de defender o direito do povo do Vietnam do Sul a escolher o seu próprio futuro sem interferência externa. Continuaremos a consultar o Governo do Vietnam do Sul e todos os nossos aliados que nos ajudam a defender o Vietnam do Sul.

REUNIÃO NA ACADEMIA DE CIÊNCIAS

(SECÇÃO DE LETRAS)

Efectuou-se esta tarde uma reunião da secção de Letras da Academia de Ciências, durante a qual o prof. Pereira Forjaz proferiu uma conferência subordinada ao tema: «Dois Centenários — Chateaubriand (1768-1868) e Maurras (1868-1968)».

Presidiu á sessão o prof. Moses Amzalak.

ROCKEFELLER PROPÔS O ALISTAMENTO POR LOTARIA

MANHATTAN (KANSAS), 9 — (A. N. I.) — O governador de Nova York, Nelson Rockefeller, propôs hoje que o apuramento para o serviço militar seja feito por um sistema de lotaria e não pelo sistema actual, «arbitrário e injusto», que exclui os ricos e incorpora os pobres.

Rockefeller propôs também a criação de uma «comissão nacional pós-Vietnam», para treinar os milhares de homens que voltam da guerra, a fim de ocuparem lugares no mercado do trabalho.

Dirigindo-se aos estudantes da Universidade de Kansas, o governador de Nova York declarou que esta medida tinha como principal objectivo provar que a economia norte-americana não depende da guerra e que a «verdadeira prosperidade só pode ser atingida com a paz».

SOLDADO MORTO NA GUINÉ

BISSAU (L.) — Por motivo de doença faleceu na Guiné o soldado do recrutamento da província n.º 82121164, Abunfo Baptista Gomes, natural do concelho de Cacheu, filho de José Gomes e de Domingas Gomes.

A popularidade de Bob Kennedy

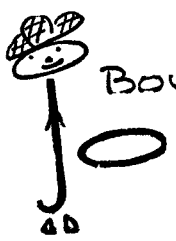
(Continuação da 1.ª página)

O vice-presidente deparou com uma tremenda recepção por parte de centenas de moradores de bairros pobres e a Repartição de Oportunidades Económicas confirmou, a noite passada, que estava a investigar se fundos para combater a pobreza foram ilegalmente empregados para realizar a recepção.

O emprego de fundos federais em actividade política partidária é proibido por lei.

Segundo fontes afectas ao Município, foi pedido á administração municipal que enviasse um contingente de moradores de bairros pobres á cerimónia de recepção, onde chegaram em dez autocarros alugados.

Um informador do Município afirmou que a conta do aluguer dos autocarros seria paga por particulares, sem a utilização do dinheiro federal.



ACABAM DE CHEGAR AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:

VESTIDOS-ÉCHARPES
FATOS DE BANHO, ETC.

RUA SERPA PINTO, 14, 1.º
TELEFONE 32 08 43

RUA NOVA S. MAMEDE, 38
TELEFONE 67 30 77

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS

LIVRARIA TORRENS

RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

8 TOIROS de Tomás da Costa
FORCADOS AMADORES DE ÉVORA chefiados por João Patinhas

DOMINGO, DIA 12 ÀS 16.45 HORAS

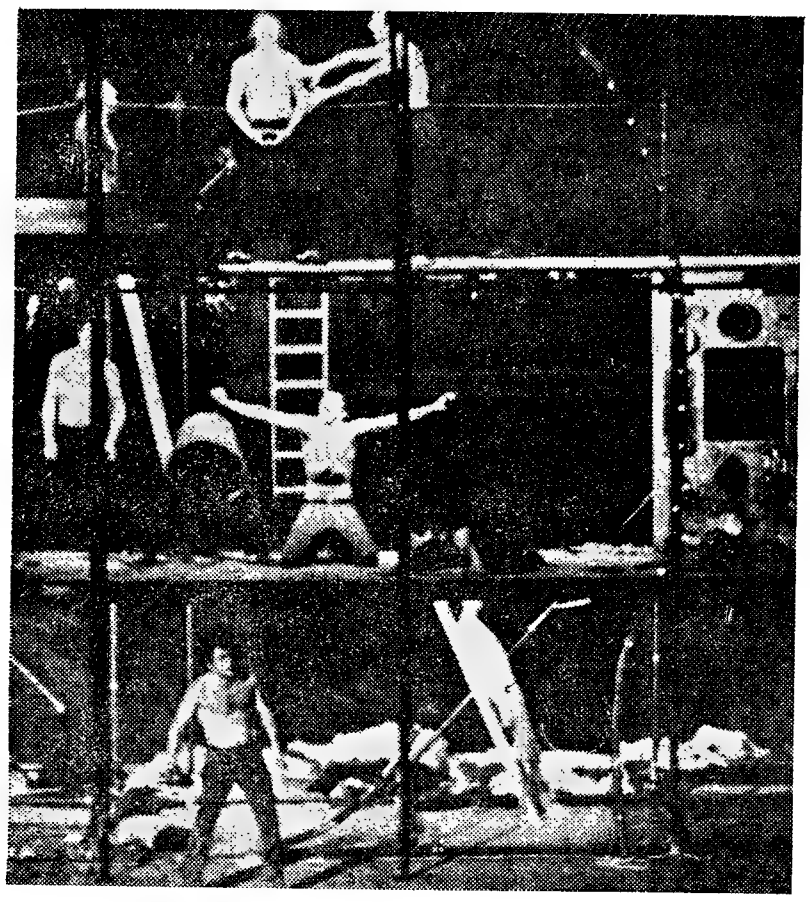
M. CONDE
ANTOÑETE
AMADEU
LUIS MIGUEL

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO LITERÁRIO

David Mourão-Ferreira
José Augusto França
Júlio Moreira
Mário Sacramento
Sheppard Moraes
Vergílio Ferreira

N.º 510/9 DE MAIO DE 1968



"FRANKENSTEIN" TEATRO-COLAGEM

A editora Merkur, de Francfort, acaba de publicar o texto da peça *Frankenstein* que na Alemanha, em França, Holanda e Itália foi um dos maiores sucessos teatrais dos últimos anos.

Criada pelo Living Theater e apresentada pela primeira vez no Festival de Cassis, *Frankenstein* adianta-se às conquistas do antiteatro e aos formalismos clássicos do jogo dos absurdos para ousada e penetrantemente enfrentar uma nova concepção de espectáculo dramático — e por isso o sucesso retumbante que obteve. Com efeito, a acção e o texto não se desenvolvem aqui no compromisso convencional de uma intriga nem na oratória declarada a que fazem recurso alguns dramaturgos de vanguarda. *Frankenstein* é uma colagem em que uma série de fagmentos da realidade são animados e sobre os quais, em cada zona do palco, o espectador «escolhe» o instante que melhor corresponde às suas obsessões ou aos sinais da sua crise interior.

Victor Frankenstein o monstro da fragmentação

Fragmentação para reconstituir uma unidade significativa (como nas colagens) — eis em que, no tema e na forma, assenta a peça de Linving Theater. Dezasseis personagens silenciosas ao abrir a cena, reunidas num ritual exotérico, acabam, uma a uma, por ser aniquiladas pelos mais diversos métodos de violência, desde a guilhotnia á cadeira eléctrica e á camara de gás. De cada vitima o doutor Victor Frankenstein retira um orgão diferente que se destina a ser transplantado e com eles fabrica um monstro, um ser *ex-machina* que, uma vez completo, ganha vida e fala das monstruosidades do século.

Discurso das maquinações da morte, extraído de uma obra de Mary Shelley, nele entram

a experiência clássica e o testemunho mais actual: os mitos guerreiros da Antiguidade, a marcha israelita sobre o Suez, a guerra do Vietnam. «Quando, finalmente, corre o pano sobre esta primeira parte da peça», comenta Jean-Jacques Lebel, «um suspiro de alívio saiu de mais de um espectador. Aplaudir? Berrar? Rir? Este «alucinodrama», escrito, posto em cena e transformado colectivamente pela companhia do Living Theater altera a tal ponto a relação teatral convencionada que o espectador é forçado a reconsiderar, a meter-se no jogo.»

A sociedade dos alucinogéneos

Jean-Jacques Lebel, autor de um importante estudo saído recentemente *Happening* (ed. Denoël) estabeleceu a propósito de *Frankenstein* algumas premissas da maior importancia para o enquadramento da peça no contexto da crise contemporânea. Na sua opinião «*Frankenstein* é sem duvida a primeira obra dramática importante saída do novo estado de espirito e da subversão psicológica que resultaram do uso ritual dos alucinogéneos. Diversos espectadores me disseram ter visto pela primeira vez no teatro a derrocada e a autodestruição dessa civilização. E Karl Bol (*Zü*): Formalmente a peça é um passo gigantesco para a criação de um novo tipo de espectáculo que talvez se chame ainda teatro, mas cuja comunicação é incomparávelmente mais profunda e mais violenta.»

O Living Theater Company fez com *Frankenstein* a demonstração cabal do ponto primeiro do seu programa: a de que o teatro na sua forma actual está em vias de desaparecer e que, a uma velocidade insuspeitada, um outro lhe sucede já menos complacente para com o publico. As experiências de Peter Brook, de Jorge Lavelli, de Julian Beck e de Jersy Grotowski são elucidativas. E *Frankenstein* velo comprová-lo.

SHEPPARD MORAES

«Será verdade que a sociologia da arte...»

Folhetim artístico de
José Augusto França

«Será verdade que a sociologia aplicada ás obras de arte destroi a sua especificidade de objectos de arte e que para se exercer escolhe de preferência obras menores? Ou poderá a sociologia aplicada ás obras de arte (sociologia do conhecimento, sociologia dos factos culturais) contribuir para a sua compreensão mais frutuosa e, ao mesmo tempo, enriquecer-se cientificamente?»

Assim se lê num interessante e algo defeituoso inquérito (noutro local o criticarei) lançado aos artistas e críticos nacionais, com a intenção de se definir a *Situação da Arte*. O volume saiu recentemente, representa muito trabalho que merece homenagem — e entre outras questões bem ou mal formuladas contém esta. Esta, que foi mandada só «a alguns críticos mais ligados a este género de investigação». «Alguns» não quer dizer nada: muitos, poucos — quais? A verdade é que um só respondeu, o Joel Serrão, que é autor de notáveis páginas de sociologia da cultura e sobretudo *da Literatura*. Dos outros «alguns» só sei que se esqueceram os autores de consultar aqueles que ás artes visuais se têm dedicado, numa preocupação sociológica. E acontece que há, pelo menos, sete críticos ou mais ou menos historiadores portugueses que, desde há dez anos, têm trabalhado em sociologia da arte, na Escola de Altos Estudos de Paris, com Pierre Francastel ou com Jean Cassou. Melhor ou pior, diplomando-se ou não, por lá andaram ou andam, o que constitui um factor importante na vida intelectual portuguesa. Ignorá-los ou esquecê-los, não tendo sido propósito, que não foi representa um defeito grave na definição cultural do próprio inquérito. E significativo, afinal, da «situação da arte», e da cultura socio-artistica...

... Como ia dizendo, assim reza a pergunta e, fosse eu convidado a responder (como fui ás outras 17 perguntas a que obedientemente respondi), poderia ter começado a escrever o seguinte:

«Não será verdade, não senhor — a menos que o sociólogo seja parvo, e então não será sociólogo. Pode contribuir, pois — e até deve, porque, sem ela, etc. etc.».

DO QUE É E PARA QUE SERVE

Nestes «etc.» que a pergunta faculta, de um modo tanto inabil, está a própria definição do que seja a sociologia da arte, e do para que ela serve.

Ramo delicado da sociologia dos factos culturais e dos objectos de cultura, a sociologia da arte vem sendo criada, ao lado da sociologia da literatura, desde Diderot e dos seus «salons», desde Proudhon e do seu Courbet e desde Taine e das suas três leis. Entre nós, Eça, vai fazer cem anos, Ramalho pouco depois, por ciência dos dois últimos, praticaram-na como fazia prosa Monsieur Jourdain, ou ainda pior. O mecanicismo das suas vistas ficou no bicho dos ouvidos e provocou o que provocou nos anos 40, com disfarce dialético e desculpa só nas intenções extra-científicas. Depois, as pessoas cresceram, deixaram de poder dar-se (dando-se embora, tantas vezes) àquela «puerilidade de certas induções» de que já o Antero falava a propósito do Teófilo, e chegaram — a quê?

Chegaram, por exemplo, a entender que é da especificidade dos próprios objectos de arte que a sociologia da arte tem de partir — condição «sine qua non» da sua existência e da sua função de conhecimento cultural global. A sociologia da arte começa por ser da arte, e só depois é da sociologia. Por outras palavras: a *metodologia programática* que a sociologia sobretudo é, aplica-se a objectos que sem ela vivem a sua vida — existindo por si. A sociologia dá-lhes um sentido de viver, perguntando *porquê* e *como* vivem, e, mais delicadamente, *para quê*. Assim faz, mas sem intervir na criação, ou intervindo apenas como elemento formativo genérico, de tipo ideológico. É no momento do consumo da obra de arte que a sociologia da arte funciona, a um nível crítico e histórico. E porque funciona a esses níveis, com consciência estética, ela não pode satisfazer-se em

(Continua na página seguinte)

Folhetim artístico

(Continuação da página anterior)

«obras menores». A sociologia é feita com elementos significativos — e, sobretudo, procura as *cabeças de série* que representam mais, no contexto da criação, que as peças depois seriadas. Mas (e isso pode iludir o leigo) a seriação é um valor a atender — e a dosagem de um plano e do outro, na produção e no consumo artísticos, especialmente importante.

SOCIÓLOGOS E CRÍTICOS

Ora torna-se indispensável que o sociólogo da arte saiba distinguir entre *cabeças de série* e *peça seriada* — e isso só ele será capaz de fazer, se tiver formação crítica e histórica. O mal das várias sociologias aplicadas a objectos de cultura é que muitas vezes serão praticadas por pessoas sem um mínimo de formação (e de gosto e de sensibilidade) crítica. Sociólogos há (veja-se o Fulano, tão conceituado em certos meios) que fazem crítica de livros como se a fizessem ao resumo dos mesmos livros. E outros (veja-se Cicrano) que o mesmo fazem aos filmes. Menos notável isso é hoje no domínio das artes plásticas, onde não encontro, como há vinte anos, um exemplo de Beltrano — e quero crer que a razão está na experienciazinha ganha nas aulas parisienses. De qualquer modo, é indispensável saber que *só se faz sociologia da arte sobre vivências autênticas.*

Pelo que ficou dito, embora no tom folhetinesco desta encomenda quinzenal, se verá que a sociologia permite maiores frutos á compreensão da obra de arte — que sem ela funciona pior no seio de uma sociedade para a qual foi produzida, mal consumida embora, que seja.

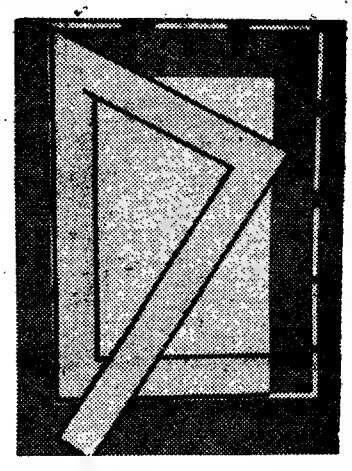
Nisso vale a pena insistir em inquéritos e fora deles — e isso sobretudo vale a pena ensinar.

Pintura geométrica

Qual a função da cor na obra de arte? Eis uma pergunta a fazer quando se vêem as exposições mais recentes de Helena Almeida. Naturalmente que a cor é elemento integrante da obra de arte, quando o artista com ela contou e na medida em que o artista com ela contou. Faz parte da própria estrutura, como as linhas, como os planos, como os volumes. Muitas vezes porém, na pintura especialmente, a cor torna-se autêntico inimigo da obra de arte porque serve apenas para disfarçar mazelas, falhas de construção.

Helena Almeida, cuja carreira de artista plástica não começou há muito ainda mas que no ambiente de arte viveu sempre, expõe presentemente na Galeria Buchholz uma série de quadros de um geometrismo avaro, por vezes esquelético, mas como ele é sólido! A pintora, que não há muito tempo ainda apresentava nos salões da S. N. B. A. uns quadros de tintas suaves, com as figuras de sensibilidade estranha, pode dizer-se estar hoje a dar-nos quadros de arquitectura em que a cor é elemento decorativo inteiramente secundário. Há nessa cor a mesma suavidade dos primeiros quadros da artista, mas a concepção é inteiramente outra. É de pintora que vai ao fundo da obra, procurando com poucos traços — nós íamos a escrever com algumas paredes mestras — dar-nos todo o ambiente, toda a construção. Depois vem o complemento da cor. Complemento apenas.

Artista do nosso tempo, dissemos, mas como ela mergulha as raízes num passado distante. Não terão certos quadros de Helena Almeida afinidades com aqueles pintores renascentistas de interiores de catedrais e palácios e salões? Os flamengos têm tradições grandes e os venezianos, posteriormente, também, nessa pintura. Sómente onde eles cultivam o pormenor no desenho, a força no colorido, em Helena Almeida as linhas são sempre simples e escassas e a cor muito branda. É a simplicidade de linhas de algumas construções modernas e a suavidade de tons que tão bem quadra á sensibilidade da artista.



O geometrismo que se nota nas construções, em recantos, é a essência também dos demais quadros, com decomposição de planos, de superfícies, de objectos.

Geometria, solidez de construção, simplicidade de linhas e brandura de colorido eis a artista que se apresenta pela segunda vez nesta Galeria Buchholz.

Dois pintores de Lisboa

Neste mundo das artes plásticas em que as exposições se sucedem às exposições, sem descanço, embora a maioria não deixe rasto, há sempre pedras brancas a assinalar neste ou naquele salão. Há também afinidades que se vão acentuando ou que vamos descobrindo neste ou naquele artista, nesta fase ou naquela do pintor, do escultor, do ceramista. Quantos e quantos se prendem a esta ou àquela escola antes de firmarem seu passo e encontrarem seu caminho

Mas não é raro também encontrarmos afinidades de simpatia, de tema, ou da forma de o tratar, em artistas grandes. E há temas que se impõem, recantos de cidades ou orlas marítimas que fazem o efeito de torrão de açúcar. A Lisboa do casario empinado de Alfama e das águas translúcidas do Tejo, é um desses temas.

Hoje queremos notar a preferência que dois artistas pintores têm mostrado pela cidade onde nasceram. Mas se nela não tivessem nascido, possível era que Lisboa lhes fosse também a musa inspiradora. Um deles expõe neste momento, como o faz duas ou três vezes por ano, em galerias lisboetas; o outro prepara-se para realizar a exposição do meio século de pintor!

Já repararam que Lisboa prendeu Carlos Botelho e Nikias Skapinakis de forma verdadeiramente absorvente?

Nikias expõe neste momento na acolhedora e simpática galeria 111, ao Campo Grande, paredes meias com a Cidade Universitária. Nela arde de contínuo o fogo sagrado da mocidade e lucilam os sonhos. Há discussões por tudo e por nada e barbas atrevidas. Debaixo do braço os livros e as sebentas. E a pintura de Nikias, com o seu grande quadro de quase dois metros por metro e meio em que o tema é Lisboa, está no seu ambiente. Não é a Lisboa do Campo Grande essa, mas a do Castelo, com o casario, uma grande porta de carro ao centro, aberta na muralha, e palácios que se sobrepõem a palácios no pano fundeiro. Nas abas dessas grandes construções, há janelas e portas humildes, com gente ao rés da rua, observando com humana curiosidade.

Nikias: «As três graças»

É a Lisboa da tradição e da vida popular e humilde que Nikias nos dá na sua pintura requintada. Há até quem chame à pintura de Nikias Skapinakis, com seus castanhos fortes, os azuis muito vivos, a estrutura bem delineada e as cores primitivas em todo o seu valor, arte aristocrática. E talvez tenham razão porque a verdadeira arte, cheia de equilíbrio, formas escolhidas, as cores harmoniosas, o todo em beleza, não pode deixar de ser requintadamente aristocrática, ainda quando nos comunica o sentir e a vida do povo.

Nikias apresenta-nos outro quadro lisboeta, fora do catálogo, mas de reduzidas dimensões este. Mas a msema procura de harmonia, do que há de simples e belo no recanto citadino; os tons continuam a ser quentes, calorosos, sem que estejam ao rés da vida de todos.

Que admirar portanto que o artista nos dê também uma série de guaches com flores, à sua maneira, recortadas, fortes, cores vivas, bem longe daquelas que apareciam em série nos falecidos salões de Primavera.

Nikias Skapinakis parece ter prazer em remar contra a maré; e ainda bem que assim é, já que, neste momento, há uma prevenção contra tudo quanto seja pintar flores. Como se houvesse coisa mais linda e digna de ser pintada do que uma flor! Nikias, artista do seu tempo, pintor de mérito e consagrado, bem enquadrado na arte do seu tempo, mas naquela arte que não passa porque não vive apenas da aura de momento, ficando a base forte em ofício e saber, dá-nos uma série de flores. A galeria 111 tem-nas na parede fronteira ao grande quadro da porta do Castelo; e que bem que ali ficam e que personalidade que elas têm!

Neste começo de Maio expõe Nikias Skapinakis, o pintor da sua geração que mais se apaixonou por Lisboa e pelos telhados e largos e esquinas da Lisboa de Quinhentos ou da Lisboa que aspira a ser uma metrópole. Lá para o fim do mês anuncia-se já a exposição do outro grande pintor da nossa Lisboa, o mestre Carlos Botelho. Que diferentes que eles são, mas como ambos são artistas e como ambos sentem Lisboa!

Ronda das galerias

ARCHOTE (Av. da Liberdade, 224) — Artur Bual (Pintura).
BUCHHOLZ (Rua Duque de Palmela, 4) — Helena Almeida (Pintura).
«DIÁRIO DE NOTÍCIAS» (Largo do Chiado) — M. Luz Lindo (Desenho).
DINASTIA (Rua da Escola Politécnica, 183) — Ana Maria Botelho (Pintura).
DIVULGAÇÃO (Rua D. Estefânia, 46-B) — João Hogan (Pintura).
GALERIA 111 (Campo Grande) — Nikias Skapinakis (Pintura).
GALERIA NACIONAL DE ARTE (Praça Marquês de Pombal) — Ribeiro Farinha e Arlindo Rodrigues (Cerâmica).
GRAVURA (Travessa do Sequeiro, às Chagas) — Gravuras da colecção de Manuel Cargaleiro.
PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA (Largo de S. Domingos) — Arte Ultramar.
QUADRANTE (Av. Luís Bivar, 85-C) — Manuel Baptista (Pintura).
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO (Restauradores) — Artur José (Cerâmica); 3 Mil Anos de Pintura Peruana (Pintura), depois do dia 16.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (Rua Barata Salgueiro) — Maria de Abreu (Pintura); Maria Emília Barbosa Viana (Pintura).

MORADIA ENTRE CASCAIS E SINTRA

(extraordinária vista de mar)

Moradia com 4 quartos, sala-comum, 2 casas de banho, despensas, marquise fechada, garagem, capoeiras, canil, grandes arrecadações; casa de caseiro, com 1 sala-comum, 1 quarto, cozinha e casa de banho; grande jardim, **todo arborizado com árvores de fruto,** com um poço de água potável, com bomba eléctrica.
Junto da auto-estrada Estoril-Sintra, com extraordinária vista de mar, desde a baía de Cascais até ao Monumento Cristo-Rei e Serra de Sintra.

Preço: 600 contos.

Trata o proprietário: Joaquim Baraona
Est. Marginal, Lote JME-2.° C. — **CASCAIS** — Telef. 282345

O anjo da Alexandria

LAWRENCE DURREL: «Limões amargos»

O anjo da Alexandria nasceu na Índia Imperial e descobriu a Terra Prometida pela via diplomática. Escreve de facto como um anjo — um anjo negro que desvenda a sórdida condição do homem física, geográfica e socialmente alienado e lhe dá o beneplácito de uma velada ironia. Os seus romances e, em especial, o celebérrimo *Quarteto de Alexandria* (ed. Ulisseia) são uma engenhosíssima demonstração de virtuosismo formal e simultâneamente a descrição de uma atmosfera sentimental tão subtilmente velada e tão poderosa de intriga que absorve e domina maquiavèlicamente o leitor mais experimentado.

Herdeiro das «vozes» de D. H. Lawrence — de algumas das percepções de Lawrence, entenda-se — este diplomata britânico que se naturalizou cronista de uma Alexandria reinventada e fez dela a Terra da Promissão, este *Sir* das letras inglesas dos nossos dias — Lawrence Durrel — alargou as suas peregrinações exóticas às ilhas encantadas, a Chipre e aos mundos suspensos da velha Grécia. *Limões Amargos*, o romance que em 1952 lhe granjeou o Prémio Duff Cooper, desenrola-se nas ilhas mediterrânicas que o autor tão bem conhece e que, a partir dele, passaram a ter a «segunda realidade» das paisagens redescobertas (e imortalizadas) por um grande artista, chama-se ele Henry Miller *(Big Sur)*, Kazantsaki *(Do Monte Sinai à Ilha de Vénus)* ou Azorin *(Los Pueblos)*.

Com odor e amargura

Limões Amargos: o título é em si mesmo uma definição genial da arte de Durrell. Toda a sua prosa é um perfume selvagem requintadamente elaborado e, através dele, toda a sua mensagem é um vírus de saturado desencanto. A vida quotidiana transfigura-se, atinge a idade da eternidade. A população romanesca transfigura-se, ganha proporções imprevisíveis e toda a sua tragédia se vai adensando, colorindo e movimentando numa

Laurence Durrel

temperatura poética admirável.

Mas o anjo tentador, o romancista de génio que sabe dos mil subterrâneos do homem para recriar um universo de leitura aliciante, dificilmente põe à mostra a crueldade da sua mensagem. *Justine, Mountolive, Cefalu, Limões Amargos*, etc., vêm dotados de um apaixonante ímpeto de efabulação e de uma tão maravilhosa capacidade de comunicação que relegam para regiões secundarissimas o cidadão aristocrático e o espírito convencional que há em Durrell. Raramente um romancista triunfa assim sobre o homem, como neste caso. Raramente, também, um narrador de conflitos e de tamanha inventiva se mostra, como personagem real, tão limitado e tão temeroso do mundo contemporâneo (e daí certamente o recurso aos mundos «intemporais» que põe em evidência nos seus romances ...).

Assim, é possível saborear os admiráveis *Limões Amargos* que um romancista nos serve com universalidade e mestria, e esquecer por algumas horas de indiscutível sedução, o provincianismo do ideário que esse mesmo autor deixa ingènuamente à vista nas suas declarações ocasionais e, sobretudo, nas cartas que trocou com Henry Miller.

PUBLIC. EUROPA-AMÉRICA

O cidadão do exílio

HENRY MILLER: «Big Sur e as laranjas de Hieronimus Bosch»

Nada mais claro na *correspondência* de Lawrence Durrel-Henry Miller (Editora Ulisseia) do que a tolerância que o genial americano usou no que respeita às ideias conservantistas do cronista das «ilhas encantadas». Miller incita desde a primeira carta o jóvem de 23 anos que se lhe dirige, a ele, exilado em Paris, homem de 43 anos, e na altura longe da consagração. Incita-o pela vida fora mas com aquela grandeza de alma e a inflexibilidade que o elevaram a um dos lugares mais altos da literatura dos nossos dias, Miller não esconde uma resposta cheia de ironia, um encolher de ombros às «profundas» inquietações de Durrell em relação aos caminhos da sociedade. Na verdade, ele não se firou-a, encheu-a de significado, deu-lhe, em suma, o valor alegórico de uma resposta ao mundo actual. *Big Sur e as Laranjas de Hieronymus Bosch* eis o título da edição italiana em que ele presta homenagem ao seu território redescoberto. Laranjas, não limões amargos ... Mas uma laranja pintada por Bosch e admirada por Miller contém em si mesma todas as transcendências de um universo tão do nosso tempo, tão da nossa condição, que ultrapassa a metáfora e o brilho das amarguras.

Henry Miller

xou na Europa por ânsia de exotismo, mas por incompatibilidade com formas de vida que se lhe tornaram demasiado fáceis e artificiais.

A guerra fê-lo regressar aos Estados Unidos e em 1939, na companhia do pintor Abram Rattner começou a reconciliação com a pátria e a sua aprendizagem de pintura. Big Sur, na costa californiana, foi, como se sabe, a sua estação términus. Daí, dessa região que, antes dele, fora cantada por Robinson Jeffers e admirada por Jack London, fez Henry Miller a sua república tutelar. Sùbitamente Big Sur revela-se com coordenadas extragecográficas, transforma-se numa referência, num ponto de mira dos escritores jovens americanos. Miller transfigu-

Big Sur: uma Alexandria sem mitos

Big Sur, a terra adoptiva de Miller, veio a ser depois um dos *Trópicos* da chamada «beat generation». Esta região da Califórnia, limitada pelo rio do mesmo nome e pelo Vale de Salinas onde o antigo Steinbeck cultivou as suas *Vinhas da Ira* é um ponto de encontro das aves migradoras que vêm do norte e do sul. Diz-se que nenhum local dos Estados Unidos apresenta maior variedade de pássaros e é ali que a sequoia estabeleceu o seu reduto preferido. Por outras palavras é a anti-América, o oposto ao *Pesadelo do Ar Condicionado* que Miller descreveu num dos seus romances. É aqui que Miller vive em família: mulher, filhos, emigrantes e admiradores e jovens literatos que o procuram para buscar nele conforto e apoio. Big Sur, uma colónia de resistentes à sociedade de consumo.

O livro de Miller, *Big Sur*, corresponde à paisagem. Sem mitos, sem ópios de velatura. À parte as personagens reais que apresenta é o próprio Miller que se autodescreve. É ele que falando dos jovens escritores com quem contactou ali, comenta de maneira objectiva:

«Não basta escrever um bom livro ou mesmo um livro melhor do que muitos outros. Tragam convosco um pouco de *erva* proibida e verão como conquistam um público.»

A erva não é a droga de que fala o grande William Burroughs *(The Naked Lunch)* nem o incenso da amenidade com que Durrel enovoou as suas Alexandrias. É, sim, a erva da coragem. A obstinação solitária em repudiar e criar.

ED. MARTINS SARMENTO

ESCAPARATE

(DE 29 A 6 DE MAIO DE 1968)

Título — Nossa Senhora de Portugal No Cinquentenário das Aparições.
Autor — José Dias Sanches
Editora — União Gráfica — Lisboa.
Número de páginas — 240.
Preço — 35$00.

Título — Marés Vivas.
Autor — Luiza Manoel de Vilhena.
Editora — Sociedade de Expansão Cultural — Lisboa.
Número de páginas — 227.
Preço — 35$00

Título — Névoa da Tarde. Sonetos.
Autor — José Trêpa.
Editora — Liga Portuguesa Profilaxia Social — Porto.
Número de páginas — 180.
Preço — 30$00.

Título — Arte de Música — Trinta e Duas Metamorfoses Musicais e um Prelúlio, seguidos de um «Pot-pourri».
Autor — Jorge de Sena.
Editora — Morais Editores — Lisboa.
Colecção — «Círculo de Poesia».
Número de páginas — 102.
Preço — 55$00.

Título — Juventude Heróica.
Autor — Jorge Lages.
Editora — União Gráfica — Lisboa.
Colecção — «Juventus» — n.º 9.
Número de páginas — 282.
Preço — 35$00.

Título — Gil Vicente. Artista Multiforme.
Autor — A. Sousa Gomes.
Editora — Dep. Livraria Portugal — Lisboa.
Número de páginas — 35.
Preço — 40$00.

Título — Diálogo da Fé no Mundo Contemporâneo.
Autor — Albert Donseyne.
Tradutor — Ruth Delgado Beirão Reis.
Editora — União Gráfica — Lisboa.
Colecção — «Galáxia» — n.º 16.
Número de páginas — 317.
Preço — 55$00.

PORTUGÁLIA EDITORA

NOVIDADES E REEDIÇÕES

DO ULTIMATUM AO 31 DE JANEIRO (Esboço de História Política)

BASÍLIO TELES

Com a publicação deste notável ensaio de um dos grandes pensadores políticos da República, enceta-se a publicação da série de «Obras de Basílio Teles». Da «Introdução», da autoria de Augusto da Costa Dias, extraímos: **«Do Ultimatum ao 31 de Janeiro»** é um dos grandes e pouco autênticos ensaios do pensamento político português.» A título de curiosidade, lembra-se que da obra se fez em 1905 uma primeira — e até agora única! — edição.

OBRAS DE BASÍLIO TELES — 384 pp., 65$00

O ROUBO DAS SABINAS

ALMEIDA GARRETT

«Manuscrito garrettiano inédito» — diz muito do alto interesse bibliográfico desta edição, que oferece a **transcrição facsimilada** do original existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: um poema iluminista-libertino que o autor escreveu na juventude. Edição crítica enriquecida por um brilhante e exaustivo estudo de Augusto da Costa Dias: «O Jovem Garrett, esboço de ensaio sobre um vulto ignorado da filosofia portuguesa das Luzes».

OBRAS LITERÁRIAS DE ALMEIDA GARRETT — 288 pp., 65$00

POESIAS — II

JAIME CORTESÃO

A poesia de Jaime Cortesão é um dos não menos preciosos tesouros na vasta obra do genial historiador e grande Português. Este segundo tomo das **Poesias** vem somar-se aos anteriores volumes de um dos mais importantes empreendimentos editoriais registados entre nós: a publicação das «Obras Completas de Jaime Cortesão».

OBRAS COMPLETAS DE JAIME CORTESÃO — 284 pp., 60$00

CANTOS CATIVOS

ARQUIMEDES DA SILVA SANTOS

Cantos Cativos é o belo e significativo título que o seu autor, da geração do «Novo Cancioneiro», deu a estes poemas coligidos entre 1938 e 1958. Vinte anos de poesia, sombria na amargura do «canto cativo», esfuziante na crença da «canção de esperança»; vinte anos de «voz velada», «canto emudecido», «esperança presa», «mágoa tranquila», «ausência efémera» — itinerário simbólico de uma presença viva na nossa arte poética.

Colecção POETAS DE HOJE — 210 pp., 45$00

ÚRSULA MIROUET

BALZAC

Célebre entre os mais célebres romances de «A Comédia Humana», **Úrsula Mirouet** bastaria para fazer a glória de qualquer romancista. Com 9 títulos publicados, a edição portuguesa de «A Comédia Humana» consolida a sua afirmação de um grande cometimento editorial no nosso meio. Tradução de João Pedro de Andrade, á altura da grandeza de **Úrsula Mirouet.**

A COMÉDIA HUMANA — 382 pp., 50$00

ANÁLISE DE BALANÇOS

DR. CARLOS DE MELLO

4.ª edição de um livro que, pelos fundamentos didácticos e clareza de exposição, aliados a um constante aprofundamento da técnica contabilística do «Balanço», se impõe como uma obra indispensável a técnicos de contas, chefes de contabilidade, dirigentes de empresas, empregados de escritório, estudiosos.

Colecção ECONOMIA & FINANÇAS — 320 pp., 95$00

Comédia de um homem só

por Vergílio Ferreira

A insuficiência dos seus métodos verificámo-la logo no seu tipo de argumentação. Decerto o seu referido dogmatismo (de que um Althusser sugere não gostar) explica já muito. Mas não explicará, então, pelo menos, o facto de justamente *querer explicar*. (E não venha ele com a informação de que toda a ideia assumida é por força «dogmática», mesmo citando pessoas que me são caras e de cujo pensamento dogmàticamente abusa. Porque um dogma não é uma «verdade existencial»; e não há, pois, dogma, como o entendemos, quando estamos convencidos: há-o apenas quando por força exigimos que o estejam também os outros). Ora como é que o excelente P. Coelho explica, por exemplo, o materialismo dos seus autores? Ele admitiu que eu o pusera em causa, pensando em Foucault, que era quem mais me importava. E, muito sério, responde a isto, depois de se espantar com a minha «grande ignorância», esta coisa lúcida e democrática e é que os autores tais e tais eram materialistas *porque disseram sê-lo!* Paremos e tomemos fôlego. Mas então o soberano mestre para quem julga que está a falar? Então ele não vê que isto não se faz? Suporá ele que, por ser dogmático, temos de aceitar-lhe a dogmatice? Pois isto é lá argumento que se dê, mesmo a débeis mentais? Com frequência, aliás (e tenho boas razões) venho eu dizendo que sou materialista, e ele ainda não acreditou. Como quer que eu o acredite? E é o que, de algum modo, sobretudo, me intriga: que ele tenha o génio fácil para o materialismo dos outros e o tenha tão difícil para o meu.

Mas há mais. Um deles (Foucault), que, na minha «grande ignorância», *não sabia* que era materialista, progressista e tudo o mais que se exige para um bom *corriculum*, explica assim o seu materialismo: «Eu sou materialista porque nego a realidade». Assim mesmo, sem mais satisfações. Mas então o bom do mestre em que mundo julga que vive? Porque uma coisa dita assim é de nos pôr doidos. Aqui há 60 anos porque Berkeley se recusava «a reconhecer a existência dos objectos fora da consciência», Lénine zangou-se muito e carimbou-o de «idealista»,; hoje, porque Foulcault se recusa a reconhecer a existência da «realidade», é para o nosso E. P. Coelho um «materialista». Althusser, com toda a concessão ás doutrinas em voga, ainda diz assim: «Para nós (...) o real é o objecto real que existe independentemente do seu conhecimento». E a gente entende Se Foucault é materialista pelas mesmas razões porque Berkeley o não era, o estrito dever de um ser pensante e que ama a comunidade é explicar. Porque eu, mesmo que es admire, entendo Foucault. Mas não o entendo a ele, como outros, nem a ele nem a Foucault. Mas quê? Se o remexido moço anda há uma vida a pregar Estruturalismo *e ainda não disse absolutamente nada de esclarecedor sobre ele...* Porque há muita gente já de papel e lápis na mão á espera. Seria amável, pois, explicar o que é isso de Estruturalismo, que é que significa na conjuntura cultural moderna, o que é que significa ai, por exemplo, a famosa «liberdade» (de que a singular criatura nos fala num texto curioso a que adiante aludirei), que caminhos abre (ou fecha) para a multiplicidade dos problemas humanos, ou, se prefere, «ditos humanos» — que é a grande razão dos ralhos mútuos que vão pela França — que é que ele continua ou com que é que ele rompe e porquê, a que factos corresponde, e, se é possível, em linguagem do nosso progressismo caseiro, *superestruturalmente* — que sei eu? — Porque isto é que importa entender e não papaguear um saber de retalhista, como os garotos que conhecem todas as marcas dos carros, mas não fazem a mínima ideia do que seja um automóvel. Admito que nem tudo esteja já no seu

caderno de encargos. Mas seja amável e faça um esforço. Há que ter paciência com os retardados que já endureceram no vício de pensar. Deslumbrar o simpático basbaque com citações é bonito e, até, talvez, filantrópico. Mas, e nós? Porque nós queremos que ele articule duas ideias *na sua própria cabeça*. E é porque Eduardo Prado Coelho se não dá á maçada de o fazer, que um seu artigo, quando é mesmo seu, se não parece nunca, de facto, com um artigo, mas, deploràvelmente, e sempre, com uma loja de adelo.

Mas há mais. Para demonstrar a minha ignorância «delirante» de Freud e anexos, além de discutir com infinito gáudio, tão saudável de juventude, algumas frases minhas sobre o «inconsciente», e a que adiante farei referência, aduz esta prova verdadeiramente espectacular: conclui-se pela evidência que eu não li Freud, porque justamente é muito raro citá-lo. Ora, mesmo que pese á sua perspicácia, a verdade é que eu jamais citei «O Século», e leio-o todos os dias.

Mas, no alvoroço com que desarvora a bradar a minha ignorância, e, de passagem, os meus pecados (que me levariam á cadeia, pensa ele, se houvesse decência no mundo), o irrequieto estruturalista *chega mesmo a mentir*. Pois não descobre ele que o meu escrito sobre Foucault visava obsessivamente a perseguir o saudoso neo-realismo? Pois bem: por muito que me doa, não há, nas dezenas de páginas desse meu escrito, *a mínima referência* ao que ele classifica justamente de «fantasma». E isto, entre outras razões, pela simples e categórica razão de eu não acreditar em almas do outro mundo. (Que o meu velho e querido àmigo — e discordante amigo — Mário Sacramento me perdoe, mas também não acredito em reincarnações). Declarou, em tempos, o moço, com a deliciosa embófia tão sua característica, que se lhe permitiam, quanto aos bons costumes do Estruturalismo por enquanto respondia ele. E nós podemos, por isso, considerar aquela ligeira mentira como um mero cacarejo para efeitos de capoeira... Mas então dissesse-o. Assim, todas as conclusões me é possível tirar do seu leviano desmando. Pelo que posso admitir que, em primeiro lugar, o que ele pretendia era amarrar-me aos trabalhos forçados de uma má reputação pública de que alguns, de vez em quando, pretendem libertar-me. Coisa que, aliás, com certa frequência se repete: quando alguém, como a Atena das *Euménides*, está disposto a perdoar-me, sai logo do lado um carrasco inflexível para me reconduzir aos rigores da Lei. Foi o que aconteceu há tempos com Augusto Abelaira, logo repreendido severamente por um mantenedor da Ordem; e foi o que aconteceu há pouco com Mário Sacramento, logo verberado pelo nosso intransigente dogmático. Mas a principal razão suponho que não é essa. Ela vem de que o nosso homem se julga fadado pelo destino para as grandes responsabilidades de chefe de fila — lugar, porém, infelizmente, bastante procurado. Mas como fila que valha a pena em Portugal entende ele que só a do neo-realismo — não hesitou. Acontece, todavia, que para se ser jovem, admite ele que tem de se ser moderno. E, assim, o problema se lhe complicou. Porque ele tinha de ser *diferente* (que é um valor estruturalista) sem descuidar-se no arranjo da clientela; ele tinha de ser moderno, sem deixar de ser arcaico. Daí a pitoresca alcoviteirice em que ele andou para um conúbio entre o neo-realismo e o Estruturalismo; daí o desejo de li-

Antecedentes e tendências

da análise literária

por David Mourão-Ferreira

Comecemos por distinguir entre dois sentidos da expressão «análise literária»: em sentido restrito será a decomposição de um texto nas partes que o constituem, a fim de promover e facilitar a sua melhor compreensão; em sentido mais amplo, tratar-se-á da tarefa de proceder ao exame anatómico de uma obra ou de um género, procurando separar e classificar os respectivos elementos estruturais. Na primeira acepção, a análise literária terá tido a sua remota origem na actividade dos rapsodos, os quais — como no-lo testemunha o desgraçado Ion, do diálogo platónico — não se limitavam a recitar os textos poéticos (sobretudo de Homero) mas empenhavam-se também em interpretá-los (devendo «conhecer a fundo o pensamento» dos poetas e «não apenas os seus versos», diz Platão) — e, muito provàvelmente, teriam de decompor esses textos em fragmentos mais apreensíveis. Era já «análise», portanto. Paralelamente, um dos quatro aspectos fundamentais do ensino dos sofistas (a «crítica dos poetas») basear-se-ia em rudimentares procedimentos de análise literária assim considerada e implicaria mesmo o recurso a pormenores de gramática e de versificação: assistir-se-ia, inclusivamente, a autênticas batalhas filológicas, bastante semelhantes, com certeza, àquela que Aristófanes satiriza em *As Rãs*. De qualquer modo, é sem dúvida mais tarde, no ambiente cultural de Alexandria, que a técnica da análise literária atinge o apogeu. Daí se transmite, depois, através do influxo da táctica discriminadora da retórica latina e de mistura com a tradição hermenêutica, aperfeiçoada pelos grandes Padres da Igreja, ao sistema educacional da Idade Média: duas das «artes» do *trivium* são, não o esqueçamos, a gramática e a retórica. Nesse embrião do ensino médio, converte-se, por conseguinte, a análise dos textos naquilo que há de mais *trivial*... Hoje em dia, á parte o caso da estilística germano-hispânica de mais largos voos, é ainda no domínio francês da «explication de textes», pedagògicamente modelar nesse grau de ensino, que a «análise literária» se encontra *medianamente* representada.

Em contrapartida, já outro tanto não acontece com a análise literária em sentido mais amplo, a qual se tem principalmente desenvolvido nos meios universitários, ou sob a sua directa influência. Na Antiguidade, depara-se-nos o mais venerável padrão deste tipo de análise na *Poética* de Aristóteles, onde se procede justamente à anatomia de dois géneros — a tragédia e a epopeia —, com a discriminação das partes «qualitativas» e «quantitativas» que os constituem. Embora a um nível mais restrito — o da simples consideração de obras concretas —, também o tratado *Do Sublime*, durante muito tempo atribuído a Longinus, nos oferecerá, cerca de quatro séculos depois, exemplos da mesma tendência. Entre ambos, a *Ars Poética*, de Horácio, constitui um marco de fundamental importância: de forma significativa se manifesta, igualmente aí, o pendor analítico. Em todo o largo período que vai, aliás, desde Aristóteles a Boileau — pràticamente dois mil anos —, período no fim de contas tão mal conhecido e tão fracturado de longos hiatos na história da crítica (mas cujos aspectos essenciais foram, há meia dúzia de anos, magistralmente sintetizados por Ladislas Tatarkiewicz) em todo esse largo período, repito, se há tradições que efectivamente se mantenham são, no plano do ensino médio, a análise *microscópica* de textos e, a um nível superior, a análise *macroscópica* das obras e dos géneros. Mais modernamente, verifica-se, depois do romantismo, o total eclipse de Horácio e das suas filáucias normativas; mas boa parte da recente «literary scholarship» orienta-se ainda, no que toca à análise das obras e dos géneros, sob a égide de Aristóteles e do pseudo-Longinus, além de recorrer, evidentemente, à terminologia elaborada pela retórica e, mais em particular, à fixada por Quintiliano.

De entre as tendências contemporâneas da análise literária, não poderemos senão enumerar, muito de passagem, em diversas províncias culturais, as obras de Wolfgang Kaiser, de Raul Castagnino, de Guy Michaud, de Y. A. Richards, da «escola de Chicago», dos «formalistas russos» — e isto, apenas, para sublinhar o seguinte ponto: a falência destas e de outras correntes na medida em que tenderam para a «close reading». Com efeito, a «leitura fechada» de uma obra literária, se por algum tempo pareceu um processo ideal (constituiu, sem dúvida, reacção salutar contra o despotismo dos processos «extrínsecos»), a breve trecho veio, todavia, revelar-se inadequada e empobrecedora da real complexidade do artefacto literário. «Essa tentativa para isolar a obra de arte e tratá-la como uma coisa *per se*», observaria Helen Gardner, «menospreza a natureza da arte, e faz da crítica uma forma especial de actividade, divorciada dos nossos hábitos normais como leitores». Em compensação, parecem-me fecundíssimas (porque muito mais englobantes) as concepções de um Roman Ingarden e, posteriormente, de um Northrop Frye.

Como se sabe, Roman Ingarden propôs, em 1931, num trabalho intitulado *Das Literaris-*

Uma vez mais Platão
— Museu de Nápoles —

sonjear os eleitores, para a sua promoção, no ataque afogueado que me moveu; e daí, enfim, que ele tratasse de arrolar no Estruturalismo, e sem pedir contas a ninguém, quanto escritor lhe passasse á mão, e ele julgasse viável pela aparência de bons costumes. Donde uma linda mixórdia. Mas acabou-se: por muito que me pese e que lhe pese, não fiz referência alguma ao neo-realismo — e julgo, mesmo, improvável que jamais venha a fazê-la, por divertida que seja uma mesa de pé-de-galo. O neo-realismo — estou já rouco de o proclamar — *existiu*, realmente, para a cultura portuguesa; mas é ler, por exemplo, de Pierre Daix (um cristão-novo, aliás, do Estruturalismo) *Nouvelle critique et art moderne*, para se saber que ele já não pertence ao número dos vivos. E não é mantendo o rótulo de um frasco, que se garante a fidelidade do líquido que se mudou.

Mas, na sua precipitação, E. P. Coelho cai, mesmo, em saborosas infantilidades. Derrida declara que a metafísica ontológica de Heidegger é a principal presença no Estruturalismo (sem o exceptuar a ele, P. Coelho, estruturalista autóctone); eu acreditei, e disse, que a metafísica de Heidegger é uma presença importante no Estruturalismo. E ele, estouvado doutor, diz que eu sou nisso «perfeitamente absurdo e ridículo». Porquê? Pois só porque entre a leitura de uma afirmação e de outra pensou ele a sua prosa e, entretanto, teve uma amnésia.

É fácil, assim, entender como é que E. P. Coelho deixou intactas *todas as minhas ob-*

Heidegger, «uma metafísica importante»

jecções. Se lhe passo um argumento e não tem á mão duas fichas para o segurar, larga-o logo de mão a arder. Não, porém, sem exibir o seu sorriso amarelo e tècnicamente superior. Eu aduzi, por exemplo, o argumento — que julgo irrespondível, embora o não explorasse — de que afirmar a realidade de um «Sistema» é estar já implicado num Sistema que isso exija. E que responde o chefe de fila? Pois o chefe de fila responde que o argumento é, realmente, «um achado» — mas eu que venha de outra vez. Eu frisei, por exemplo, que Lévi-Strauss nega as bases da *Dialéctica* de Sartre, que o nosso mestre considera «genial». Ora, basta saber que isto traz perturbação aos espíritos (e é ler o art.º de L. Seve, em *La Pensée*, que dedica todo o n.º 135 ao Estruturalismo, e ao qual E. P. C. *jamais se re-*

fere) para se ver que Eduardo Prado Coelho devia ser mais cordial. Tanto mais que ele já em tempos chalaceou com a jigajoga da *tese, antítese* e *síntese*. Temos, pois, que o nosso estruturalista acha genial a *Dialéctica* de Sartre, da qual Lévi-Strauss diz que precisa da razão analítica para funcionar, o qual Lévi-Strauss é mestre do nosso mestre, o qual nos está passando, assim, a todos um lindo conto do vigário. Também eu insistira um pouco no que há de surpreendente na aproximação de uma doutrina que se pretende saudável — e a teorização de Heidegger que é metafísica e reaccionária. Acontece, mais, que alguns estruturalistas, como Lacan, dão palmadas ligeiras a Marx, porque estão com pressa («Não é que não haja nada a reter dos diferentes sentidos descobertos na marcha geral da História (até) Karl Marx»...) mas levantam Heidegger á lua mais a sua tenebrosa metafísica (ver o que citei). Que responde a isto o nosso irritadico jovem? O nosso irritadiço jovem, no fim de contas, diz que está acima da lua e dessas miseráveis questões. Ou seja: Heidegger, pensa ele, não funciona ortodoxamente em todos os estruturalistas; logo, não significa nada. A «metafísica» é expressamente para ele uma vergonha — e é por isso que se não resigna com a minha existência. Mas para Lacan não o é; e é exactamente a sórdida metafísica heideggeriana que lubrifica o Sistema de Foucault, que é materialista porque «nega a realidade». Deve, pois haver uma metafísica de 1.ª e outra de 2.ª. A de 2.ª é a minha. Mas onde então o processo de as distinguir, para sabermos quando faz mal á saúde? Ou pensa ele que a manipulação de Derrida altera o problema? O que era interessante é que Derrida *nada tivesse de decisivo a ver com Heidegger*. Não nos escandalizaríamos com os ralhos de russos, chineses e cubanos, se nada tivessem entre si; como não há surpresa alguma quando a coisa é entre Fidel e americanos. (Se bem que, numa hipótese arrepiante de L. Sebag, um historiador futuro que ignorasse o passado da U. R. S. S. e dos E. U. A. os poderia julgar «variantes» do mesmo «sistema»). Há pouco Heidegger em Lacan, diz o jovem P. Coelho (mas não vou repetir-me) o qual P. Coelho veste farda nova a Derrida e passa de ar altaneiro ao lado de Foucault, que é o grande desmancha-prazeres de tudo isto. Mas como diabo há Heidegger no Sistema de Foucault, o há por antecipacão em Freud, e não há possibilidade de descocrir uma sombra sequer dele no mundo de Lévi-Strauss? Só porque ele o recusa? Mas acabou-se: é uma tolice imaginar uma sombra de parentesco entre o Ser e o ente heideggerianos e a estrutura dos mitos ou a relação Natureza/Cultura em Lévi-Strauss, por muito que desvalorize essa relação oposicional. (Cf. a propósito o que nos diz Derrida sobre as duas interpretações, inconciliáveis, mas de possível simultaneidade, da «estrutura, do sinal e do jogo» em *L'Écriture*, p. 427). Que se passa, porém, com Derrida?

O nosso E. P. Coelho saiu, como é seu uso, com um cesto no braço para a prosa de Derrida, a fim de colher citações. E que é que trouxe? A grande obsessão de P. Coelho é que o não apanhemos em más companhias, para não estragar a carreira. Ora Heidegger está cheio de nódoas de mau comportamento. O seu objectivo, portanto, é pôr o suspeito nazi fora de jogo. E, assim, da colheita que trouxe, julgava ele, o ingénuo, que só trazia flores de Derrida — considerando-as com direito a serem aromáticas. Mas o ramalhete que compôs tem só esta flor: o Ser é determinado no ente. Ora, isto, com a intromissão da «diferença», que é uma sua palavra mágica, não é de Derrida — *é de Heidegger*; e não tira isso absolutamente nada á sua indeterminabilidade, como (infelizmente) ao que eu conside-

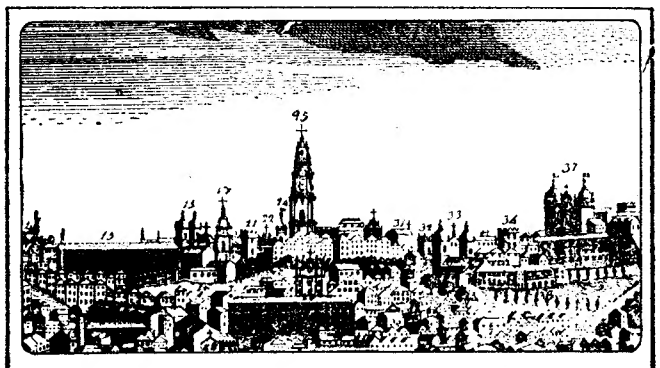
(Continua na página seguinte)

che Kuntswerk, a concepção da obra literária como uma totalidade, mas totalidade constituída por diferentes estratos: «sonoro», «de setido», «do mundo», «do ponto de vista», «das qualidades metafísicas». É, como se vê, uma concepção que apresenta a grande virtude de pôr em relevo a *espessura* da obra literária; antolha-se-me, contudo, um tanto rígida, na medida em que impõe, á análise, um caminho progressivo do primeiro para o último estrato — em que lhe dá, em suma, um programa pré-estabelecido, e fixo em todos as circunstancias para a acção interpretativa. Ora o certo é que nem todas as obras necessáriamente nos cativam, ou nos dominam, em primeiro lugar, pelo estrato da «sonoridade», e só depois pelo do «sentido», etc. Seja como for, o elenco dos «estratos», apresentado por Roman Ingarden, tem a grande vantagem de nos chamar a atenção para a coexistência, no organismo interno da obra, de vários aspectos que, só em funcão das leis próprias desse mesmo organismo, hão-de ser apreendidos e analisados.

Nada tem directamente a ver com esta concepção estrutural da obra literária, o «credo» crítico, publicado vinte anos depois (em 1951), por Northrop Frye, na *Kenyon Review*. Aí, tal como o desenvolveria, já noutra perspectiva, seis anos mais tarde, na «introdução polémica» e nos quatro ensaios da *Anatomy of Criticism*, Frye empenha-se sobretudo no propósito de integrar a crítica «entre as outras ciências sociais». A interpretação de uma obra deverá assim partir, como que em espiral, da análise do texto para considerações cada vez mais largas — que nunca hão-de perder o contacto, no entanto, com a concreta realidade do texto. Seis diferentes especialistas literários terão, deste modo, segundo Northrop Frye, de encarar, sucessivamente, a obra literária: 1.º — o editor (entenda-se: o editor crítico, o organizador da edição crítica, que nos apresenta um texto digno de confiança); 2.º — o filólogo e retoricista; 3.º — o psicólogo literário; 4.º — o historiador social da literatura; 5.º — o filósofo e historiador das ideias; 6.º — finalmente, o antropologista literário. Deixemos, por agora, o primeiro caso (o do «editor crítico») que é, aliás, importantíssimo e sobre o qual muito há que dizer. Dos outros cinco, bom é que existam em separado e excelente seria que trabalhassem em «équipe». Demais sabemos todos, no entanto, como esta forma de actividade se mostra contrária á nossa índole. Por outro lado, é chegado o momento de «tentarmos», como diz Roger Caillois, «a oportunidade das ciências diagonais» ou, como referem outros autores, as «ciências interdisciplinares». Assim, atrevo-me a sugerir, a quem sinta a vocação da variedade e do universal, o esforço para *integrar*, nas suas tarefas críticas, o maior número possível dos domínios atribuídos a cada um daqueles especialistas por Northrop Frye. Com isto, aludo já, como se vê, ao terceiro requisito anteriormente formulado: o de se recorrer, para voltar a usar a expressão de Stanley Edgar Hyman, ao tal «uso organizado de técnicas e de conhecimentos não literários para obter o íntimo discernimento da própria literatura». Só desse modo realizaremos uma crítica fundamentada, cujo acento tónico se coloque, como desde já se depreende, na *compreensão* e na *interpretação* das obras, na *análise* em suma. E só daí decorrerá — *síntese inevitável* — o juízo que se profira ou que implicitamente se subentenda.

ERRATA: No meu artigo anterior (*Crítica da Literatura e Análise da Obra Literária*) verificou-se a falta de uma linha que tornou incompreensível o fim do 3.º parágrafo, ao alto da 3.ª coluna. Assim, depois da 1.ª linha dessa coluna, devem intercalar-se as seguintes palavras: «impedir-nos-á, por exemplo, de».

a) *David Mourão-Ferreira*



DAQUI HOUVE NOME PORTUGAL

ANTOLOGIA E PREFÁCIO DE EUGÉNIO DE ANDRADE
SELECÇÃO ARTÍSTICA E ARRANJO GRÁFICO DE ARMANDO ALVES

Será uma edição literária e artística à altura do evento que se comemora em Junho deste ano — os mil e cem anos do nascimento do Porto — e simultâneamente uma homenagem da EDITORIAL INOVA à cidade «onde se editou a primeira Gazeta Literária no século XVIII, onde Herculano publicou o primeiro manifesto literário do Romantismo, onde Soares dos Passos, Camilo, Júlio Dinis e Ramalho se lançaram como escritores, onde Oliveira Martins recebeu inspiração para a «Vida Nova», onde António Nobre e Raul Brandão deram a feição mais nacional ao Simbolismo e onde se radicou o movimento da «Renascença Portuguesa», e ainda sobretudo uma homenagem ao burgo austero que tem sabido conservar, desde o fundo dos séculos, inalterável na hombridade, a «masculina música das palavras sem vileza» de Domingos Peres das Eiras, um comerciante e «bom cidadão» ao tempo do Mestre de Avis.

TEXTOS DE FERNÃO LOPES, ZURARA, CAMÕES, GARRETT, HERCULANO, CAMILO, RAMALHO ORTIGÃO, JÚLIO DINIS, OLIVEIRA MARTINS, EÇA, FIALHO, TEIXEIRA GOMES, ANTÓNIO NOBRE, RAUL BRANDÃO, TEIXEIRA DE PASCOAES, JAIME CORTESÃO, AQUILINO E MUITOS OUTROS NOMES DOS MAIS NOTÁVEIS DA NOSSA HISTÓRIA LITERÁRIA.

Para receber, sem qualquer compromisso, o artístico folheto exemplificativo do nível excepcional desta edição, que se publicará em Junho, bastará preencher, recortar e enviar-nos o cupão abaixo. Se tiver alguma pessoa amiga no Ultramar ou no estrangeiro a quem suponha poder interessar receber este folheto, agradecemos a amabilidade de nos indicar também o seu nome e endereço.

NOME: .....
ENDEREÇO: .....
NOME: .....
ENDEREÇO: .....

EDITORIAL INOVA LIMITADA

PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38, 2.º PORTO

Comédia de um homem só

(Continuação da página anterior)

ro, em certos casos, uma flagrante hipóstase do mesmo Ser. Tal determinação *em Heidegger*, Derrida a diz, no estudo sobre Lévinas, até ficar esfalfado, citando, mesmo, em nota, passos comprovativos da *Carta sobre o humanismo*. E que isto é assim, prova-o, se o nosso mestre quiser, o próprio Michel Henry, que põe, de facto, o acento *noutra coisa*, mas não diz, neste caso, coisa diferente (a pp. 44, 127 e *passim* do Vol. I da sua obra); e se o inflexível P. Coelho exige a palavrinha mágica, por julgá-la necessária como numa benzedura, lá a tem a p. 134.

Mas que é que limita Derrida a Heidegger? O que ele limita (se limita, como veremos) — na esteira de Foucault e da linguística — é apenas isto: o ser é discurso, ou, mais precisamente, «escrita» (num sentido originário). Mas Derrida, no seu puritanismo radical, chega a negar a distinção significante/significado, mesmo para lá da união necessária saussuriana. Mas que ele não larga Heidegger de um passo, prova-o o facto de tentar anexá-lo, frisando as suas hesitações, para lhe interpretar o Ser, não, porém, como anterior ou distinto do que o diz, e considerando, mesmo, a distinção Ser/ente como uma distinção segunda em face de uma dimensão originária (que não é *origem*). Mas disto é que o meu inquisidor não diz palavra, limitando-se a despejar citações sem nexo. Não é a altura de discutir Derrida. Que o Ser, porém, seja *hoje* a «palavra» em que se enuncia, não tem isso que ver com o seu destino, *mas com o nosso*, como no meu prefácio declarei. Mas que se faça de uma trágica contingência histórica — que é, de facto, o *não termo que dizer* — o rigor de uma filosofia com a redução a tal «palavra» de todo o mundo e de toda a vida, pergunto-me se não é isso a mais reaccionária de quantas metafísicas aconteceram no Ocidente. É essa a metafísica de Derrida e por mimetismo inconsciente e de Eduardo Prato Coelho que quer á viva força ser moderno e progressista, contando para isso com a parolice dos outros.

Mas há mais e não sei se pior (pior?) — para a limpeza de costumes e a carreira que E. P. Coelho para si fantasiou: é que o pensamento do Ser é pensamento do sagrado, o qual, naturalmente, se não deixa *positivar* — e assim o timbre religioso que anotei para Heidegger, o próprio Derrida o assinala. E isto sem um protesto de Derrida, que só protesta, no mesmo estudo, porque a propósito de certa questão há quem julgue Heidegger um reaccionário... Azar para o nosso agnóstico (que, aliás, como adiante mostrarei, cai na cilada de definir a arte, precisamente como «memória do sagrado»). Mas há mais. O racionalismo de Derrida tem os seus apertos, como quando pretende salvar-se fora do Logos (*L'Écriture*, p. 187) e há para ele uma expressão impensável que assinala «os limites da razão em geral» (p. 192) — o que ele não denuncia, e o nosso recionalista deveria ter-nos já denunciado como heresia hedionda. Um conhecimento, porém, de Heidegger, exige de um pedagogo que se entretém a chamar ignorantes aos outros, uma leitura *em primeira mão*. Bem sei que é enfadonho. Mas não há outro remédio, se sobre ele se pretende perorar.

Quanto ao «materialismo» atribuído por Lévinas a Heidegger, e com que E. P. Coelho julgava possível brilhar em sociedade, será prudente desistir. Tal materialismo resulta de uma pretensa identificação do pretenso «neutro» do Ser heideggeriano que neutralizaria o «outro como ente», com o «universal anónimo», a «tirania do estado», sendo o materialismo identificado por ele com o «primado reconhecido ao neutro». O que para um materialista não deve ser muito simpático. Fazer figura, pois, com isto na sociedade, só numa sociedade em que ele costumará fazer figura.

Donde, portanto, as conclusões de que, em primeiro lugar, Derrida não tem «*pràticamente*» nada que ver com Heidegger; e, em segundo lugar — o que era óbvio — que foi uma tolice minha querer alcançar esta verdade transcendente, só ao alcance dele, Eduardo Prado Coelho, que tem o braço mais comprido do que eu...

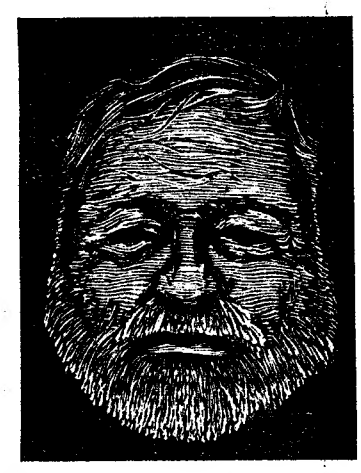
VERGÍLIO FERREIRA

A seguir:
III — AS QUESTÕES (a)

COFRES-MEALHEIROS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Mr. Papa



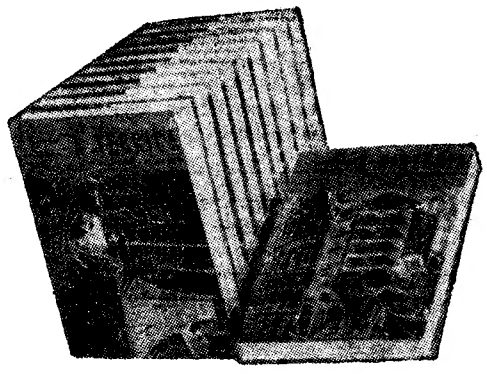
Hemingway (na intimidade, Mr. Papa) deixou uma série importante de inéditos que têm sido aguardados com compreensível ansiedade e dos quais acaba de sair uma parte sob o título *By Line* (à letra, *assinado por: Ernest Hemingway*).

Editado pela casa Scribner's, o volume compõe-se de 77 textos, alguns deles verdadeiramente inéditos, outros dispersos por jornais e magazines. William White, professor da Wayne University, orientou a estrutura da edição que contem artigos de juventude (colaboração no *Toronto Star* quando o escritor, aos vinte anos, fazia a sua aprendizagem de jornalista depois de ter sido redactor do jornal universitário *Trapeze*), reportagens internacionais (Hemingway ao entrevistar Mussolini no início da carreira do Duce foi profético nas afirmações), descrições de guerra, narrativas de caça, textos sobre teoria literária, etc.

By Line, «best seller» de livraria, é um valioso elemento literário de Hemingway e permite seguir o roteiro do escritor depois da sua expatriação. A qualidade e o ofício de prosador são nesta ordenação de textos postos em evidência na sua evolução que nos *Conselhos a Um Jovem*, preveniu que «a capacidade verbal» não chega para fazer um bom livro».

Acabam de sair mais dois volumes da conhecida **ENCICLOPÉDIA**

O MUNDO DO HOMEM



A NATUREZA

— Um documento fundamental para o conhecimento da história da Terra e da Vida.

362 págs. e centenas de ilustrações a preto e a cor—380$

A CIÊNCIA

— Uma obra particularmente apaixonante onde se reunem as três grandes ciências do século: a química, a física, a astronomia.

368 págs. e centenas de ilustrações a preto e a cor—380$

OUTROS VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

A HISTÓRIA • A TÉCNICA
A SOCIOLOGIA

Preço de cada volume 380$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Sede: Apartado 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.°
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.°

Garret: 145 anos para publicar um poema

Destino bem singular foi o deste poema de Almeida Garrett, agora vindo a lume, na Portugália Editora, mercê das diligências de Augusto da Costa Dias. «Levou uns quinze, vinte dias a escrever e cento e quarenta e cinco anos a vir à luz em letra de forma, o que prova que certas gestações editoriais portuguesas, são para glória nossa, as mais lentas e trabalhosas de toda a criação».

«O Roubo das Sabinas» foi escrito por Garrett, numa convalescença de moléstia grave, acabado no Porto, em 2 de Novembro de 1820. Vem a lume agora, neste mês de Maio de 1968, quando a figura e a obra do autor das «Viagens na Minha Terra», do «Camões» e do «Retrato de Vénus» torna a avultar grandemente na evocação literária e mental portuguesa. O artista requintado que foi Garrett, sempre em busca de harmonia, foi também dos mais firmes liberais, daqueles que não hesitaram nem diante da prisão

Diálogo inútil? Oh, não!

(Continuação da 8.ª página)

mente, determinam as opções do escritor e se reflectem nas suas obras. Estes dois registos não são obrigatòriamente sincrónicos nem diacrónicos. Cotudo, há entre ambos correspondências, relações de tempo e de lugar, de estrutura económica e mental. E tais relações importam». Inteiramente de acordo. Logo, conforme também a que «o combate ideológico, no domínio da arte, da crítica, das ciências humanas constitui força poderosa», desde que obsorva «o sentido das realidades objectivas, as relações intersubjectivas que influem na conceptualização do real» e não ignore «a situação concreta das classes, a marcha da sociedade global». Combate *ideológico*, sublinho. E sublinho porque a verdadeira dificuldade está em sabermos o que é ideologia, não do escritor, mas da obra de arte (caso particular, mas é o que nesta secção me ocupa) e como isolá-la ou circunscrevê-la nela. A questão é relativamente simples se se trata de um escrito teórico. Mas a obra de arte é outra coisa —, ou não? A sua especificidade é inegável. E, perante isso, como aceitar a afirmação de que «entre um e outro discurso (o histórico e o artístico) a diferença não me parece irredutível»? Quem operou, até hoje, tal redução? Ninguém, que eu saiba. Logo, é.

SE o diálogo não é inutil (oh não, não é!), sê-lo-ia se fosse de surdos. E reduzir a obra de arte á ideologia é uma cegueira equiparável á de Castilho, só que de sinal inverso. Uma conversa, portanto, que fala *de outra coisa*. Bem sei que o lobo diz na fábula: se não foste tu, foi o teu pai. O pai, no caso é o escritor. Mas se é da *obra* que tratamos, há que distingui-la do pai, se não queremos ser lobos. Ora isso só se pode fazer no concreto de cada caso, como é clássico exemplificar com o de Balzac.

Alberto Ferreira cumpriu o seu itinerário ensaístico, se bem me lembro, sem cair nunca no erro que esta reflexão intenta prevenir ou remediar. Também se peca, todavia, por omissão. E, se é certo — como diz — que «não existe acordo sobre o que se entende por especificidade artística e sobre o que caracteriza o domínio estético», não é menos verdade que não basta admitir, *por hipótese*, a redução do artístico ao histórico: — ou isso se demonstra e faz, ou então a hipótese justa é precisamente a que admita o contrário.

Arrumado esse ponto, estamos de novo de acordo em que também há criação no ensaísmo e na crítica: «sobre ser historiador, crítico, esteta, ou sociólogo, o intérprete é escritor. Há pois uma outra forma autónoma de criação literária, e esa forma é simultâneamente estética e crítica. Eis-nos em face de uma diferença correlativa da que primeiramente assinalámos». É a conclusão justa, em teoria. E que só o exame da realização produzida permite avaliar, pois assim como não basta rotular um livro de romance para que ele o seja, assim um ensaio ou uma crítica só serão o que pretendem ser se tiverem sabido fazer uso de tal autonomia, uma vez que todas as autonomias são relativas. Ora essa relatividade é tão difícil de equilibrar-se, que Alberto Ferreira involuntàriamente se contradiz num virar de página. Lê-se, na XIX: «A crítica estética funciona dentro da obra e subsume a exterioridade»; e, na XX: «Esvai-se de sentido uma obra reduzida a si própria». Não tem, então, sentido a crítica estética? Eis o nevoeiro em que andamos a patinar há longos anos. Se o fenómeno estético é um reflexo específico do real, contém este. Logo, a crítica estética, se deveras o é, contém-no igualmente. Não se confina a um exame de sinais, como não por acaso comecei por impugnar: pesquisa e desenvolve as suas significações, não de uma forma passiva (que, por definição, é impossível), mas de uma forma activa, uma vez que o leitor, o intérprete, o crítico é um homem tão situado como a própria obra. Só pela subestimação ou degradação do que seja a estética se pode, pois, fazer dela uma disciplina estanque, quando é, afinal, a mais lata de todas. O reflexo estético é *totalizador:* quem não o apreenda como tal, claudica. Ou não sabe vê-lo.

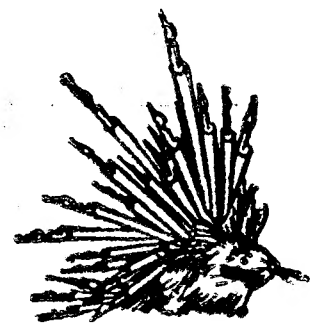
DEBATIDA esta questão prévia, fica tudo por dizer, afinal! Minguado é o espaço que aqui me cabe, acanhadas são as minhas disponibilidades de tempo, limitadíssima é a minha preparação para obra do tomo que esta tem! Caso é, todavia, que não poderemos sair de limites que tais enquanto não dispusermos de uma revista mensal ou trimestral de crítica propriamente dita, que organizadamente enfeixe o que andamos a balbuciar como muito bem podemos e nos deixam. De qualquer modo, mais vale pouco do que nada. E o importante é marcar, claramente, que este livro é uma leitura indispensável, seja para quem for. Já li, algures, que dizer isto é praticar um critério de consumo que ecoa os tempos em que vivemos. É possível que sim, mas não lhe conheço alternativa. Aliás, quem consome obras como esta prepara-se para produzir algo que modificará esse *statu quo*. O mais importante é que aprenda os antagonismos que Alberto Ferreira escalpeliza com lucidez admirável. Pode discutir-se a propriedade com que chama «classe» ao agrupamento tal ou tal? Pode, e eu próprio já o fiz, na recensão anterior. Mas que importancia terá isso, no contexto geral das lutas travadas e, sobretudo, no da consciencialização do que delas repercute ainda em nossos dias? Quase nenhuma, decerto, salvo se fosse possível tirar ilações uteis da hipótese que aventei: a de que o nosso século XIX não operou uma unica revolução, mas sim um reformismo *en relais* e precário.

O mais importante é *ver*, em qualquer caso, que a polémica de 65-66 conduziu a «uma nova configuração artística da realidade», como Alberto Ferreira diz. O embate desmentalizou largos sectores de opinião, preparando-os para uma recuperação e reestruturação cujo processo não só chega até nós, como nos ultrapassa. Por outro lado, o insuficiente apoio de base promove uma «hipertrofia das ideologais», como também reconhece, que ainda hoje é notória. No «microcosmo semifeudalizado», o que os caixotes de livros importados em 70, 90, 10, 30, 40, 50, 60, trazem mais parece um passatempo de minoritários que outra coisa. E, todavia, vai abrindo o seu sulco, vai repercutindo dolorosamente no corpo inerte e evasivo. A oscilação «entre a angustia de ser e a angustia de agir» refaz incessantemente a elegia sebástica. Mas sem que um só momento caia no charco, para ser carcomido de ferrugem, o machado que de geração em geração vai passando.

Insuperados, os antagonismos arrastam-se, corrompem-se, entorpecem-se. Os intelectuais fecham-se em clãs. O esteticismo amaneira, volta e meia, o estético autêntico. Como em claustro de convento, os *clercs* «experimentam o sentimento de uma continuidade histórica ininterrupta» (v. atrás), envoltos embora em hábitos seculares ou profanos que padroeiros diversos afreguesam: «em Portugal sempre houve uma tendência para subdividir a arte em escolas — o que prova, de resto, uma literatura de gramáticos e teóricos» (Eça de Queirós). Face a este pluralismo de semantemas, que opção pode haver que não seja a que, á maneira de 20, tenda a unir o que é progressivo? Também com tonéis podem fazer-se barragens —, se há mãos de homens para isso.

MÁRIO SACRAMENTO

* *Bom Senso e Bom Gosto*, textos integrais da polémica, recolhidos e anotados por Maria José Marinho e prefaciados por Alberto Ferreira, vol. II (Portugália).



Erudição e arquivo

A SEREIA, um dos romances de Camilo Castelo Branco que mais se popularizou e que «pertence ao ciclo das novelas camilianas de amor de perdição», saiu agora em sexta edição com uma nota preliminar de Castelo Branco Chaves. O texto foi fixado, conforme a 1.ª edição, por Fernanda Geraldes.

Da nota de Castelo Branco Chaves, esclarecedora e penetrantemente crítica:

«Em Camilo, a paixão amorosa desgraça e perde por culpa de uma sociedade a cuja ética, aliás, se não foge sem castigo. Seja a rivalidade de famílias, seja a autoridade dos pais, seja ainda a rebelião contra as condições sociais dos amantes — o que é certo é ser o amor o caminho para a desgraça e para a perdição. Mas a desgraça, na ética camiliana, é uma nobilitação e são eleitos os que sofrem — eleitos e privilegiados. Não podem ser desgraçados aqueles que não sejam personalidades fortes e não sejam capazes de viver obstinadamente as suas paixões e os seus sentimentos.»

«A Sereia», conquanto não iguale como criação literária o «Amor de Perdição», alcança contudo, mais o âmago da ética amorosa camiliana, na qual o amor, depois da sua realização sexual, se assenhoreia dos apaixonados, os aliena e os conduz á morte, desgraçados e perdidos.»

Os Faros da Casa Vimieiro

D. Maria Alice Mourisca Beaumont publicou agora «Cartas e Alvará dos Faros da Casa Vimieiro».

A origem principal da publicação é o Museu dos Condes de Castro Guimarães, de Cascais, onde se guardam «sem origem averiguada, mas tendo sido talvez propriedade da família, um interessante nucleo de documentos manuscritos relacionados directa ou indirectamente com a família Faro (Vimieiro)». A autora é conservadora desse museu e há que salientar o empenho em trazer a publico as peças principais que ao publico possam interessar. Não nos esqueçamos daquele exemplar precioso da «Crónica de D Manuel», que o museu guarda e que Braamcamp Freire publicou há mais de meio século.

Além das «Cartas e Alvarás», que se encontram em Cascais, foram publicadas também 19 cartas que se encontram em Vila Viçosa, no Paço Ducal.

Caminhos de Espanha

Para o conhecimento da História da Inquisição Espanhola são básicos os trabalhos de Juan Antonio Llorente, que, depois de ter sido secretário do temeroso tribunal, se refugiou em França, lá publicando a sua «Histoire Critique de l'Inquisition d'Espagne». Já antes, em Madrid, publicara a «Memoria Historica sobre cual ha sido la Opinion Nacional de España acerca del Tribunal de la Inquisición». É est aobra que agora foi reeditada numa editorial chamada de «Ciencia Nueva» e que reedita livros velhos como este. Com o título de «La Inquisiciou y los Españoles» e alguns apêndices uteis, como a relação das vitimas, decretos de supressão e restabelecimento da Inquisição, das Cortes de Cadiz e de Fernando VII, e um vocabulário das palavras usadas no Santo Ofício, o volume tem o valor de novo.

Repensando o casamento

Através de *Fragmentos polémicos a propósito da Conjugalidade* de J. C. Ferreira de Almeida, de *A questão do Casamento* e o Casamento em *questão* de Eduardo Lourenço, passando pelas notas muito pessoais de Alçada Baptista em que perpassam a infância, os mitos e os medos de todos nós, pelos apontamentos sobre natalidade (Miller Guerra) e psicanálise (Azevedo e Silva), «*O Casamento*» surge sob a luz de mil projectores.

Atacou o Tempo e o Modo neste seu 2.º Caderno o tema perpétuamente escaldante e perpétuamente morno, do Casamento. Fê-lo, de maneira exacta, num tom corajoso, que não deixa de confessar-se polémico na medida do necessário, mas que mantém ao longo de todo o número, nomeadamente na bela secção de Inquérito que inclui, uma dignidade e um equilíbrio notáveis. Ao lado de respostas e textos de antologia, encontramos pequenas maravilhas do que poderemos chamar *tradição* tanto em textos tirados de autores célebres como em muitas das respostas ao Inquérito. Citamos ao acaso — e se não pense que os não incluidos aqui não merecem apreço — os trechos de Eça e Bernardim, de Proust, Rilke, Stendhal, de Henry Miller e de Platão, e os de E. Prado Coelho, Maria Velho da Costa, Duarte de Almeida, Nuno de Bragança, Luís Moita, entre tantos.

Uma menção especial para a contribuição dos psicanalistas que nos parece de grande interesse e para os textos inéditos de Almeida Faria e Alberto Vaz da Silva, que completam este número orientado sob a frase lapidar: «A verdadeira tradição vive na contradição».

nem diante do vazio do desterro. O escritor magnífico completava o português de lei e o homem que se esforçou por europeizar Portugal.

Costa Dias, ao trazer dos arquivos da Universidade de Coimbra, tirando-o ao espólio de Garrett, o poema inédito antepôs-lhe longo estudo sobre «O jovem Garrett». Porque não foi publicado este poema libertino, em vida do seu autor. Parece-nos que se tem dado no vinte ao relacionar o facto com o processo em que o autor se viu envolvido com a publicação do «Retrato de Vénus». Em 1820, se o Santo Ofício estava moribundo, nem por isso a Polícia estava menos atenta a quanto cheirasse a estrangeirada. E não estavam longe também aquelas lutas sangrentas de anos e anos.

«O Roubo das Sabinas» vem a público numa boa edição crítica, inteiramente fac-similada, em face. O texto garretiano pode sempre ser conferido.

«Frei Luís de Sousa»

De Garrett saíu agora uma edição viva e movimentada do «Fr. Luís de Sousa», organizada pelo dr. Luís Amaro de Oliveira, com sínteses críticas, análise literária, planos de estudo e questionários, a edição da Porto Editora corresponde, realmente, não só aos programas liceais, mas ás suas necessidades pedagógicas. Nem sempre a realização gráfica correspondeu todavia ás intenções.

No volume, além do texto e dos complementos didácticos, se incluem muitas ilustrações vivas, de locais relacionados com a vida de Garrett, de realizações cénicas, teatrais e cinematográficas do «Frei Luís de Sousa».

QUINTAS-FEIRAS DA «DINASTIA»
GALERIA DINASTIA
Rua Escola Politécnica, 183
dia 9, às 22 h.
conferência
pelo Dr. Flávio Gonçalves
Professor da Escola de Belas-Artes do Porto que falará sobre «Dois artistas do barroco nortenho»

MÁRIO SACRAMENTO:

Diálogo inútil? Oh, não!

FERNANDO Guimarães, que muito prezo, considerou «diálogo inútil» (as aspas são dele) o que se travou e trava entre presencistas e neo-realistas. É óbvio que as aspas já dizem muito do que há de contraditório (e de consciencializado como tal) nessa afirmação. Mas di-lo mais ainda o facto da «inutilidade» ser tema de artigo público. É de aparentes ninharias como essa que a arte e a cultura se entretecem, afinal. O que nos obrigaria a precisar o que entendemos por útil, se quiséssemos ser mais exactos, uma vez que o útil intelectual não é, decerto, o dos aparelhos electrodomésticos, por exemplo, e muito menos o do pragmatismo burguês, embora haja incidência e sustentação entre um e outros. Sem os supermercados, os frigoríficos e as lavandarias, não teríamos, é mais do que certo, tantas e tão notáveis escritoras como temos hoje. E sem o neo-realismo, filho repontão, o presencismo seria há muito um defuntismo, quem sabe?

O certo é que tudo isso está gerando formas novas, que outros diálogos encaminham. Abstrair, por exemplo, de que o prefácio de Vergílio Ferreira a Foucault só tem a ver com este na medida em que é um pretexto para Vergílio Ferreira falar de si mesmo, é enredar paixão com lucidez. O artista tem todo o direito de ser apaixonado e injusto até. Como seria artista sem isso? Há casos, é certo, em que consegue isentar-se dos seus demónios privados para se debruçar objectivamente sobre os dos outros. É um sinal de grandeza. Mas que lhe havemos de fazer se o não consegue? Evitar, talvez, que escreva prefácios para obras alheias, quando se lhes opõe afectivamente, ou se serve deles para extravasar delas. Não foi, contudo, a vida literária feita de coisas como essa, em todos os tempos? Castilho que o diga — e chegamos ao ponto.

QUEM voltou a ler o *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas? Eu nunca, valha a verdade. Todavia, a carta-pósfácio que Castilho lhe apensou, por incrível que seja sob tantos aspectos, marcará sempre uma data fundamental da nossa literatura, — tão importante e decisiva, bem vistas as coisas, que toda a polémica gerada por ela é um rápido que, de cascata em cascata, não chegou ainda ao mar e inclui despenhadeiros como os do neogarrettismo-modernismo, presencismo-neo-realismo, existencialismo-estruturalismo e outros já havidos ou a haver. Não é agradável, decerto, ir-se dentro dum tonel, em tal correnteza! Há quem estrebuche com bravura. Outros, preferem pôr uma mãozinha de fora e servirem-se dela como leme. E não falta quem se estoire nos escolhos ou salte para as margens «tant bien que mal».

Quem voltou a ler Pinheiro Chagas?

Ora o cachoar desse fluxo é polémica ou é diálogo, segundo os declives que percorre. Reputá-los inúteis é uma inutilidade, pois nunca houve literatura que fosse só paixões ou só ideias. (Que serão umas sem as outras? Uma abstracção metodológica e nada mais.) E, muito menos, que fosse só estilo desbobinando-se como um em-si. O fino, englobante, caricioso ensaio de Fernando Guimarães que tenho presente *(Para uma Leitura de António Nobre*, separata de «Palestra»), sendo uma lição de conotações textuais e analíticas cuja leitura vivamente recomendo aos que não educaram a sensibilidade para a apreensão do que há de literàriamente fundamental nisso, postula que Castilho, ao reagir em 65 contra a nova geração, não se opôs fundamentalmente ao arvoramento ideológico desta, que sim à «vidrilhagem ou redundância imaginativa», ao «excessivo recurso a metáforas ou comparações audaciosas», à «fuga a uma 'divina naturalidade' que vinha dos bons tempos clássicos». Pudera não! Essa a cegueira de Castilho, precisamente, tão opaca e incurável, que não por acaso ou acinte sádico Antero se deixou escorregar para uma referência a ela, sem medir que, ao fazê-lo, não feria o intelectual apenas, mas o invisual físico sobretudo. Note-se que Teófilo fez o mesmo e que Ramalho teve o bom senso de atribuir o desabafo a ignorância ou subestimação do que houvesse nele de achincalho pessoal. Fora, aliás, o próprio Castilho quem provocara o ultraje, ao dizer que não *enxergava* as alturas a que as novas águias voavam. A crítica formal sempre antecipou ou substituiu a temática, como se tem visto no século actual, com o que se opôs à geração de 40 ou se está opondo à de 60.

COMPREENDE-SE que escritores prefiram discutir retórica (no bom sentido) a todas as outras coisas. E bem necessário é que assim seja, pois o ofício de escritor é escrever. Quantos não se apercebem que, ao fazê-lo, reflectem activamente) processos que são subliminares ao que exprimem? Duvido mesmo de que, para alguns, a consciência disso fosse favorável ao que exprimem. Uma coisa é a literatura, outra coisa é a cultura. Se ambas interdependem (como há pouco as emoções-ideias), isso não se passa num plano simplista de causa-efeito. Quem não o compreenda, não compreende nada.

Fiz notar, quando aqui problematizei alguns aspectos do prefácio de Alberto Ferreira ao primeiro volume desta obra*, a importancia do seguinte passo: «Parece-vos que o romantismo seja exclusivamente um fenómeno literário e artístico? Eu cuido que não, que é mais do que um fenómeno artístico. O romantismo corresponde á explosão duma nova mentalidade surdida de duas portas da Revolução Francesa: a *porta do Inferno* e a *porta do Paraíso*, assim digamos metafóricamente». (Explicitando: a da revolução e a da contra-revolução, como prolongamentos da luta inaugural entre burguesia e feudalismo.) E propus que, para prevenirmos a tentação — que a todos espreita — de reduzir mecanicamente o estético ao histórico-ideológico, usássemos a designação de burguesismo (de um ensaio de Luísa Dacosta) para distinguir tal mentalidade, reservando o de romantismo para as manifestações artísticas que engendrou. Só assim me pareceu e parece possivel evitar Cila e Caribdes, representados no caso pelos que tudo vêem com fenómeno estilístico (referência feita a Fernando Guimarães) e pelos que, procedendo como neopositivistas ou materialistas ingénuos que julgam não ser, tudo rebatem a epifenómeno sociológico.

No parágrafo «O Método em Questão» deste seu novo prefácio, Alberto Ferreira reconhece implicitamente a pertinência do reparo, na medida em que diz: «Há dois registos simultaneos, algumas vezes convergentes: o discurso histórico e o discurso artístico. No primeiro intervêm, predominantemente, factores de ordem política, económica, social, religiosa, jurídica que, necessária-

(Continua na 7.ª página)

FOLCLORE PLANETÁRIO

por João Moreira

O mundo é um código de leitura inesgotável; isto é, o seu teor, como texto, varia ilimitadamente a cada nova leitura. Mas a série dos significados será convergente para uma unidade de sentido. Toda a nossa experiência poderá (ao cabo) ser dita em poucas palavras. Cambronne terá dado a exacta medida. Mas pôde fazê-lo num limite em que tudo estava perdido, em que forma e conteudo se identificavam portanto (não era ocasião para retóricas).

A perfeição das sínteses totais são as «Estátuas da Liberdade» dos reinos da Utopia. A imperfeição dos discursos (as leituras particulares do código) é a nossa medida. Assumi-la é propiciar o advento dos reinos prometidos da Utopia.

LeRoi Jones lê, e diz-nos, através do código musical do *jazz*, o negativo da imagem em tecnicolor da sociedade dos U. S. A. *(Blues People*, LeRoi Jones).

Da *resistência* musical dos escravos negros importados da Africa Ocidental, ás orquestras *jazz* ou *dirty* (porcas), que pelo fim do século XIX eram já uma afirmação da presença da sociedade negra no seio (oh que seio!) da América branca; e daí ao unico «folclore» metropolitano e planetário, logo o unico «folclore» á escala humana, em oposição aos folclores alimentados a balões de oxigénio (ou de algum gás tóxico?) que ainda sobrevivem nos estudios de televisão e radiodifusão regionais, assistimos á criação simultânea do *jazz* e do *poder negro*.

«Os Negros, quando chegaram a este país, eram Africanos, estrangeiros. Os seus costumes, o seu comportamento, os seus desejos tinham sido modelados por outros lugares, por uma existência totalmente diferente.» — são estes os primeiros periodos do livro.

Vejamos os ultimos:

«É um facto reconhecido que o Ocidente, e muito particularmente o sistema americano, é hoje forçado a defender os seus valores e as suas ideias contra sistemas inteiramente hostis. Ao Negro americano pede-se que defenda o sistema americano com a mesma energia que o seu compatriota branco. Não há duvida que o Negro de classe média contribui e continuará a contribuir para essa defesa. Mas haverá talvez um ponto de interrogação no espírito de numerosos Negros pobres e também no de muitos jovens intelectuais negros. O que se lhes pede que salvem? É uma pergunta interessante e a América faria bem se lhe desse uma resposta.»

É neste intervalo — de tempo e de significado — que cabe a história do *jazz*.

I don't want you to be no slave
I don't want you to work all [day,
I don't want you to be true,
I just want to make love to [you.

É a letra de um *blue* primitivo.

LeRoi Jones refaz o percurso sem retórica. Não é preciso. A «profundidade», nesta matéria, está á superfície.

LeRoi Jones: BLUES PEOPLE

NOVIDADES

ULISSEIA

RENÉ DUMONT e BERNARD ROSIER — A FOME — FLAGELO DA HUMANIDADE
Uma objectiva antevisão do mundo dos próximos decénios através de um alarmante apelo no sentido de se remediar o problema da fome, sobretudo nos países do «Terceiro Mundo».
Col. «Documentos do Tempo Presente» ● 60$00

ERNST FISCHER — A NECESSIDADE DA ARTE
Obra de importante teorização estética, êste excepcional livro tornou-se já uma verdadeira «obra de consulta» para discussão e compreensão, numa perspectiva realista, dos problemas da arte do nosso tempo.
Colecção «Livros Pelicano» ● 40$00

H. G. WELLS — A GUERRA DOS MUNDOS
Um dos mais extraordinários romances de «ficção científica» de todos os tempos, que consagrou Wells como um dos «clássicos» da literatura de antecipação.
Colecção «Sucessos Literários» ● 40$00

EZRA POUND — ANTOLOGIA POETICA
Um dos maiores poetas do nosso tempo apresentado pela primeira vez em Portugal Selecção e prefácio do poeta brasileiro Augusto de Campos.
Colecção «Poesia e Ensaio» ● 40$00

Editora ULISSEIA - R.Misericórdia,125-1º.-LISBOA 2